

UNIVERSIDADE ABERTA



A Influência Portuguesa no Sudeste Asiático:

Olhares Portugueses de Tomé Pires, Gaspar Correia e Fernão Mendes Pinto sobre o Sudeste Asiático do Séc. XVI.

Alexandra Maria Meyers Martinho

Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares

Fevereiro 2024

UNIVERSIDADE ABERTA



A Influência Portuguesa no Sudeste Asiático:

Olhares Portugueses de Tomé Pires, Gaspar Correia e Fernão Mendes Pinto sobre o Sudeste Asiático do Séc. XVI.

Alexandra Maria Meyers Martinho

Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares

Dissertação de Mestrado orientada pela
Professora Doutora Ana Paula Menino Avelar.

Fevereiro 2024

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo apoio incondicional que me deram, especialmente aos meus pais que sempre me ensinaram a lutar pelos meus sonhos, e à minha avó Maureen.

À Jana e Riley pela amizade, o amor e a paciência que tiveram durante a realização deste trabalho.

À minha orientadora Professora Doutora Ana Paula Avelar, por todo o apoio, paciência e empenho com que sempre me orientou nesta dissertação.

Aos meus anjos, por olharem sempre por mim.

A todos os portugueses, que contribuíram para a História da Expansão e do Império português.

À Tailândia, por me ter recebido com o mesmo carinho que recebeu os nossos no século XVI.

A Ayutthaya, que me permitiu explorar, estudar e fotografar diversos espaços na cidade.

“Navegar é preciso, viver não é preciso”.

Fernando Pessoa

RESUMO

O presente trabalho procura apresentar uma análise sobre a presença/influência portuguesa no Sudeste Asiático, sob os *olhares* dos Portugueses Tomé Pires, Gaspar Correia e Fernão Mendes Pinto no século XVI.

Alguns dos caminhos em análise serão Malaca (Malásia), o Reino do Sião (Tailândia) e as ilhas das Molucas (Indonésia). Para tal, foram estudadas três obras de portugueses, que narram os feitos dos portugueses no Sudeste Asiático do século XVI. Toda a informação obtida, ajudará na reflexão e realização da temática em questão.

Além disso, realizou-se uma investigação histórica à cidade de Ayutthaya (Tailândia), que, ainda hoje, apresenta vestígios de influência portuguesa desde o século XVI.

Palavras Chave:

Sudeste Asiático; Ásia; Navegações Portuguesas; Portugueses; Influência; História.

ABSTRACT

The purpose of this research paper is to study the Portuguese presence/influence in Southeast Asia, told by three Portuguese, Tomé Pires, Gaspar Correia and Fernão Mendes Pinto in the sixteenth century.

Some of the places to be explored in this study, include Malacca (Malaysia), Siam (Thailand) and the Moluccas (Indonesia). Three books from the above-mentioned chroniclers were analysed to recount true events witnessed by them in Southeast Asian territories during the sixteenth century.

All the gathered information will help to conduct this research, as well as an investigation to Ayutthaya (Thailand), a city that still exhibits significant Portuguese influence since the sixteenth century.

Keywords:

Southeast Asia; Asia; Portuguese Navigations; Portuguese; Influence; History.

นามธรรม

วัตถุประสงค์ของรายงานวิจัยนี้คือเพื่อศึกษาการมีอยู่/อิทธิพลของโปรตุเกสในเอเชียตะวันออกเฉียงใต้ ซึ่งเล่าโดยชาวโปรตุเกสสามคน ได้แก่ โดเม ปิเรส, กัสปาร์ กอร์เรยา และเฟอร์เนา เมนเดส ปินโต ในศตวรรษที่ 16

สถานที่บางแห่งที่ต้องสำรวจในการศึกษานี้ ได้แก่ มัลลาคา (มาเลเซีย) สยาม (ไทย) และโมลุกกะ (อินโดนีเซีย) มีการวิเคราะห์หนังสือสามเล่มจากนักประวัติศาสตร์ที่กล่าวถึงข้างต้นเพื่อเข้าถึงเหตุการณ์จริงที่พวกเขาพบเห็นในดินแดนเอเชียตะวันออกเฉียงใต้ในช่วงศตวรรษที่ 16

ข้อมูลที่รวบรวมได้ทั้งหมดจะช่วยให้การดำเนินการวิจัยนี้ เช่นเดียวกับการสอบสวนจังหวัดพระนครศรีอยุธยา (ประเทศไทย) ซึ่งเป็นเมืองที่ยังคงได้รับอิทธิพลจากโปรตุเกสอย่างมีนัยสำคัญตั้งแต่ศตวรรษที่ 16

คำสำคัญ:

เอเชียตะวันออกเฉียงใต้; เอเชีย; ระบบนำทางโปรตุเกส; โปรตุเกส; อิทธิพล; ประวัติศาสตร์.

Índice Geral

Agradecimentos.....	II
Resumo.....	IV
Abstract.....	V
นามธรรม.....	VI
Índice Geral.....	VII
Introdução	1
1. Capítulo I – Conceito espacial e cultural do Sudeste Asiático no contexto histórico.....	9
1.1. Momentos de presença/influência portuguesa no Sudeste Asiático do Século XVI.....	14
1.2. Cruzamento de <i>olhares</i> sobre o Sudeste Asiático do século XVI.....	17
2. Capítulo II – Tomé Pires e a <i>Suma Oriental</i>	23
2.1. Tomé Pires o autor.....	23
2.2. Olhar de Tomé Pires sobre a presença/influência portuguesa no Sudeste Asiático do Século XVI	26
3. Capítulo III - Gaspar Correia e as <i>Lendas da Índia</i>	40
3.1. Gaspar Correia o autor	40
3.2. Olhar de Gaspar Correia sobre a presença/influência portuguesa no Sudeste Asiático do Século XVI.....	44
4. Capítulo IV - Fernão Mendes Pinto e a <i>Peregrinação</i>	61
4.1. Fernão Mendes Pinto o autor	61
4.2. Olhar de Fernão Mendes Pinto sobre a presença/influência portuguesa no Sudeste Asiático do Século XVI.....	64
5. Capítulo V – Do Comum e do Diferente em Tomé Pires, Gaspar Correia e Fernão Mendes Pinto: Vestígios de Permanência.....	78
5.1. Dos Espaços Físicos	78

5.2.	Das Gentes e Costumes	84
5.3.	Vestígios de Permanência	89
	Conclusão.....	107
	Fontes e Bibliografia.....	116
	ANEXOS – Tabelas Comparativas.....	125
	ANEXO I: Referência ao papel desempenhado pelos homens	126
	ANEXO II: Referência ao papel desempenhado pelas mulheres.....	131
	ANEXO III: Referência aos costumes.....	133
	ANEXO IV: Referência ao comércio e produtos.....	144
	ANEXO V: Referência à religião.....	158
	ANEXO VI: Referência ao estado de tempo.....	163
	ANEXO VII: Referência à moeda.....	165
	ANEXO VIII: Referência à fortaleza de Malaca “A Famosa”	168

Introdução

Como é de conhecimento geral, os portugueses foram os primeiros nas grandes navegações marítimas, que resultaram na descoberta de novas terras a nível mundial. No século XV, realizaram-se diversas navegações que permitiram explorar o Oceano Atlântico, como a conquista de Ceuta no norte da África, em 1415, que marcou a primeira grande conquista extraeuropeia. Aos poucos, descobriram-se novas terras, o que os levou, mais tarde, a mares e territórios asiáticos.

Existem vários documentos que descrevem os diversos momentos dos navegadores portugueses no Oriente, tais como a China, Macau e o Japão. No entanto, muitos desconhecem a influência e a conexão que os portugueses tiveram em países do Sudeste Asiático, como a Tailândia, a Malásia e a Indonésia.

O século XVI foi uma cronologia de viagens de descoberta e de exploração de novos mares e terras, para além do Atlântico. Essas mudanças, alteraram o modo como os europeus, incluindo os portugueses, olhavam o mundo. Este *olhar* foi transmitido por meio da criação de crônicas régias, e de expansão, com o objetivo de transmitir a magnitude imperial durante as novas descobertas, que se intensificaram devido à vontade de expandir o comércio, e às crenças religiosas do espírito cristão.

O presente trabalho procura analisar obras de uma memória descritiva, sobre o impacto da presença influente da cultura portuguesa no Oriente, investigando alguns dos caminhos percorridos pelo que é considerado Sudeste Asiático. A minha análise concentra-se nas narrativas dos percursos das viagens marítimas, cujos discursos se inserem na historiografia do Império português no século XVI.

Foram analisadas três narrativas de Tomé Pires, Gaspar Correia e Fernão Mendes Pinto. A *Suma Oriental*, editada por Armando Cortesão, em 1978 (Manuscrito de Paris), as *Lendas da Índia*, de Rodrigo José de Lima Felner, 1860, e a *Peregrinação*, de Adolfo Casais Monteiro, 1983, respetivamente.

Os autores em questão escreveram as obras no século XVI, onde oferecem ao leitor europeu uma visão da memória do passado, que ainda está presente.

O boticário português Tomé Pires escreveu a *Suma Oriental* no início do século XVI. Tendo conhecimento sobre o Manuscrito de Lisboa da *Suma Oriental*, a edição de Armando Cortesão foi eleita, pois entende-se que é uma cópia do original de Tomé Pires, que por razões que se desconhecem, foi entregue à Bibliothèque de l'Assemblée Nationale em Paris, onde ainda está.

O Manuscrito de Lisboa, apesar de ter sido copiado por volta de 1526, permanece na Biblioteca Nacional de Lisboa. No entanto, falta aproximadamente um terço da obra original, que contém dados inéditos sobre as regiões da Insulíndia e Malaca, ou seja, regiões do Sudeste Asiático que contém as informações mais relevantes para os leitores europeus.

Cortesão descobriu o Manuscrito de Paris em 1937, onde incorporou o texto original, bem como uma tradução em inglês, e uma introdução extensa com anotações concisas. Em 1978, a edição portuguesa da obra, foi publicada em Coimbra sob o título “*Suma Oriental* de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues.” É criticada pelos diversos erros cometidos, mas é considerada, até hoje, a obra mais digna de todos os títulos, sendo a mesma analisada para o presente trabalho.

Em 1996, Rui Manuel Loureiro publicou a edição do Manuscrito de Lisboa da *Suma Oriental* de Tomé Pires em Macau, onde apresenta uma análise crítica da obra do boticário e embaixador português.

A tabela inferior apresenta a comparação entre os dois manuscritos existentes da obra *Suma Oriental*, ou seja, o Manuscrito de Paris e o Manuscrito de Lisboa.

Suma Oriental de Tomé Pires	Ano	Fólios	Dimensão	Editores
Manuscrito de Paris	1516	178	263x377 mm	Armando Cortesão (1944 v. Ing. 1978 v. Pt.)
Cópia parcial do Manuscrito de Lisboa	1526	F. 41 V.-98	22 cm	Rui Manuel Loureiro (1996)

Além das obras apresentadas na tabela, há uma versão italiana do texto obtida em Lisboa por Giovanni Battista Ramusio. Na sua obra *Navigazioni et Viaggi*, publicada em 1550, o editor italiano relata as dificuldades que enfrentou em relação à aquisição do manuscrito, “com grandíssima fatica e difficultá avendo mandato a farla transcrivere insino a Lisbona, a pena ne abbiamo potuto avere una copia, e quela anche imperfetta”¹.

A *Suma Oriental* de Tomé Pires, bem como o *Livro das Coisas do Oriente* de Duarte Barbosa, são dois exemplos de livros que oferecem “novos mundos ao mundo”. No entanto, Barbosa descreve os espaços compreendidos pelo Índico ocidental, e Tomé Pires centra-se, predominantemente, nas regiões do Índico oriental, e do Mar do Sul da China.

Em meados do século XVI, Gaspar Correia escreveu as *Lendas da Índia*. A análise da sua obra será fundamentada na leitura publicada pela Ordem de Classe de Ciências Moraes, Políticas e Belas Letras da Academia Real das Ciências de Lisboa, sob a direção de Rodrigo José de Lima Felner, conservada na Biblioteca Nacional de Portugal. Tendo conhecimento sobre a edição da Lello & Irmão Editores de 1975, com o prefácio de Manuel Lopes de Almeida, Felner foi o primeiro a reproduzir o livro original cujo título é “Archivo”.

¹ G.B. Ramusio, “*Navigazioni et Viaggi*” ed. Gli Heredi di Lucantonio Giunti, 1550, vol. 2, p. 541.

A edição de Lopes de Almeida contém apenas 54 cadernos do primeiro livro de 1967. Existe ainda uma segunda cópia da Real Biblioteca da Ajuda, que foi impressa na Universidade de Coimbra em 1925. No entanto, esta última, ao contrário da anterior, apresenta uma série de erros graves. A primeira edição da obra é considerada a mais original, sendo a mesma escolhida para este trabalho.

Apresentam-se na seguinte tabela, as três edições de *Lendas da Índia*.

<i>Lendas da Índia</i> de Gaspar Correia	Edição	Local	Ano publicado
1ª edição	Rodrigo José de Lima Felner	Ordem de Classe de Ciências Moraes, Políticas, e Belas Letras da Academia Real das Ciências de Lisboa	1858
2ª edição	Imprensa da Universidade de Coimbra	Coimbra	1925
3ª edição	Manuel Lopes de Almeida	Lello & Irmão Editores, Porto	1975

A *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto é uma das obras-primas da literatura de viagem do século XVI. Pedro Craesbeeck escreveu a primeira edição em 1614, e Adolfo Casais Monteiro a segunda em português moderno. Esta última versão foi elaborada de acordo com o texto original de Craesbeeck, com ilustrações e mapas que facilitam a compreensão da obra. Casais Monteiro foi um dos primeiros a destacar a pouca relevância da discussão sobre a ficção, bem como a verdade da narrativa de Fernão Mendes Pinto, a importância da sua oralidade e da

marginalidade estilística, de forma a produzir uma das obras mais romanescas do século.

António José Saraiva² apresentou a *Peregrinação*, como um dos livros de viagem mais interessantes do século XVI, bem como um dos mais importantes da literatura mundial.

A tabela seguinte apresenta as edições completas da obra, que surgiram após a publicação original pelos prelos de Pedro Craesbeeck, em 1614.

<i>Peregrinação</i> de Fernão Mendes Pinto	Edição	Local	Ano publicação
Edição popular com notícia, notas e glossário	J.I. de Brito Rebello	Lisboa, Livraria Ferreira	1908-1910
Nova edição conforme a de 1614, precedida de uma notícia biobibliográfica	Jordão Freitas	Vila Nova de Gaia: Cosmópolis	1930-1931
Nova edição conforme a de 1614	A. J. da Costa Pimpão e Cesar Pegado	Porto: Portucalense Editora	1944-1945
<i>Peregrinaçam</i> : texto primitivo, inteiramente conforme à primeira edição (1614)	Adolfo Casais Monteiro	Lisboa; Rio de Janeiro: Sociedade de Intercâmbio Cultural Luso-Brasileiro: Livraria-Editora da Casa do	1952-1953

² António José Saraiva, Prefácio In: Fernão Mendes Pinto (1614) 1981, P. XII

		Estudante do Brasil	
<i>Peregrinação</i> e outras obras	António José Saraiva	Lisboa: Sá da Costa	1961-1962
<i>Peregrinação</i> de Fernão Mendes Pinto	Manuel de Abreu Mouzinho; introdução de Aníbal Pinto de Castro	Porto: Lello & Irmão	1984
<i>Peregrinação</i> & Cartas. Comentários Críticos de Eduardo Lourenço	Maria Alberta Menéres	Lisboa: Afrodite	1989
Fernão Mendes Pinto and the <i>Peregrinação</i>	Jorge Santos Alves; trad. Kevin Rose and Richard Trewinnard.	Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda; Fundação Oriente	2010

Em Lisboa, existem ainda as edições em espanhol de Tomas Lundil (1620) e de Melchor Sanchez (1664), bem como uma em francês de Arnould Cotinet e Jean Roger (1645). António Craesbeeck de Mello publicou duas edições, uma em 1678, e outra em 1762, através de Luiz de Moraes³.

Além das edições originais e completas, existem também adaptações da obra *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, o que demonstra a sua popularidade entre escritores e historiadores, em diversas partes do mundo.

A escolha dos autores justifica-se pelo facto de os três apresentarem obras de presença/influência portuguesa em cronologias diferentes, sobre diversos momentos de presença portuguesa no Sudeste Asiático do século XVI. Observamos como Tomé Pires trata a primeira metade do século XVI, Gaspar Correia a meados, e Fernão Mendes Pinto a segunda.

³ Informação retirada do Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Vol. 46/47 (2015/2016) pp. 265-274.

A *Suma Oriental* de Tomé Pires, que é considerada um dos primeiros tratados da geografia asiática, elaborados não somente por um português, mas também por um europeu, foi produzida entre os anos de 1512 e 1515.

Gaspar Correia menciona, no início da sua obra *Lendas da Índia*, que não pretende tratar o espaço físico como Tomé Pires e Duarte Barbosa o fizeram. Correia refere-se a um tratado escrito por Barbosa, sobre todas as terras, gentes, leis, costumes, e tratos que começaram nos Léquios até ao Cabo da Boa Esperança, “[. . .] Duarte Barbosa [. . .], que fez hum Tratado, que eu vi, de todas as terras, gentes, leis, costumes, e tratos, começando dos Lequeos, correndo todo o mar, que acabou no cabo da Boa Esperança.”⁴

Por fim, Fernão Mendes Pinto conclui a sua *Peregrinação* na segunda metade do século XVI, período que se distingue da dos outros autores, uma vez que descreve a vida, os costumes, e as instituições de diversos lugares.

A presente dissertação apresenta um total de cinco capítulos, em que o primeiro aborda o conceito espacial e cultural do Sudeste Asiático, inserido no contexto histórico, bem como os primeiros momentos de presença/influência portuguesa nos espaços geográficos e sociais do século XVI. Os capítulos seguintes apresentam os traços biográficos dos autores, bem como uma análise ao cruzamento de *olhares*, que abordam os diversos caminhos em estudo. No último capítulo serão apresentados os denominadores em comum das três obras, bem como os aspetos inovadores e de memória, destacando as características dos espaços físicos, das gentes, dos costumes, e dos vestígios de permanência no Sudeste Asiático. Como tal, foi realizada uma investigação à cidade de Ayutthaya, que ajudou na recolha e análise dos diversos vestígios de permanência deixados pelos portugueses.

⁴ Gaspar Correia, “*Lendas da Índia*” ed. R.J. Lima Felner, 1860, p. 357.

Apresentam-se, ainda, em anexo, tabelas comparativas que demonstram as referências relatadas pelos três autores nos diversos espaços Sudeste Asiáticos do século XVI.

O estudo é um trabalho de pesquisa e de revisão bibliográfica, bem como de investigação histórica centrada em vestígios materiais e documentais da presença/influência portuguesa.

1. Capítulo I – Conceito espacial e cultural do Sudeste Asiático no contexto histórico

A presente dissertação procura analisar a existência de influência portuguesa no Sudeste Asiático durante o século XVI, período que foi bastante influenciado pela chegada de países ocidentais como os portugueses.

A chegada e a conquista de Malaca, “*um dos portos mais ricos do universo*”⁵, em 1511, sob a liderança do governador da Índia portuguesa Afonso de Albuquerque, não apenas proporcionou oportunidades de comércio, como também facilitaram novas conexões e acordos de amizade, que ainda persistem em diversos territórios do Sudeste Asiático, como o Sião e as ilhas Molucas. A conquista da cidade malaia, constituiu, assim, “*a peça chave para o alargamento e estabilização da rede urbana portuguesa nas geografias do Sudeste Asiático*”.⁶

Em primeiro lugar, é importante estabelecer o que é entendido pelo conceito de Sudeste Asiático. O termo foi utilizado em trabalhos académicos, sobretudo nas áreas da geografia e da antropologia, no início da Segunda Guerra Mundial, em 1939. Russel H. Fifield⁷ afirma que o termo surgiu por conveniência, como necessidade de nomear uma entidade geográfica no mapa. A sua origem surge há aproximadamente dois milhões de anos, que nos leva a acreditar que as populações do Sudeste Asiático são descendentes dos Homo erectus⁸ migrados da África, carregando consigo ferramentas de alta qualidade, habilidades de caça, uma vida social orientada por grupos, e uma grande capacidade de adaptação a novos ambientes. É provável que este tenha sido o primeiro grande momento de migração na história da humanidade.

⁵ Pierre Guisan, “*Vestígios do Sonho Português no Sudeste Asiático*”. P.168.

⁶ Vera Domingues, “*Cultura e Património Urbanístico da Influência Portuguesa na Ásia 1503-1663*”. 2017, P. 242.

⁷ Russel H. Fifield, “*Southeast Asia as a Regional Concept*”, 1983, p. 1.

⁸ Homo erectus, foi uma espécie de homínido que evoluiu na África, e foi identificado pela primeira vez na ilha do Java em 1891 por Eugène Dubois. Disponível *online* In: The Australian Museum website - <https://australian.museum/learn/science/human-evolution/the-first-modern-humans-in-southeast-asia/> [Consult. 05-01-2023].

As escavações arqueológicas na região do Java, na atual Indonésia, sugerem que o Homo erectus se espalhou pelo sudeste da Ásia, muito antes da chegada dos europeus, há 1.5 milhões de anos. Craig Lockard⁹ afirma que os níveis do oceano eram visivelmente mais baixos durante a Idade do Gelo, o que resultou na conexão terrestre entre as ilhas asiáticas. Deste modo, é provável que, por muitos anos, diversas populações de Homo erectus tenham sobrevivido em áreas remotas com a humanidade mais moderna, ou seja, os Homo sapiens. Devido ao aumento dos níveis do oceano há aproximadamente 10.000 anos, arqueólogos discutem a improbabilidade de encontrar evidências da existência dos primeiros Homo sapiens no Sudeste Asiático. No entanto, a evolução da humanidade nos territórios em questão, bem como o desenvolvimento da agricultura e dos campos de cultivo, contribuíram para o aumento da produção de bens que acabaram por despertar o interesse de inúmeras civilizações ocidentais.

O Sudeste Asiático era compreendido como um espaço recorrente de contactos pré-coloniais, de viagens e de comunicações, contudo, não existia o conceito de regionalismo. Apesar de os países do Sudeste Asiático não usufruírem de um nome em comum, os primeiros navegadores e comerciantes de origem indiana, seguido pelos chineses e japoneses, assinalaram a terminologia. Os mercadores indianos utilizavam o termo *Suvarnavipa*, ou seja, “Terra do Ouro”, e os chineses e japoneses *Nanyang* e *Nanyo*, respetivamente, traduzidos como “Mares do Sul”. É importante salientar como essas expressões refletiam os papéis que os mercadores desempenhavam no mar, o que demonstra a importância do comércio marítimo na época.

As variações anuais do clima tropical no Sudeste Asiático, como, por exemplo a monção, teve um grande impacto no quotidiano da região. De acordo com Lockard,¹⁰ a geografia da região era composta de extensos vales férteis e de rios fluviais. As florestas eram protegidas por cadeias montanhosas num ambiente

⁹ Lockard, “Southeast Asia in World History”, 2009, p.5.

¹⁰ Craig Lockard, “Southeast Asia in World History”, 2009, p.7.

marítimo, onde as ilhas, muitas delas vulcânicas, se encontravam dispersas. As características mencionadas, estabeleceram a formação da diversidade cultural que resultou numa grande variedade de religiões, línguas, culturas e quotidiano na região. Os rios fluviais eram adequados para a caça e a agricultura, o que, posteriormente, favoreceu a expansão populacional da região. Assim, a produção de diversos produtos como o arroz, banana e criação de gado no Sudeste Asiático, atraiu países europeus como Portugal, Holanda e Espanha no século XVI.

Apesar de não ser possível estabelecer uma delimitação precisa das regiões em questão, é possível concluir que a maioria dos países do Sudeste Asiático foi fundada durante a colonização dos europeus, entre 1500 e 1900. Esses territórios, correspondem às atuais Burma, Tailândia, Laos, Camboja, Vietname, Malásia, Singapura, Brunei, Indonésia, Timor-Leste e as Filipinas¹¹. As regiões do Sudeste Asiático despertaram um enorme interesse, não apenas pela sua história colonial, mas também pelo facto de serem ricas em diversidade cultural, uma vez que possuem uma série de influências culturais, oriundas de territórios como a China e a Europa.

No início do século XVI já era possível notar a presença/influência europeia nas Filipinas, Indonésia e nos Estreitos de Malaca. Apenas o Sião conseguiu escapar ao domínio cultural europeu, concedendo o resto da Ásia sudeste entre os britânicos, os holandeses, os franceses, os espanhóis, os americanos e os portugueses.

O Vietname esteve sob a dominação chinesa desde 43 A.D. até 1010 A.D., onde a sua cultura foi fortemente influenciada pela China.

No mapa seguinte, manifestam-se os espaços que pertenciam aos reinos do Sudeste Asiático entre 1400 e 1600. Muitos dos territórios encontram-se descritos nos relatos dos três autores em estudo, ou seja, Tomé Pires, Gaspar Correia e Fernão Mendes Pinto, sendo Pires o responsável pela detalhada descrição espacial e cultural dos territórios na sua obra a *Suma Oriental*.

¹¹ Lewis Hill, "South-east Asia", 1984, P. 86



Figura 1 – Lockard, *Southeast Asia in World History*, 2009.¹²

A região do Sudeste Asiático foi fortemente influenciada pela cultura europeia, sendo os portugueses os primeiros a estabelecer conexões em espaços como Malaca e o Sião.

O primeiro momento de presença/influência portuguesa ocorreu quando cinco navios portugueses chegaram à cidade de Malaca. O comércio da região acabou por atrair os portugueses, uma vez que estes tinham como objetivo manter o monopólio

¹² Craig Lockard, “Southeast Asia in World History”, 2009, p. 53.

do comércio de especiarias, estabelecendo diversas fortalezas e entrepostos comerciais.

A conquista portuguesa de Malaca tornou-se um dos momentos mais importantes no contexto histórico do Sudeste Asiático, uma vez que o século XVI foi uma época repleta de novas descobertas, provenientes das grandes explorações marítimas. Segundo Keith W. Taylor,¹³ Malaca não era apenas uma cidade portuária, mas sim a “*cabeça de um corpo mais vasto*”.

A religião muçulmana no Sudeste Asiático, já era reconhecida no século IX, dominando as costas de Malaca e Sumatra nos séculos XIV e XV. Como consequência, os sultões criaram uma rede de vassalos através do Estreito baseado na solidariedade islâmica, nas relações dinásticas com vários sultanatos vizinhos, e na supremacia ideológica da sua linhagem, que remontava aos tempos do império de Sri Vijaya.¹⁴ Durante o século XIII, o império dominava grande parte do Sudeste Asiático, mas acabou por enfraquecer devido às derrotas sofridas pelas populações do Java, bem como pelos siameses de Sukhodaya¹⁵ que conquistaram a península malaia.

A Ásia sempre exerceu um grande fascínio sobre os portugueses, uma vez que a maioria dos produtos valorizados, como as especiarias, o marfim e diversas pedras preciosas, eram oriundos de países asiáticos. Chaudhuri afirma que “*um conceito como o de Ásia ocorre em larga medida por via de uma transferência inconsciente de um padrão de identidade distinto, o europeu (...) a Ásia geográfica configura-se como a imagem dialéctica da Europa*”.¹⁶

Malaca foi um dos centros de comércio mais importantes na história global da economia, uma vez que, antes da conquista portuguesa, a cidade já era considerada

¹³ Keith W. Taylor, “The Early Kingdoms, in Nicholas Darling” ed. The Cambridge History of Southeast Asia, (Cambridge University Press), 1999, I, 1, p. 175.

¹⁴ K.A. Nilakanta Sastri, “History of Sri Vijaya (Sir William Meyers Lectures, 1946-47)”, 1949, p. 27.

¹⁵ A.B. Griswold, “1. The Heritage of Sukhodaya, In: The Buddhas of Sukhodaya”, 1953, p. 5.

Sukhodaya é uma região entre Bangucoque e a fronteira norte do Sião. Hoje encontra-se em ruína, devido à alteração das rotas comerciais.

¹⁶ Francisco Roque Oliveira. “Os Portugueses e a Ásia Marítima, C. 1500 – C. 1640: Contributo para uma leitura global da primeira expansão europeia no Oriente. 2ª parte: O Estado Português da Índia” 2003.

um dos maiores portos comerciais. Muitos historiadores e cronistas, como Tomé Pires, acreditam que Malaca foi fundada em 1400 (século XV). Pires descreve a região e as gentes que nela habitam antes de ser conhecida pelo seu nome. Após a conquista de 1511, Afonso de Albuquerque enviou António de Miranda D’Azevedo para o Sião e Pegu, Ruy D’Acunha para o Java, e António D’Abreu para as ilhas das Molucas. Estas missões tinham como objetivo continuar a desenvolver e a descobrir novas oportunidades de comércio, como as especiarias que contribuíram para a prosperidade de Malaca, local onde se desenvolveram os primeiros momentos de presença/influência portuguesa no Sudeste Asiático do século XVI.

1.1. Momentos de presença/influência portuguesa no Sudeste Asiático do século XVI

Os portugueses eram reconhecidos pelo domínio do comércio marítimo. Como Charles R. Boxer¹⁷ menciona, houve uma série de fatores económicos, religiosos, estratégicos e políticos, que resultaram numa corrida frenética pelo mundo durante os séculos XV e XVI.

O primeiro grande momento de presença influente de aculturação portuguesa no Sudeste Asiático ocorre em 1511, quando Afonso de Albuquerque conquista a cidade de Malaca. No entanto, antes de prosseguirmos para o tema em questão, é importante destacar e compreender a região malaia.

Malaca, situada no extremo sul da Ásia continental e no Estreito de Malásia, foi um dos maiores entrepostos comerciais da época.¹⁸ Luís Filipe F. R. Thomaz¹⁹ descreve o reino islâmico, que era protegido pela China antes da conquista

¹⁷ Charles R. Boxer, “Portuguese Timor: A Rough Island Story: 1515-1960”, v. 10, n. 5, p.40.

¹⁸ Smarika Nawani, “The Portuguese in Archipelago Southeast Asia (1511-1666)”, vol. 74, 2013. P. 703.

¹⁹ Luis Filipe F. R. Thomaz, “The Malay Sultanate of Melaka”. In: Reid, A. (Ed.) Southeast Asia in the early modern era: trade, power, and belief. [s.l.] Cornell University Press, 1993, pp. 71-75.

portuguesa, como o centro do comércio no Sudeste Asiático no século XV. Ptak²⁰ afirma como Malaca era uma localização estratégica na rota que ligava o Mar do Sul da China com as ilhas do arquipélago indonésio.

Os portugueses tiveram a oportunidade de adquirir conhecimento sobre as rotas regionais, bem como dos mecanismos de comércio na região, uma vez que era uma enorme cidade portuária com uma população entre cem mil e duzentos mil habitantes. Assim, Afonso de Albuquerque inicia as suas viagens com o objetivo de estabelecer contatos comerciais, bem como alianças, para fortalecer a presença/influência portuguesa na região. Boxer afirma que uma das estratégias de Albuquerque foi casar mulheres locais e portugueses, de modo a obter descendentes mestiços, fiéis a Portugal, sem a intenção de retornar à metrópole.

Em abril de 1512, Albuquerque notificou o Rei D. Manuel I que lhe estava a fazer o envio de alguns mapas, um dos quais lhe merecia realce, *“parece-me, Senhor, que foi a melhor coisa que eu nunca vi, e Vossa Alteza houvera de folgar muito de a ver”*.²¹ Este mapa representava o espaço entre o Sião e a China, incluindo as ilhas da Ásia do Sudeste e as ilhas de navegação. Tratava-se de um original que pertencera a um piloto do Java, abrangendo todo o continente asiático até ao cabo da Boa Esperança, Brasil e Portugal.

Em 1503, o monarca²² português determinou o envio de três armadas para territórios da Ásia, onde D. Francisco de Almeida foi o primeiro comandante nomeado para o cargo, seguido por Diogo Lopes de Sequeira, e mais tarde Diogo Mendes de Vasconcelos.

D. Manuel focou a sua atenção em Malaca de forma estratégica e comercial, pois para além de receber arroz do Pegu e do Sião para consumo local, distribuía produtos como tecidos de algodão de Coromandel, Guzerate e Bengala. Eram produzidas porcelanas de origem chinesa, cravo e noz-moscada nos arquipélagos

²⁰ Roderich Ptak. “The Transportation of Sandalwood from Timor to China”. In: Ptak, R. (Ed.) Portuguese Asia: Aspect in History and Economic History, Sixteenth and Seventeenth Centuries, 1987, p. 92.

²¹ T.F. Earle; John Villiers, “Albuquerque: Caesar of the East. Selected Texts by Afonso de Albuquerque and His Son”, 1990, p. 148.

²² D. Manuel I. Rei de Portugal entre 1495-1521.

das Molucas e Banda, e pimenta das ilhas vizinhas de Sumatra e Java. Com isto, não é de admirar o entusiasmo do monarca português em assentar súbditos seus em territórios do Sudeste Asiático.

A primeira visita portuguesa a Malaca foi realizada por Diogo Lopes de Sequeira, cujo objetivo era avaliar o potencial comercial. No entanto, a sua permanência na região foi breve, pois Sequeira tomou conhecimento de que o sultão malaio o queria executar. Desse modo, o português só tinha como opção abandonar o território deixando portugueses em cativo.

Afonso de Albuquerque é uma das figuras mais importantes da história da Ásia marítima. Conquistou Goa em 1510, e em 1511, chega a Malaca após ter tomado conhecimento da expedição de Sequeira. Consigo, levou dezanove navios com cerca de mil e quatrocentos soldados, tanto portugueses quanto malabares. Em *Lendas da Índia*, Gaspar Correia descreve a história dos portugueses em Malaca, que será, assim, como *Suma Oriental e Peregrinação*, apresentada no presente trabalho.

O Reino do Sião, conhecido como Tailândia, é um país exótico que se destaca pelo seu património cultural. No entanto, não é de conhecimento geral a presença/influência exercida pelos portugueses na região.

O Sião foi dos poucos países do Sudeste Asiático a ser colonizado. No entanto, teve influência oriunda de territórios europeus, sendo os portugueses os primeiros a chegar ao espaço no século XVI. A sua capital era Ayutthaya²³, fundada no século XIV durante o reinado de Rama Thibodi I.

Kenneth R. Hall²⁴ destaca como Ayutthaya se tornou num porto de comércio importante nos séculos XV e XVI. A sua excelente localização, desde o Golfo da Tailândia até o rio Chaophraya,²⁵ beneficiou-a bastante em termos comerciais e

²³ Cidade tailandesa, situada a cerca de setenta quilómetros de Bangucoque. Foi a capital do Reino do Sião durante o século XVI.

²⁴ Kenneth R. Hall. "*European Southeast Asia Encounters with Islamic Expansionism, circa 1500-1700: Comparative Case Studies of Banten, Ayutthaya, and Banjarmasin in the Wider Indian Ocean Context*", 2014, P. 241.

²⁵ O principal e mais importante rio da Tailândia. É uma forte ligação de transporte de comércio como o arroz. Os habitantes construíram as suas casas em volta do rio devido ao seu ambiente.

políticos, bem como a protegia das tempestades. Assim, Ayutthaya tornou-se num dos reinos mais poderosos do Sudeste Asiático.

Como resultado das expedições enviadas por Albuquerque, o Reino do Sião estabeleceu relações diplomáticas com países europeus, como Portugal durante o período de Ayutthaya. Os portugueses desenvolveram relações amigáveis durante o reinado do Rei Rama Thibodi II,²⁶ e intensificaram o comércio marítimo com diversas outras regiões do Sudeste Asiático. Os missionários enviados pelo governador português, numa missão diplomática sem sucesso, permaneceram no Reino com autorização para o comércio de bens, que resultou na emigração de inúmeros lusitanos para o Sião.

Na sua obra *Peregrinação*, Fernão Mendes Pinto menciona os diversos momentos de presença/influência portuguesa no Sudeste Asiático, bem como o espaço geográfico, social e cultural de diversas regiões, como o Sião e as ilhas das Molucas.

1.2. Cruzamento de olhares sobre o Sudeste Asiático do século XVI

Neste trabalho foram analisadas três obras do século XVI, que apresentam diferentes visões sobre o espaço geográfico e social das regiões do Sudeste Asiático, em três cronologias distintas. A escolha destes autores baseia-se pelo facto de terem sido os primeiros a escreverem sobre os diversos momentos de presença/influência portuguesa, tendo em comum um mesmo espaço, o Sudeste Asiático, em períodos diferentes. Tomé Pires aborda o início da primeira metade, Gaspar Correia em meados e Fernão Mendes Pinto a segunda.

Ao longo da sua pesquisa, os autores afastam-se das usuais crónicas régias procurando traçar as regiões em estudo à medida que as exploram à procura da

²⁶ Em tailandês “พระสุริยราช”, Ramathibodi II (Rama, cujo significado é Rei em língua tailandesa). Foi rei de Ayutthaya durante os anos de 1491 a 1529. O seu reinado foi fortemente marcado pela presença portuguesa no século XVI.

verdade. Oferecem um caráter histórico e pedagógico ao seu discurso que nos interessa compreender. Deste modo, procuramos as divergências no olhar sobre os territórios em questão e confrontá-los com as obras *Suma Oriental*, *Lendas da Índia* e *Peregrinação*. As gentes, os costumes e a geografia são descritas com maior ou menor precisão mediante o preposito narrativo de cada autor, do seu sentir e da sua vontade de explicar o que era *maravilhoso* ou diferente.

A narrativa de Tomé Pires difere da de Gaspar Correia, uma vez que o autor usa uma quantidade de adjetivos para qualificar o que vê e ouve, além de detalhar as terras e as suas populações, descrevendo os costumes, comportamentos e os diversos tipos de produtos comercializados entre elas. Pires ajuda o leitor a situar-se face ao que é narrado, sendo eleito para este trabalho devido à sua precisão escrita que serve como um tratado geográfico. É importante salientar que Pires dedica a sua obra ao monarca D. Manuel, apresentando-lhe, assim, novos lugares geográficos que conheceu ao longo das suas aventuras.

A *Suma Oriental* apresenta uma variedade de espaços geográficos, semelhante ao que era considerado Sudeste Asiático no século XVI. Além de descrever os locais geograficamente, o autor descreve o espaço social, usufruindo a oportunidade de analisar as pessoas que residiam em determinados espaços geográficos, oferecendo, assim, ao leitor, um *olhar* que difere da de outros autores que marcaram presença em territórios como Malaca, Cochim e Java.

Pires inicia a sua obra ao analisar cada região e as suas gentes. Observemos, por exemplo, quando o escritor descreve as diversas etnias presentes na região de Bengala, tais como turcos, rumes e árabes, bem como a variedade de alimentos consumidos, como carne, peixe, arroz e trigo. O autor faz o mesmo em todas as áreas descritas na sua obra, o que a torna única e crucial para a presente dissertação.

Gaspar Correia, ao contrário, inicia a sua obra mencionando que não pretende fazer de *Lendas da Índia* um tratado geográfico, ou seja, não tratará o espaço físico com a mesma precisão com que Pires e Duarte Barbosa, por exemplo, o fizeram. Assim, entende-se que a obra de Correia, ao invés de tratar das regiões em questão

para o presente trabalho, não descreve com a mesma especificidade o espaço geográfico e o social, uma vez que não tinha como objetivo escrever sobre as terras e as suas gentes. Apenas relata os momentos alcançados pelos portugueses, não tendo a oportunidade de presenciar muito do que escreve, pois, ao contrário de Pires, Correia recorre a fontes secundárias para transmitir muito do que descreve, pois, o autor, ao contrário de Tomé Pires e Fernão Mendes Pinto, não visitou as terras do Sudeste Asiático. No entanto, é importante lembrar como o autor viveu grande parte da sua vida na Índia portuguesa, onde, com certeza, utilizou fontes documentais de cronistas como Fernão Lopes de Castanheda e João de Barros, bem como foi escrivão de Afonso de Albuquerque.

A sua obra, dividida em quatro livros, relata os momentos de presença/influência portuguesa nos territórios do Sudeste Asiático, sendo no Livro Segundo onde escreve sobre as regiões em destaque, focando-se nos feitos alcançados, como a chegada do governador português Afonso de Albuquerque e a conquista de Malaca. Correia apresenta uma perspectiva que difere da de outros autores ao descrever a vida das pessoas que habitaram Malaca, as tradições, as leis e os costumes. Enquanto Tomé Pires foca na geografia dos locais, Correia centra-se no espaço social, principalmente nos feitos dos portugueses em regiões como Malaca e o Reino do Sião. Utiliza termos exagerados para descrever a arquitetura e a construção da fortaleza portuguesa em Malaca, assim como a moeda criada nela e o estado do tempo. Além disso, também descreve os hábitos e as tradições das pessoas, mas de uma maneira que difere da de Tomé Pires.

O *olhar* de Fernão Mendes Pinto é bastante diferente, pois o seu objetivo em *Peregrinação* era explicar o *maravilhoso*, colocando-o ao alcance do seu imaginário, transmitindo todas as dificuldades enfrentadas e superadas ao longo dos caminhos percorridos. Mendes Pinto descreve o espaço geográfico e social do Sudeste Asiático sob uma perspectiva única, pois presenciou e viveu as regiões que descreve, sobretudo no que diz respeito ao Reino do Sião. O autor apresenta uma visão geral do espaço geográfico, como, por exemplo, os rios de água doce e a terra fértil do Sião. No entanto, centra a sua escrita em aspetos sociais, ou seja, os eventos que

ocorreram com as pessoas de uma determinada região, as gentes que encontrou, as etnias, os comportamentos e os costumes. Escreve sobre a conexão amigável entre os portugueses e os siameses que ainda persiste até hoje. A veracidade dos factos também foi investigada e analisada através de uma visita à cidade de Ayutthaya, que se encontra repleta de vestígios da influência portuguesa desde o século XVI.

Assim, “*a escrita dos acontecimentos históricos enuncia a função do indivíduo como actante num determinado espaço, descrevendo os seus traços físicos, psicológicos, comportamentais, e afirmando-o nas diferentes esferas do poder*”.²⁷

O presente trabalho centra-se no encontro dos portugueses com as regiões do Sudeste Asiático no século XVI, o que nos interessa compreender como a permanência num espaço físico pode influenciar o conhecimento do *outro*. O contato dos autores com outras civilizações favorece a aproximação entre o *nós* e o *outro*, diminuindo a distância entre o que é considerado real e o que é considerado imaginário. Assim, procuramos, através das perceções visuais dos três autores, explorar a influência portuguesa na descoberta do *outro*, usufruindo de um conjunto de visões que representam o *outro* em diferentes regiões do Sudeste Asiático, como Malaca, Sião, ilhas das Molucas e Pegu.

Existem diversos textos académicos que abordam a perspectiva do *Outro* em relação a diversos lugares extraeuropeus, como a Ásia. Ana Paula Avelar menciona a possibilidade de analisar o espaço e a representação do *Outro* no século XVI através da crónica portuguesa. Esses discursos, que têm como objetivo revelar o *Outro*, devem ser, “*entendidos no âmbito de um contexto social específico, refletindo códigos, expectativas e ideologias distintas*.”²⁸. Desse modo, determinasse o que é representado pelo *Outro* sob o ponto de vista do autor, o que resulta na interpretação das descrições e imagens das mesmas como fonte de informação na qual o autor

²⁷ Ana Paula Avelar, “Da Afirmação do Poder Nalguns Textos da Expansão Portuguesa do Século XVI – A escrita e sua difusão como processo de legitimação”, 2000, p. 148.

²⁸ Ana Paula Avelar, “Modelações de Escritas sobre um Portugal de partida para os espaços extraeuropeus: reflexões em torno de imagens do(s) europeu(s)”, 2019, p.67.

histórico intervém, bem como na modelagem dos contextos históricos sob os pontos de vista do autor.

Num encontro de culturas, é necessário distinguir o sentir, ou seja, nos discursos do *Eu* e do *Outro* são descritos os comportamentos de grupo, traçando diferentes tipos de costumes, onde se destacam a “*estratificação e hierarquia social, os recursos económicos, as práticas culturais e saberes diferenciados. Este é um tempo construção de uma nova escala onde o global e o local se problematizam.*”²⁹ No presente trabalho, é possível notar exatamente isso, ou seja, três autores distintos, cujas obras divergem, mas que apresentam olhares diferentes sobre os diversos e determinados espaços, tanto físicos quanto sociais, o que nos ajuda na compreensão da problematização em questão, a “*Influência portuguesa sobre o Sudeste Asiático do Século XVI, segundo os olhares de Tomé Pires, Gaspar Correia e Fernão Mendes Pinto*”. Assim, a partir do valor da experiência e da necessidade de relatar a verdade dos factos, cada autor procura alcançar, através das suas obras, o valor no contexto histórico, não como responsáveis pela influência da cultura portuguesa no Oriente, mas sim retratar sobre os diversos momentos que nos ajudam à compreensão da existência dela nas regiões do Sudeste Asiático.

Nos próximos capítulos teremos a oportunidade de observar alguns aspetos relevantes sobre a forma como cada autor transmite, através das suas narrativas, o seu *olhar* sobre o *Outro*. Tomé Pires escolheu o modo mais adequado para descrever o *outro*, tais como: as características pessoais, os produtos produzidos e comercializados entre as regiões, os costumes, o vestuário, as religiões, os comportamentos e as etnias. Gaspar Correia optou por descrever o *outro* sob a perspectiva de quem estava de passagem. Fernão Mendes Pinto preferiu assinalar as viagens e o que lhe interessava, sem deixar de relatar eventos marcantes da sua estadia, pois era a partir deles que se centrava a sua história e os feitos que desejava desvendar.

²⁹ Idem, p.74.

Os autores tinham como objetivo relatar a verdade dos acontecimentos, através de uma narrativa histórica sobre os espaços em questão. Ao longo das obras, encontramos dados que aproximam, como distanciam, os *olhares* divergentes dos três autores. Assim, é necessário prosseguir com os capítulos seguintes para compreender as semelhanças e as diferenças entre os *olhares* de Tomé Pires, Gaspar Correia e Fernão Mendes Pinto em relação ao Sudeste Asiático no século XVI.

2. Capítulo II - Tomé Pires e a *Suma Oriental*

Tendo em conta os conceitos anteriores, apresentam-se neste capítulo, os traços biográficos de Tomé Pires, bem como o relato sobre os diferentes espaços no Sudeste Asiático do século XVI.

Como já foi mencionado, a obra de Tomé Pires foi o primeiro grande tratado geográfico, cuja *Suma Oriental*, assim como a de Duarte Barbosa, apresentou "novos mundos ao mundo".

Para este estudo, analisámos a edição em português de Armando Cortesão do Manuscrito de Paris, publicada em 1978 pela Universidade de Coimbra em português.

Rui Manuel Loureiro publicou uma edição crítica sobre o Manuscrito de Lisboa, que se encontra disponível na Biblioteca Nacional de Portugal, com f.41, v.-98.

Ao longo deste capítulo, vamos conhecer como Tomé Pires conseguiu trazer a sua *Suma Oriental* até nós.

2.1. Tomé Pires o autor

Não há muita informação sobre Tomé Pires. No entanto, é provável que tenha nascido antes de 1479 em Portugal, sendo, frequentemente, retratado como um homem modesto que contribuiu para a história dos portugueses do Oriente na primeira metade do século XVI.

Em *Lendas da Índia*, Gaspar Correia descreve Pires como “filho do boticairo d’ElRey dom João”, já Fernão Lopes de Castanheda menciona como desempenhou funções de “boticairo do príncipe dom Afonso”³⁰. Mendes Pinto tinha conhecimento da sua história, pois, na obra *Peregrinação*, descreve como encontrou uma mulher

³⁰ Fernão Lopes de Castanheda, “História do Descobrimento & Conquista da Índia pelos Portugueses”, ed. João de Barreira, 1554, Vol. 1, p. 876.

cristã, “e nos disse que se chamava Inez de Leiria, e que seu pai se chamara Tomé Pirez, o qual deste reyno fora por Embaixador a el Rey da China”³¹. Gaspar Correia; descreve, ainda, o boticário como “homem muyto prudente, e muyto corioso de saber todas as cousas da Índia”³², o que nos permite compreender como os autores se conheciam a um determinado nível. Rui Manuel Loureiro³³, afirma que “apesar de ser homem de baixa condição social, terá sido edicado em ambiente cortesão, pois o mesmo cronista quinhentista sublinha a sua amizade com Lopo Soares de Albergaria, fidalgo da Casa Real que governou o Esta da Índia entre 1515 e 1518, e que era filho do chanceler’mor de Dom Afonso V”.

Em 1511, Pires viajou para o Oriente na armada de Dom Garcia de Noronha, e é provável que tenha viajado nos navios de Cristóvão de Brito ou de Dom Aires da Gama em setembro do mesmo ano.

O seu cargo de feitor de drogas na costa indiana foi solicitado pelo governador Afonso de Albuquerque, que o deslocou até Malaca devido às irregularidades régias que se cometiam na região. Dessa forma, chegou à cidade malaia em julho de 1512, onde permaneceu até o ano de 1515.

De acordo com Afonso de Albuquerque, Tomé Pires exerceu as funções de “escrivão da feitoria”, “contador” e “veador das drogarias”³⁴. Durante a sua estadia em Malaca, Pires escreveu a obra *Suma Oriental* que contribuiu imenso para o conhecimento de novas terras no Sudeste Asiático. Pires relata as informações que viu e recebeu durante o século XVI, retornando à Índia em janeiro de 1515, acabando, mais tarde, na China.

Rui Manuel Loureiro cita Tomé Pires como o “primeiro embaixador português enviado à China e também como autor da *Suma Oriental*, o primeiro grande tratado de geografia asiática preparado por um europeu depois do descobrimento do

³¹ Fernão Mendes Pinto, op. cit, Vol I, p.256.

³² Gaspar Correia, “*Lendas da Índia*” ed. RJ Lima Felner, 1860, vol. 2, p. 473.

³³ Rui Manuel Loureiro, Tomé Pires: Boticario, tratadista e embaixador In *Portugal-China, Col. Estudos e Documentos*, 23-35. Lisboa, Portugal: CEPCEP In *Portugal-China, Col. Estudos e Documentos*, 23-35. Lisboa, Portugal: CEPCEP - CNC, 2013. - CNC, 2013. P. 23.

³⁴ Ed. Raymundo Antonio de Bulhão Pato, “Cartas de Afonso de Albuquerque”, 1884, vol. 7, p. 58.

caminho marítimo para a Índia".³⁵ A *Suma Oriental* surgiu como um género de relatório cujo objetivo era ser enviado ao Rei D. Manuel reconhecendo a importância do papel que a Ásia tinha no comércio.

De seguida, será apresentado o relato de Tomé Pires em relação aos espaços do Sudeste Asiático no século XVI. A edição portuguesa de Armando Cortesão do Manuscrito de Paris foi analisada para transmitir a perspetiva de Pires em relação aos espaços asiáticos em estudo. O seu trabalho requer um vasto conhecimento geográfico, económico, político e religioso.

Apresentamos uma imagem da carta extraída da obra *Suma Oriental* que Pires escreveu ao governador português Afonso de Albuquerque no dia 10 de janeiro de 1513, quando ainda estava em Malaca. A carta apresenta uma dificuldade de compreensão, mas, segundo Roger Lee de Jesus³⁶, foi possível compreender as conquistas de Albuquerque não somente através da crónica da época, mas também da correspondência que o governador mantinha com o autor em questão, bem como o monarca D. Manuel.

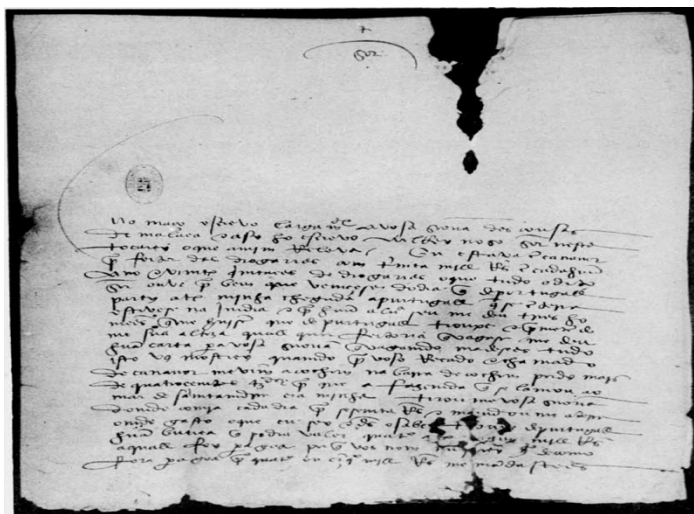


Figura 2 - Carta de Tomé Pires enviada a Afonso de Albuquerque, 1513.³⁷

³⁵ Rui Manuel Loureiro, "O Sudeste Asiático na *Suma Oriental* de Tomé Pires", 2002, p.107.

³⁶ Roger Lee de Jesus, "Afonso de Albuquerque e a Primeira Expedição Portuguesa ao Mar Vermelho (1513)", *Fragmenta Histórica*, 2013, pp.121-141.

³⁷ Retirado do Manuscrito de Paris, *A Suma Oriental*, ed. Armando Cortesão, versão em inglês.

2.2. O Olhar de Tomé Pires sobre a presença/influência portuguesa no Sudeste Asiático do Século XVI.

Tomé Pires apresenta, através da sua obra *Suma Oriental*, a memória e a presença/influência portuguesa em diversos lugares do Sudeste Asiático no século XVI, descrevendo as regiões de Bengala, *Arracão*, Pegu, Sião, Birmânia, Camboja, Champal, Cochim-China, Malaca, Bruma, Java, Molucas, Bornéu, Filipinas, Sunda e Sumatra.

Como já foi mencionado, a *Suma Oriental* de Tomé Pires foi o primeiro grande tratado geográfico, que deu novos espaços ao Mundo. Assim, o boticário português enumera as mercadorias que são intercambiadas de parte em parte, bem como o espaço físico e social de cada região.

Tomé Pires apresenta, de forma específica, o seu *olhar* sobre os diversos aspetos da vida quotidiana, tais como os produtos comercializados, o espaço físico, os comportamentos, os diversos juízos de valores, a religião e a aparência física das pessoas de cada reino.

Em primeiro lugar, é importante analisar e demonstrar os principais pontos de comércio, bem como o tipo de produto que se produzia em cada reino do Sudeste Asiático no século XVI. A *Suma Oriental* serviu como um guia para o Rei D. Manuel, que usou as informações sobre a Ásia marítima, portos, comunidades mercantis, reinos, rotas e produtos, para preparar as viagens de reconhecimento do Índico, o que acabou por atrair Portugal e outras nações europeias, como Espanha, França e Holanda.

A *Suma Oriental* centra-se em Malaca e no mundo mercantil que a rodeava, bem como nos Estreitos, reproduzindo, assim, um tratado com informações inéditas e gerais obtidas diretamente de lá.

O relato de Tomé Pires a respeito das regiões do Sudeste Asiático, tem início no reino de Bengala. Segundo o autor, o espaço era rico em diamantes e em produtos como carne, peixe, arroz e trigo. Além disso, havia uma grande variedade

de itens como aço, conservas de açúcar, mirabolanos³⁸ em conserva, gengibre, laranjas, pepinos, cenouras, limões, azamboas, figos, abóboras e combalengas.³⁹ Deste modo, analisamos os produtos que são produzidos na região.

Bengala também fabricava tecidos denominados “*synabafos de sete sortes*”⁴⁰, e todos os anos negociava com a região de Malaca, o que demonstra o intercâmbio entre os dois locais. Em troca, Malaca fornecia cânfora de burney, pimenta, macias, noz-moscada, sândalos, seda, bonecas de porcelana, cobre, estanho, chumbo e enrolas⁴¹, o que por sua vez demonstra o tipo de produto que existia no território malaio.

Pires relata, detalhadamente, o tempo de viagem que durava entre Malaca e Bengala, ou seja, trinta dias “*partem daqij na emtrada dagõsto he em trimta dias sam em bemgalla partem de laa ao primeiro de feuer*”⁴².

O reino de Arração tinha acesso a produtos como prata, tecidos de algodão, almíscar e rubis. Os rubis eram provenientes da mina “*q se chama capelamguam*”⁴³, e é importante salientar que o almíscar era um produto popular na Ásia no século XVI. Pires descreve a sua origem nas cabras onde “*esfolamas e a carne pisada com ho samgue fazem Do coiro hos bisalhõs a que chamamos papos*”⁴⁴. Isso refuta completamente a teoria de que o almíscar, substância pegajosa, provenha de abcessos e ossos que, em alguns casos, era encontrado no produto. De acordo com Peter Borschberg⁴⁵, o almíscar não é obtido da carne de um animal que é “esfolado” e “pisado”, mas é possível que o boticário português tenha repetido uma ideia comumente aceite que tem como objetivo explicar a presença de fragmentos ósseos

³⁸ Um género de ameixa.

³⁹ Derivado da planta Kumbalam, é um vegetal oriundo do Sudeste Asiático.

⁴⁰ *A Suma Oriental de Tomé Pires*, ed. Armando Cortesão, 1944, Liv. 3, p. 224. Sempre que se citar Tomé Pires, referimo-nos a esta edição.

⁴¹ Uma espécie de tecido de lã.

⁴² *A Suma Oriental de Tomé Pires*, ed Armando Cortesão, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1978, p. 225.

⁴³ *Idem.*, p. 228. No Manuscrito de Lisboa encontra-se escrito como Capelamgam.

⁴⁴ *Ibidem.*, p. 228.

⁴⁵ Peter Borschberg, “The European Musk Trade with Asia in the Early Modern Period”, 2004, p. 3.

na substância pegajosa, além de outros autores do século XVI terem a mesma opinião e interpretação de Tomé Pires em relação à origem do almíscar.

Em relação a Pegu, o autor descreve como esta intercambiava tanto em Malaca quanto em Bengala, descrevendo os produtos da região, como o arroz, o beijoim, as pedras preciosas, o almíscar, os rubis, a prata, as manteigas, os azeites, o sal, cebolas, alhos e mostarda.

No Sião havia uma grande variedade de arroz, sal, peixe salgado, legumes, laca, benjoim, paú do Brasil, chumbo, estanho, prata, ouro e marfim, além de anéis de rubis e diamantes.

As mercadorias transportadas de Malaca para o Sião incluíam pimenta, mercúrio, vermelhão, ópio, azernefe, cravo, noz, sinabaio e pequenos panos à moda do Sião. Além disso, havia sândalo-branco, água de rosas, alcatifas, brocados do Cambaia, cauris brancos, cera e cânfora de Burney, o que demonstra, mais uma vez, a mercadoria presente tanto em Malaca quanto no Sião. O autor também menciona a forma como, além de Malaca, o Sião mantinha relações comerciais com a China, Camboja, Champa e Cochim-China.

Em relação às regiões do Camboja e Champa, ambas produziam uma grande quantidade de arroz e carne, enquanto o Camboja ainda possuía uma rica variedade de peixe, vinho, ouro e laca. O produto mais valioso de Champa era o "calambac", ou seja, o pau-de-águila, também conhecido como madeira de ágar. Esta madeira era macia, gomosa, com veias pretas e brancas. Quanto mais ideal fosse, mais valia. Apesar de Champa não negociar muito em Malaca, eram transportados e comercializados produtos como peixe salgado, arroz, ouro e pimenta. Malaca, em troca, transportava tecidos, sinabafos, pimenta, cravos, noz-moscada, caucho, digestivos e estoraque em forma de líquido.

Em Cochim-China, a principal mercadoria comercializada era o enxofre que era originário da China. Outros produtos que também eram valiosos eram o salitre, os rubis, os diamantes, as safiras, o ópio e outras pedras preciosas.

A Sunda, que comercializava com Malaca e Bornéu, tinha acesso a ouro, tecidos, pimenta, arroz, legumes, carne, vinho e fruta. Em troca, Bornéu distribuía

carne, peixe, arroz, sagu⁴⁶, ouro, cera e mel. Os malaios, por sua vez, levavam “puravas”⁴⁷ e outros tecidos até Bornéu. O tempo de viagem, segundo o autor, era de um mês, enquanto de Bornéu até Luções, nas Filipinas, era de cerca de dez dias. Os comerciantes de Bornéu compravam ouro, cera e mel. Além disso, o autor descreve como a qualidade do ouro em Luções era pouco relevante.

Pires descreve, finalmente, a região de Sumatra e algumas das mercadorias produzidas nas ilhas, como o ouro, a pimenta, a seda, o beijoim, o mel, cera, enxofre, algodão, arroz branco, carne, peixe, azeite e vinho preparado de tampoy, que é um fruto da árvore tampoi com casca grossa.

Em termos de comércio e tipo de produtos que existiam nos territórios do Sudeste Asiático no século XVI, notamos que a maioria das regiões realizava comércio com Malaca, o que nos ajuda a compreender o motivo pelo qual o território malaio é considerado um grande entreposto comercial. É importante lembrar como Tomé Pires residiu em Malaca e escreveu a sua obra, repleta de detalhes específicos, de lá. Dessa forma, é possível identificar os diferentes sujeitos, ou seja, as regiões que intercambiavam entre si e os produtos que eram comercializados. O autor apresenta-nos aqui a memória do contexto histórico que demonstra a relevância do comércio marítimo no século XVI. Como analisado anteriormente, o que atraiu inicialmente os portugueses para o Sudeste Asiático foi o comércio. Desta forma, a análise das mercadorias revela a importância que os produtos e o comércio tinham.

Apesar de Tomé Pires descrever as rotas comerciais entre os diferentes espaços, é igualmente importante analisar a descrição que o autor faz do espaço físico e social de cada reino.

⁴⁶ Fruto malaio que era destinado para as pessoas de classe mais baixa.

⁴⁷ Género de tecido indiano.

Na região de Bengala “*hos bengalas sam mercadores de grandes fazendas homens que navegam em Jumeos*”⁴⁸. Alí residiam *parsees, rumes, turcos e árabes*, o que demonstra uma grande variedade cultural.

Os homens de Bengala são descritos como negros, nédios, gentios⁴⁹, delgados e castrados. O autor descreve o físico das pessoas através da adjetivação que usa. O Rei, é retratado como poderoso, visto que “*tem mujta jemte de cavallo/ tera em seu Regno cem mjll homēs de cavallo peleja com Reis gentios grandes senhores*”⁵⁰.

As gentes de Pegu são descritas de forma detalhada, pois os homens têm uma estatura física forte e, segundo o autor, são bons trabalhadores. Os dentes eram negros devido ao consumo de plantas medicinais como o bétel. Além disso, vestiam um pano branco sobre as coxas e a cabeça, assemelhando-os a mitras, “*sam homees de meaos corpos sam sobre ho grosso parrados & boos trabalhadores de gramse forca amdã sempre trosquajados darredor solapados há mca cabeça e emcima mais creçidos hos cabelos do betelle trazem sempre os dentes negrões trazem sobre as coxas grande copea de pano bramquo e na cabeça panos bramcos e feicam de mjtra casy.*”⁵¹

As mulheres, por outro lado, são caracterizadas como mais brancas do que os homens, com traços de personalidade marcantes e cabelo em estilo chinês. Esta última referência demonstra o conhecimento que o autor possuía a respeito da cultura chinesa. Pires não tinha familiaridade com a China e a sua preocupação era descrever o que tinha conhecimento em primeira mão, ou o que ouvia de fontes secundárias. No entanto, é relevante observar como descreve e compara o estilo do cabelo das mulheres de Pegu, devido ao seu contacto e à observação das pessoas que conheceu em Malaca. Vale ressaltar que os portugueses se depararam com

⁴⁸ *A Suma Oriental de Tomé Pires*, ed. Armando Cortesão, 1944, Liv. 3, p. 219. Primeira edição publicada pelo Historiador Armando Cortesão, este que procurou editar oferecendo a originalidade da obra ao leitor.

⁴⁹ Designação para os não cristãos, ou pagãos. Este termo é muitas vezes referenciado na obra de Tomé Pires.

⁵⁰ *A Suma Oriental de Tomé Pires*, ed. Armando Cortesão, 1944, Liv. 3, p.220.

⁵¹ *Idem.*, p. 236.

uma comunidade chinesa que usava Malaca como principal posto de abastecimento de pimenta, esta última da qual a China era importadora.

No que diz respeito ao Sião, o autor descreve o espaço físico como *“he gramde e mujto farta de mujta jemte he cidades de mujtos senhores de mujtos mercadores”*⁵², o que demonstra a presença de um grande número de estrangeiros no local.

As pessoas são descritas como inteligentes, homens de elevada estatura física, reservados, modestos, e tosquiados, assim como os habitantes de Pegu. No Camboja as gentes também praticavam a tosquia em volta das orelhas como forma de demonstrar elegância. É interessante notar a forma detalhada como Tomé Pires descreve o estilo de cabelo tosquiado.

As populações de Cochim-China, são caracterizadas como fracas combatentes no mar, uma vez que a maioria das conquistas alcançadas não ocorreu por meio do mar. Os “Jaãos”⁵³ são retratados como homens com uma boa constituição física, fortes e *“cavaleyrosa guerreira no maã”*.⁵⁴ Aqui, percebemos como as conquistas marítimas eram, de certa forma, consideradas mais poderosas em comparação com as obtidas por meio terrestre, pois as gentes de Cochim-China eram consideradas fracas, uma vez que tudo o que conquistaram foi por terra, enquanto as pessoas do Java são descritas como corajosas e guerreiras, pois tudo o que alcançaram foi pelo mar.

Apesar de Pires descrever de forma detalhada o físico das gentes, também apresenta uma descrição minuciosa do espaço físico de cada região. Em Arracão, é possível notar a presença de cavalos e elefantes, situado geograficamente entre Pegu e Bengala.

O autor ainda menciona a existência de diversos portos, o que nos leva a compreender a necessidade de informar sobre os diversos entrepostos comerciais existentes no Sudeste Asiático. Observamos como Arracão tinha um bom porto no

⁵² *A Suma Oriental de Tomé Pires*, ed. Armando Cortesão, 1944, Liv. 3, p. 237.

⁵³ Nome que denomina as pessoas de Java.

⁵⁴ *A Suma Oriental de Tomé Pires*, ed. Armando Cortesão, 1944, Liv. 4, p. 288.

mar, chamado Mayajerij⁵⁵, onde os “pegūus”⁵⁶ e as gentes de Bengala trabalhavam. O Rei possuía uma fortaleza construída em adobe, o que é uma característica da arquitetura que usa tijolos de adobe em diversas partes do mundo, principalmente em regiões quentes e secas como o clima Sudeste Asiático.

Em Pegu, o autor menciona três portos, sendo o mais próximo o de Racam, o de Dogõ (Dagon), onde se faziam juncos devido à madeira de excelente qualidade, e o terceiro e último considerado pouco seguro, o de Martamane, onde, de acordo com Pires, chegavam as populações de Malaca.

O Camboja possuía diversos rios que podiam ser navegados, além de grandes lancharas, ou seja, embarcações em forma de navio, que navegavam até à costa do Sião.

No que diz respeito ao reino de Champa, não existiam portos para grandes embarcações. No Java e na Sunda, são mencionados os portos de Daio (o principal), Bantam, Pontang, Chegnide, Tamgara e Calapa. Este último de onde vinham as gentes de Sumatra, Palimbão e outros lugares.

Bornéu⁵⁷ era composto por várias ilhas, tanto grandes quanto pequenas. A ilha da Sumatra é descrita como rica e populosa com dezanove reinos e onze terras na região, “*Reino de Achey e Lombry, terra de Biar, Reino de Pedir, Terra de Aeilobu, Reino de Lide, Reino de Pirada, Reino de Patee, Reino de Bata, Reino de Daru, Reino de Arcat, Terra de Yrean, Reino de Rupať, Terra de Purim, Reino de Ciac, Reino de Campar, Terra de Compocam, Reino de Audorguerij, Terra de Tuucall, Terra de Jambi, Terra de Palimbão, Terra de Tana Malaio, Terra de Çacampom, terra de Tulimbavam, Reino de Andallos, Reino de Piraĩ, Reino de Tiquo, Reino de Barus, Reino de Quinchell, Reino de Mancopa ou Dayo, Reino de Menoncabo.*”.⁵⁸

⁵⁵ no Manuscrito de Lisboa, Malagery.

⁵⁶ Termo utilizado por Tomé Pires para descrever as gentes de Pegu.

⁵⁷ A maior ilha da Ásia e terceira maior do Mundo. Pertence às grandes ilhas da Sunda no mar Java (Sudeste Ásia).

⁵⁸ *A Suma Oriental de Tomé Pires*, ed. Armando Cortesão, 1944, Liv. 5. p. 378.

Além disso, o autor menciona outras localidades próximas a Malaca como Singapura⁵⁹, Kuala Kesang⁶⁰, Klang⁶¹, Mimjam que é descrito como um local estranho, e a povoação de Perak.

Outros reinos são mencionados, como Campar, que se destaca pelo cultivo de arroz, Pahão que fica na terra do Sião, cujo Rei era bastante próximo do sultão de Malaca, e os Celates que serão abordados mais aprofundadamente ao longo deste capítulo.

Tomé Pires escreve que, em Bengala, era costume castrar os homens. Os que eram “capados”, como Pires descreve, eram, por vezes, reis ou pessoas importantes. Os soldados, eram aqueles que escapavam à tradição. De acordo com Pires, a crença era de que ninguém tinha o direito de executar o rei sem o consentimento de Deus, uma vez que ele próprio se transformava em monarca. Este costume, que é comum entre as comunidades paçees,⁶² é uma referência à religião, tema que é frequentemente mencionado em diversas crônicas do século XVI.

A língua de Pegu é semelhante à do Sião, e em Burma era costume amputar os narizes dos prisioneiros, principalmente aos de Camboja que foram os primeiros a aderirem à tradição.

No que diz respeito às Filipinas, o Tomunguo⁶³ estava comprometido com uma mulher de Malaca, o que resultou na união de uma comunidade filipina na cidade malaia e, juntos, construíram casas e lojas.

Algumas das leis e costumes de Malaca são descritas, como, por exemplo, a punição de celebrar casamento sem aviso prévio ao Bemdara. Se houvesse um casamento entre muçulmanos, o homem deveria presentear a sua esposa com dez taels e seis mazes de ouro. Em caso de separação, cada um teria a liberdade de casar com quem desejasse.

⁵⁹ *A Suma Oriental de Tomé Pires*, ed. Armando Cortesão, 1944, Liv. 6, p. 415.

⁶⁰ Região que forma fronteira oriental entre Malaca e o Estado Jahore.

⁶¹ Povoação não longe da foz do rio Klang, este que é um rio que se encontra em Malásia e desagua na cidade de Malaca.

⁶² Nome que designava as gentes de Pacem.

⁶³ Termo equivalente à de chefe. Regimo Diraja, fundador das ilhas das Luções foi escolhido para ser o Tomunguo.

Na ocorrência de adultério, o homem teria o direito de matar tanto o amante quanto a sua esposa sem qualquer tipo de punição. O homem malaio é descrito como ciumento, tendo direito a usufruir de uma ou duas esposas, bem como de tantas amantes desejasse. No que diz respeito ao Rei do Sião, o autor descreve como ele usufruía de mais de quinhentas esposas, o que nos remete aos juízos de valor elaborados por Tomé Pires. Os diferentes pontos de vista do *olhar* sobre o *outro*, como o desconhecido e a divergência, permite-nos compreender como o considerado aceitável para as pessoas do Sudeste Asiático, talvez fosse exótico para os ocidentais. É de conhecimento geral que na religião muçulmana, é comum que os homens disponham de diversas esposas, o que não é considerado natural na fé cristã. Pires talvez tenha encontrado relevante essa informação, uma vez que considerou necessário transmitir tal costume, que era natural e aceite no quotidiano das gentes de Malaca e do Sião.

Ainda é possível notar como as gentes nobres não se podiam aproximar a mais de dez passos do Rei. O autor descreve como cumprimentá-lo, ou seja, erguer as mãos sobre a cabeça três vezes, e beijar a terra, de modo a transmitir o que desejavam a terceiros. Se quisessem comunicar verbalmente, deveriam fazê-lo de pé, pois não podiam estar ao mesmo nível. Ao acenarem, deveriam fazê-lo com a mão esquerda apertada e o polegar estendido, com a mão direita apoiada na esquerda. Esta análise revela os diversos comportamentos observados pelo autor na região, transmitindo a cultura exótica existente nos territórios do Sudeste Asiático do século XVI.

A *Suma Oriental*, revela a existência de Reis tributários, como o de Dorixa, o de Arracão, o de Coos e o de Típura, todos pertencentes ao de Bengala. Isso demonstra características que dizem respeito aos costumes e às leis, bem como aspetos jurídico-políticos presentes no território.

Tomé Pires também descreve os termos monetários utilizados na região do Pegu, como, por exemplo, a eãça, que significa fruseleira, mas que também é conhecida como cança. No capítulo seguinte, iremos analisar a moeda criada por Afonso de Albuquerque em Malaca, através do *olhar* de Gaspar Correia.

Em relação à religião, analisamos diversos momentos de presença religiosa na narrativa de Pires. Embora seja retratado como um homem poderoso, o Rei de Arração não era cristão. As gentes de Pegu, assim como as de Luções, são descritas como pagãs, *“jemtios he terra mais farta que todas as q temos vistas he sabidas”*⁶⁴. Os Reis do Camboja, Coos, Típura, Cochim-China e Java também eram pagãos. Pires menciona, mais uma vez, que havia poucos muçulmanos no Sião, uma vez que, conforme a sua análise, os siameses não aprovavam deles. Aqui, podemos observar como havia uma certa intolerância religiosa no século XVI. Outra observação interessante é a de que os siameses não tinham uma relação comercial em Malaca, *“porque os Reis de Malaça tinham obediência aos Rex de syam porq Malaça dize q he da terra de syam dizem que he sua e que a vera & dõus anos q este Rey q perdeo malaca se alevantou com esta obidiemçia/ Dizem também que pahão se alevantou comta syam pola mesma maneira & q os Reis de Malaca favoreciam os De pahão pollo parentesco q há amtre contra os Syameses & que também esta foy a causa de seu descomçerto”*⁶⁵. Deste modo, é possível notar um desacordo, uma vez que havia sido expressamente mencionado que Malaca pertencia ao Reino do Sião e havia perdido essa posse há vinte e dois anos. Podemos concluir que a religião muçulmana não era bem-vista no século XVI, não apenas pelos portugueses, mas também por outros reinos, como o Sião. Os habitantes de Cochim-China também não estavam alinhados com os ensinamentos islâmicos e, por isso, não navegavam para Malaca. Bornéu é composto por um conjunto de ilhas que, era habitada, na maioria, por pagãos, enquanto a ilha principal era povoada por muçulmanos.

Tomé Pires, ao contrário de outros autores, descreve como a região de Malaca surgiu antes do século XVI.

De acordo com o Manuscrito de Paris, edição de Armando Cortesão, o relato de Pires sobre a história de Malaca apresenta uma grande quantidade de dados inéditos. Embora concorde com os relatos de outros autores, como o caso de Gaspar

⁶⁴A *Suma Oriental de Tomé Pires*, ed. Armando Cortesão, 1944, Liv. 3, p. 229.

⁶⁵ Idem., p. 243.

Correia, é bastante diferente de todos eles. É importante relembrar como Tomé Pires escreveu grande parte de sua obra, a *Suma Oriental*, durante a sua estadia em Malaca entre 1512 e 1515, logo após a conquista portuguesa. Enquanto outros escritores recebiam informações de fontes externas, Pires teve a oportunidade de presenciar muito do que escreve.

Rui Manuel Loureiro afirma que, “em julho de 1512, o nosso boticário desembarcava na estratégica cidade luso-malaia, que havia sido conquistada por forças portuguesas apenas um ano antes”⁶⁶. Manuel Lobato⁶⁷ também menciona que Pires foi o primeiro europeu a abordar a estreita ligação entre os Celates⁶⁸ e os Reis de Malaca durante o processo de fundação do território malaio.

O autor de *Suma Oriental* convida-nos a conhecer a história da fundação de Malaca iniciando a sua narrativa ao mencionar o tempo em que os Celates, que na época eram corsários⁶⁹ em pequenas embarcações leves, “andam a fartar e pescam e andam asy ora em terra ora no mar”⁷⁰. Pires demonstra uma imagem malaia de assassinos, uma vez que traziam com eles armas usadas para executar pessoas, incluindo os portugueses, bem como para destruir a cidade de Malaca.

O autor descreve como os Celates residiam próximos a Singapura e Palimbão. Quando Paramjcura⁷¹ se afastava de Palimbão, muitos o acompanhavam à região de Muar⁷² com o objetivo de o proteger. Os trinta homens que o acompanhavam foram recolocados para a cidade que se tornaria conhecida como Malaca. Pires apresenta-nos o quotidiano dos Celates. Ao pescarem próximo ao rio da cidade depararam-se com uma área com grandes campos e perceberam a potencialidade deste local para uma boa povoação. Lá, poderiam cultivar campos de arroz e quintais. Assim, resolveram assentar-se na região que, inicialmente,

⁶⁶ Rui Manuel Loureiro, “O Sudeste Asiático na *Suma Oriental* de Tomé Pires”, 2002, p.109.

⁶⁷ Manuel Lobato, “Melaka is like a cropping field” Trade Management in the Strait of Melaka during the Sultanate and the Portuguese Period. *Journal of Asian History*, 46(2), 225–251. P. 230.

⁶⁸ Nome de uma tribo malaia que significa “gente do mar”.

⁶⁹ Termo que refere às pessoas que por meio marítimo enfraqueciam o inimigo.

⁷⁰ *A Suma Oriental de Tomé Pires*, ed. Armando Cortesão, 1944, Liv 6, p. 385.

⁷¹ Também denominado como Rei, Parameswara.

⁷² Região malaia.

chamaram de “*Bietam*”⁷³, que na linguagem dos Celates, significa “campo estendido”. O Paramjcura, que residia em Muar, tomou conhecimento do novo lugar e o nome de Malaca surgiu quando o Rei apresentou o seguinte: “*Já sabes q em nossa limgoajem ho homem q foge se chama Malayo e pois a mim fogido trazes tal fruyta chamese a ese lugar Malaca que quer dizer furtado fogido e pois vosa temcam que quisestes busca lugar pa meu repouso eu o mandarey vr e se for tal em me pasarey a eooe com minha molher e casa e deixarey em Muar a quarta parte da minha gente para se aproveitarem da terra em que tanto trabalho todos temos levado em a amansar*”.⁷⁴

Nesta análise, é possível notar a geografia da região de Malaca composta por campos extensos e rios, que, posteriormente, resultaram na produção de produtos que se destacaram como relevantes nas rotas comerciais do século XVI.

Paramjcura viajou para a cidade malaia e, junto com Chaquem Doraxa (seu filho), habituou a região, assim como as populações de Aru e Celates o fizeram. Após o falecimento de Paramjcura, Chaquem Doraxa tornou-se Rei enviando o seu cunhado para o Sião como embaixador, o que, por sua vez, ajudou a fortalecer as relações entre os malaios e os siameses.

O Rei tornou-se muçulmano e teve um filho chamado Modafarxa,⁷⁵ que acabou por herdar o reino. Este último teve um futuro Rei, ou seja, Mansursa.⁷⁶ Malaca foi povoada por diversos povos devido às diferentes conexões com regiões como Java e Sião. O Rei Mansursa (Mansur Shah), ordenou a construção de pontes sobre o rio e de uma mesquita, que posteriormente se tornaria a fortaleza portuguesa conhecida como a *Famosa*. Pires narra como Mansur Shah teve um filho, Alaodin⁷⁷, que de acordo com o autor ingeria grande quantidade de ópio resultando na sua morte. No entanto, deixou dois filhos e duas filhas. Os filhos primogénitos foram Raja Caleman⁷⁸ e Raja Mafamat, mais conhecido como Mahmud Shah. Este último foi sultão de Malaca durante a chegada dos portugueses, primeiro em 1509 (Diogo

⁷³A *Suma Oriental de Tomé Pires*, ed. Armando Cortesão, 1944, Liv. 6, p. 386.

⁷⁴ Idem., p. 387.

⁷⁵ Também conhecido como Muzaffar Shah.

⁷⁶ Também denominado por Mansur Sah.

⁷⁷ Também denominado por Alauddin Riayat Shah.

⁷⁸ Outro nome pelo qual era conhecido era Sulayman.

Lopes de Sequeira), e mais tarde, em 1511 (Afonso de Albuquerque). É descrito por Pires como “*de menor justiça que nenhum dos passados grande luxurioso cada dias bebodo*”⁷⁹. Levantou obediência aos Reis do Sião e Java pois não desejava que o embaixador permanecesse na região, tendo que apenas obedecer à China. A última, segundo Cheah Boon Kheng⁸⁰, apoiou o Sultão Mahmud Shah após a conquista portuguesa da região malaia, até à sua morte em Campar, Sumatra, em 1524.

De acordo com Pires, Afonso de Albuquerque, governador da Índia portuguesa, chegou a Malaca no início do mês de julho de 1511 com dezassete navios e aproximadamente mil homens. A conquista da cidade, que se tornou rica em termos comerciais, resultou na construção da fortaleza denominada a Famosa. Para os portugueses, a fuga de Mahmud Shah e da sua corte foi entendida como um sinal inequívoco de derrota, mas, de acordo com os padrões de mentalidade e práticas político-militares do Sudeste Asiático, não era aplicado. Anthony Reid⁸¹, salienta como era um procedimento habitual em caso de conflito. Aqui, percebemos um novo *olhar* sobre o *outro* em termos de percepção cultural que é diversa.

O autor termina narrando como Bemdara Ninachatu⁸² morreu em janeiro de 1514, mas segundo as notas no Manuscrito de Paris, outros autores como Castanheda, mencionam o suicídio de Bemdara em julho de 1514. Assim, é possível concluir que Tomé Pires escreveu a data de forma distraída. Nina Chatu é relevante porque foi o homem de mão de Afonso de Albuquerque, e apoiou, bem como salientou, a moeda portuguesa de Malaca, esta que será melhor descrita no próximo capítulo.

A *Suma Oriental*, é descrita por Rui Manuel Loureiro, como “*um dos mais importantes e impressionantes tratados geográficos portugueses do século XVI, pela*

⁷⁹A *Suma Oriental de Tomé Pires*, ed. Armando Cortesão, 1944, Liv. 6, p. 405.

⁸⁰Cheah Boon Kheng, “Ming China's Support for Sultan Mahmud of Melaka and Its Hostility towards the Portuguese after the Fall of Melaka in 1511”, 2012, pp. 55-77.

⁸¹Anthony Reid, “The Structures of Cities in Southeast Asia, 15th to 18th centuries”, pte.2, 1980, pp. 235-250.

⁸²Nina Chatu, um mercador indiano rico que vivia em Malaca quando os portugueses chegaram em 1511.

*vastidão da área abrangida, pela profundidade e variedade das notícias que contém, pela sua desmesurada extensão, enfim pela precocidade da sua elaboração”.*⁸³

⁸³ Rui Manuel Loureiro, “O Sudeste Asiático na *Suma Oriental* de Tomé Pires”, 2002, pp.111-112.

3. Capítulo III – Gaspar Correia e as Lendas da Índia

A partir dos conceitos apresentados no capítulo anterior, Gaspar Correia apresenta uma espécie de continuação das informações fornecidas por Pires relativamente aos espaços sociais e culturais em regiões do Sudeste Asiático, como Malaca, Sião e Molucas.

Em primeiro lugar, será feita uma análise bibliográfica do autor, seguida de uma análise da narrativa sobre os diferentes episódios de presença/influência portuguesa nos diversos espaços locais e sociais do Sudeste Asiático no século XVI.

A análise da sua obra será fundamentada na leitura publicada pela Ordem de Classe de Ciências Moraes, Políticas, e Belas Letras da Academia Real das Ciências de Lisboa, sob a direção de Rodrigo José de Lima Felner, entre 1858 e 1866.

3.1. Gaspar Correia o autor.

Não há muitas informações sobre Gaspar Correia, mas é possível traçar o seu percurso biográfico através da sua escrita. A sua ligação com outras figuras, como o caso de Pires, coloca-os num espaço cronológico preciso, ou seja, o século XVI. *“Falamos, em termos de linha temporal, da proximidade com Fernão Lopes de Castanheda, que esteve com o cronista no Oriente, Padre Francisco Álvares, Miguel de Castanhoso ou Duarte Barbosa. Contudo, vários historiadores intentaram chegar a um perfil da vida deste português de Quinhentos.”*⁸⁴

De acordo com Ana Paula Menino Avelar,⁸⁵ Correia nasceu em 1492, tendo sido camareiro de D. Manuel a partir de 1506. Em 1512, partiu para Goa, Índia

⁸⁴ Maria João Loução de Carvalho, *“Gaspar Correia e dois perfis de governador: Lope Soares de Albergaria e Diogo Lopes de Sequeira. Em busca de uma causalidade”*. Universidade Aberta de Lisboa. 2009. P.16.

⁸⁵ Ana Paula Menino Avelar, *“Diogo Lopes de Castanheda, Gaspar Correia e Diogo de Couto: Vivências e Contingências na modelação da escrita de uma História da Ásia e dos seus actores”*, p.44.

portuguesa, sob o comando de Jorge de Melo Pereira, chegando ao Oriente a 15 de agosto do mesmo ano.

Durante grande parte da sua vida, residiu na Índia, onde ocupou cargos de escrivãzinha ao lado de diversos governadores portugueses, entre eles Afonso de Albuquerque. Gaspar Correia serviu como escrivão de Albuquerque por três anos (1512 - 1515), acompanhando-o na reconquista de Ormuz, onde acabou por testemunhar a sua morte no regresso a Goa. Em *Lendas da Índia*, analisamos a proximidade de Correia com Albuquerque, ao mencionar “*E eu, Gaspar Correa, ysto escrevo porque me passou pola mão, porque fuy eu escrivão d’Afonso d’Albuquerque, e escrevia com elle as cartas pera ElRey, e por essa rezão soube eu ysto que escrevo*”.⁸⁶

A sua ascendência é incerta, mas é provável que tenha sido filho do cavaleiro da Casa Real, Afonso Correia, ou do escudeiro Pedro Correia Sampaio, bem como de Aires Botelho.

Banha de Andrade revela uma linhagem paterna mais credível ao mencionar “[...] *Contador dos Resíduos da Comarca da Beira, de quem Gaspar Correia recebia em 29 de Abril de 1529, por transferênciã de seu pai, o cargo de Comendador de S. Martinho das Feixedas [...], no Bispado de Viseu [...]*”⁸⁷ É importante salientar, também, a forma como Gaspar Correia se refere a si mesmo como “Cavaleiro da Ordem de Cristo” na sua obra de 1532 intitulada *Crônicas dos Reis de Portugal e Sumários de Suas Vidas*. Aubrey Bell menciona que Correia era filho de um pobre homem pertencente à família dos “Corrêas”.⁸⁸

Segundo Banha de Andrade, Correia partiu para a Índia em 1512, “*Com efeito, tendo entrado em Cochim a 20 de agosto de 1512, onde se encontrava, nessa data, Afonso de Albuquerque, pôde naturalmente presenciar de perto [...]*”⁸⁹ onde inicia a produção de *Lendas da Índia*, que apresenta uma escrita própria da crónica da expansão portuguesa

⁸⁶ Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, ed. RJ Lima Felner, liv. II, pp. 171-172.

⁸⁷ Cf. A. Banha de Andrade, “Gaspar Correia Inédito”, pp. 6-13.

⁸⁸ Aubrey Bell, “Gaspar Corrêa”, 1924, p.1.

⁸⁹ Banha de Andrade, A.A, “Gaspar Correia, o 1 Historiador Português do Oriente”, op. cit., p. 679.

A obra é frequentemente descrita de forma rude, com uma prosa fantástica repleta de alegorias e incertezas. Além disso, é considerada uma referência fundamental para a história do Oriente português. Apesar de ser chamada *Lendas da Índia*, a obra retrata os acontecimentos ocorridos no Oriente desde a chegada de Correia em 1512 até a sua morte que se especula ter ocorrido por volta de 1563. A ideia de “lenda” segundo Ana Paula Avelar, deve-se ao facto de estarem presentes nas narrativas “[...]o carácter heróico [...] como atributo natural dos portugueses.”⁹⁰

Como já foi mencionado, é pouco ou quase inexistente a biografia do autor. No entanto, Correia escreve no início do seu Livro Primeiro, informações que nos ajudam a compreender os objetivos da sua obra: “[...] escrever e memorar as cousas da Índia [...]”⁹¹; “[...] ilustres feitos [...] os feitos dos Portugueses parecem mais milagrosos [...] breves lembranças [...]”.⁹² Gaspar Correia, dessa forma, procurou criar uma narrativa desses mesmos feitos, alguns dos quais serão abordados no próximo capítulo.

O autor obteve as suas informações sobre a Índia em primeira mão, mas, em relação às regiões do Sudeste Asiático, presume-se que sejam de fontes privilegiadas desconhecidas, ou seja, segundas origens, como os casos de Fernão de Castanheda e João de Barros.

Apesar de não haver evidências que indiquem que esteve presente em Malaca, surge a teoria de que foi executado por ordem de Estevão da Gama, filho de Vasco da Gama, na cidade malaia. No entanto, é provável que tenha estado presente em Maluco (Indonésia), quando, em 1528, acompanhou o capitão-mor Jorge de Cabral.

Para uma melhor compreensão do percurso biográfico de Gaspar Correia na primeira metade do século XVI, apresentamos o seguinte esquema. Aqui,

⁹⁰ Cf. Ana Paula Avelar, “Visões do Oriente, Formas de Sentir no Portugal de Quinhentos”, Lisboa, Edições Colibri, 2003, p.55.

⁹¹ Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, “Aos Senhores Leitores” (ed. lit. Rodrigo José Lima Felner) Lisboa, Academia Real das Ciências, 1858, p.1. Sempre que se citar Gaspar Correia, referimo-nos às *Lendas da Índia*, e a esta edição.

⁹² Idem, p. 2.

analisamos as diferentes fases vividas pelo autor, desde o seu nascimento em 1492, até ao seu falecimento, que se supõe ter ocorrido em 1565.

Gaspar Correia Primeira metade do século XVI	
Data	Evento
c. 1492	Nascimento
1506	Moço da Câmara Real
1512	Partida para a Índia
Até 1515	Secretário de Afonso de Albuquerque
c. 1516	Vedor das Obras de Goa
1525	Almoxarife do Armazém da Ribeira de Cochim
1528	Campanha militar em socorro de Maluco
1529	Viagem ao reino português
1530	Regresso a Goa
1530-1531	Campanha militar em Diu
c. 1532-1534	<i>Crónicas dos Reis de Portugal e Sumários de suas Vidas</i>
c. 1547	Encarregue de desenhar os governadores a pedido de D. João de Castro
c. 1550-1563	<i>Lendas da Índia</i>
c. 1565	Falecimento

Figura 3 – Quadro elaborado por Maria Manuel Pinto Soares Baptista⁹³

Rodrigo José Lima Felner apresenta quatro volumes, sendo o segundo composto por: Livro Segundo, *Em Que Se Recontão Os Famosos Feitos d’Afonso d’Albuquerque, Lopo Soares, Diogo Lopes de Sequeira, D. Duarte de Menezes, D. Vasco da Gama Visoret, D. Anrique de Menezes; Lenda de 17 Annos Acabados no Anno de 1526; Parte II*, o mais relevante para o presente trabalho.

⁹³ Maria Manuel Pinto Soares Baptista, “A Emergência do Discurso Cronístico em Gaspar Correia e Diogo do Couto – Indícios de um (Des)governo português na Índia quinhentista”, Lisboa, 2014, P. 143.

3.2. O Olhar de Gaspar Correia sobre a presença/influência portuguesa no Sudeste Asiático do Século XVI.

Como mencionado nos capítulos anteriores, Gaspar Correia afirma que não pretende fazer de *Lendas da Índia* um relato geográfico, uma vez que Duarte Barbosa já o havia feito, tal como a *Suma Oriental* de Tomé Pires o fez.

Para demonstrar a sua opinião divergente daquela apresentada, elaborou-se uma análise sobre a presença/influência portuguesa no Sudeste Asiático no século XVI, sob a perspectiva do cronista português.

De acordo com os conceitos apresentados anteriormente, analisamos que Gaspar Correia mantinha uma relação próxima com Afonso de Albuquerque, por quem nutria grande admiração. Cabe lembrar que Correia foi escrivão do governador português, o que provavelmente, resultou numa grande quantidade de dados relevantes em relação aos diversos períodos de presença/influência portuguesa nas regiões do Sudeste Asiático, como é o caso de Malaca. Assim, o autor de *Lendas da Índia* apresenta um relatório minucioso não somente sobre a presença/influência portuguesa em Malaca, como também nos apresenta o seu ponto de vista sobre a chegada e a conquista da mesma.

Apesar de não haver muitas referências aos locais por onde se moveu, registamos alguns dos territórios do Sudeste Asiático, fruto de uma extensa pesquisa, que inclui depoimentos orais e escritos, com o objetivo de escrever com clareza sobre os diversos momentos de presença/influência portuguesa em diferentes lugares. Correia, como historiador do Oriente, centrou-se em todos os eventos que representam o marco inicial da mudança que ocorreu com a chegada dos portugueses ao Oriente no século XVI.

Em *Lendas da Índia*, é relevante para este trabalho, o relato de Gaspar Correia a respeito do primeiro momento de presença/influência portuguesa no território Sudeste Asiático.

Tal como apresentado por Tomé Pires, este primeiro momento de presença de Diogo Lopes de Sequeira, deixou homens portugueses em cativo na região,

resultando num segundo momento sob a armada do governador Afonso de Albuquerque em 1511.

Correia apresenta os detalhes dos conflitos entre os portugueses e malaios, após a suposta traição do sultão Mahmud, que resultou na conquista de Malaca e na construção da fortaleza conhecida como *a Famosa*. É possível analisar a forma como o autor descreve tudo, como a religião, a construção da fortaleza, o estado do tempo, e a moeda desenvolvida pelos portugueses em Malaca.

Além disso, será analisada uma nova região do Sudeste Asiático, denominada Maluco, descoberta por António D'Abreu, bem como a expedição de Gonçalo Gomes de Azevedo à região em 1528 sob o comando de Jorge de Cabral.

Em seguida, analisaremos os primeiros momentos de presença/influência portuguesa no Sião, sendo Duarte Fernandes o primeiro enviado para tal. Por fim, Gaspar Correia finaliza o relato com a viagem de Afonso de Albuquerque à Índia, local onde viria a falecer em 1515.



Figura 4 - Desenho de Afonso de Albuquerque.⁹⁴

⁹⁴ Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, Prólogo, ed. RJ Lima Felner, 1860, Tomo II, p.4.

O relato de Gaspar Correia a respeito do Sudeste Asiático no século XVI, tem início com a chegada de Diogo Lopes de Sequeira a Malaca. Sequeira foi um fidalgo enviado com o objetivo de aumentar o comércio em regiões como Madagáscar e Malaca, chegando a esta última em setembro de 1509. Correia escreve como o governador Afonso de Albuquerque “*ouve muy grande prazer com a vinda de Nuno Vaz de Castello Branco*”⁹⁵, o qual deu larga conta ao Governador do feito de Malaca.”⁹⁶



Figura 5 - Desenho de Diogo Lopes de Sequeira. ⁹⁷

⁹⁵ Nuno Vaz de Castello Branco foi o décimo almirante de Portugal.

⁹⁶ Gaspar Correia, “*Lendas da Índia*”, ed. RJ Lima Felner, 1860, Tomo II, p. 32.

⁹⁷ Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, ed. RJ Lima Felner, 1860, Tomo II, p. 15.

Sequeira, ao chegar ao território malaio, procurou estabelecer uma ligação com os mercados chineses no porto, bem como organizar um contato com o Rei local, ou seja, o sultão Mahmud. Como é possível notar na *Suma Oriental* de Tomé Pires, ambos os autores mencionam a existência de uma comunidade de mercadores chineses em Malaca, que utilizavam o território malaio como um entreposto comercial.

Correia descreve como o sultão Mahmud, apesar de inicialmente ter apoiado Sequeira, acabou por desconfiar da ameaça que os portugueses representavam aos seus interesses “e logo ordenou traição conta os nossos”⁹⁸. O autor argumenta que o sultão de Malaca ordenou que “matassem” e “cativassem” os portugueses, o que resultou em conflitos entre as duas nações. e “na feitoria erão tanta gente que os nossos já se nom podião defender, que erão muytos feridos e alguns mortos”⁹⁹. Diogo Lopes de Sequeira optou, assim, por retornar à Índia, deixando para trás portugueses em cativo, o que resultou num segundo momento de presença portuguesa na região do Sudeste Asiático de Malaca, em 1511, sob a armada de Afonso de Albuquerque.

Aqui, encontramos um retrato do *maravilhoso* a que Gaspar Correia recorre para explicar os feitos cometidos pelos portugueses no Oriente. O escritor narra esse evento em: “*Como o Governador Afonso d’Albuquerque Partio Pera Malaca, e o Que Passou No Caminho Até Chegar Ao Porto Da Cidade, E O Que Passou Com Hum Filho d’EIRey De Pedir, Que Achou No Caminho Em Hum Junquo Com Que Pelejou Dous Dias*”¹⁰⁰. Aqui, o autor inicia a sua narrativa em relação aos diversos lugares geográficos do Sudeste Asiático, descrevendo como Albuquerque partiu de Cochim para Malaca atravessando o Ceilão até Pacem. Descreve como os portugueses viram duas embarcações carregadas de mercadorias, como cobre, azougue, vermelhão, coral, panos coloridos, estoraque líquido, águas rosadas e dinheiro com destino a Pegu.

⁹⁸ Idem., p.35.

⁹⁹ Idem., p.38.

¹⁰⁰ Gaspar Correia, “*Lendas da Índia*”, ed. RJ Lima Felner, 1860, Tomo II, p. 214.

Analizamos uma primeira menção à mercadoria existente na região. Além disso, o autor descreve como os portugueses chegaram às mercadorias em questão, seguindo o seu caminho até a terra de Pacem. Lá, viram duas embarcações que vinham de Cambaya com destino a Malaca. Novamente, observamos a relevância das rotas comerciais no contexto histórico da expansão e da Ásia Marítima.

Em relação aos primeiros momentos de presença/influência portuguesa em Malaca, sob a armada de Afonso de Albuquerque, Correia narra como o governador chegou à cidade em junho de 1511, visando libertar os portugueses que estavam presos pelos soldados malaios desde a fuga de Diogo Lopes de Sequeira, em 1509.

Afonso de Albuquerque envia Diniz Fernandes de Mello às naus de Cambaya para encontrar um homem digno, onde descobriu um muçulmano, capitão de três navios, que “*muyto folgou*”¹⁰¹ por ter sido convocado para a presença do governador português. O termo “muçulmano”, é mencionado demonstrando a relevância da religião como um aspeto importante na crónica do século XVI.

A religião, assim como em *Suma Oriental*, é destacada nas *Lendas da Índia*, como uma necessidade de expandir o território e dominar as rotas comerciais, para demonstrar a supremacia portuguesa sobre as outras nações, assim como expandir a Fé cristã. Desta forma, percebemos que o cristianismo e as representações do espírito cristão português estão presentes nas crônicas de Gaspar Correia. Assim, o autor uniu a vontade régia de abrir uma rota marítima para o Oriente, e controlar o comércio de especiarias com a missão de combater os muçulmanos, unindo o povo sob a Fé cristã.

Como já foi mencionado, Afonso de Albuquerque desejava libertar os portugueses sob o domínio malaio, o que, por sua vez, requeria que as duas figuras se comprometessem para tal. Analizamos como o governador português interage com o Sultão de Malaca, comunicando entre si, através do envio de diversos recados.

¹⁰¹ Folgar, palavra muito utilizada para descrever alegrar ou ter alívio de algo.

O Sultão reuniu as suas populações, tanto locais quanto estrangeiras, que tinham diferenças entre si. Ou seja, os habitantes de Malaca desejavam paz, pois temiam os males da guerra, enquanto os estrangeiros, como o Xabândar¹⁰², chefe de todos os mercadores, estavam a favor dos conflitos. Correia relata como este último informou ao Sultão que os portugueses não estavam em Malaca à procura dos homens em cativo, mas sim como uma retaliação pelo mal que as gentes malaias lhes causaram.

O conselho do Xabândar pareceu adequado ao Sultão malaio, onde este respondeu ao recado do governador da seguinte forma: *“dizendo que folgava com sua vinda pera com elle assentar boa paz e trato, que muyto desejava; e por ysso guardará os cativos que tinha para o assento d’esta paz e matára o seu bendará, porque o mal aconselhára no alevantamento que fizera contra o outro capitão; e que por tanto lhe rogava que logo assentassem a paz, que logo lhe mandaria os cativos”*¹⁰³. É relevante lembrar que a fuga do "outro capitão", ou seja, Sequeira, ocorreu durante os conflitos entre os portugueses e os malaios, em 1509. Sendo assim, não é de estranhar o facto de o Sultão Mahmud acreditar na palavra do Xabândar em relação à verdadeira intenção de Albuquerque.

Gaspar Correia cita alguns nomes que o governador enviou para a captura de Malaca, como João de Lima, Francisco de Tavora, Fernão Gomes de Lemos, Ayres da Silva, Simão d’Andrade, Ayres Pereira, Diniz Fernandes de Mello, Nuno Vaz de Castello Branco e Payo Rodrigues de Sousa *“em seus batés, com sua gente bem concertada, forão dar fogo em muytas casas de madeira, que erão feitas na praya sobre esteos muy lauradas”*¹⁰⁴, o que acabou por acudir as gentes de Malaca.

É importante analisar a descrição detalhada dos diversos "heróis" portugueses enviados para socorrer os homens que se encontravam em cativo. É de igual

¹⁰² Shahbandar ou Xabandar, termo que surge muito na literatura oriental. Segundo W.H. Moreland, eram considerados mestres dos portos. Descrito por Castanheda como “Patrão da Ribeira”. Também são referidos por vezes como Xabandar Cambães.

¹⁰³ Gaspar Correia, *“Lendas da Índia”*, ed. RJ Lima Felner, 1860, Tomo II, p. 220.

¹⁰⁴ Idem. p.225.

importância lembrar que a intenção de Gaspar Correia ao escrever a sua obra *Lendas da Índia* era a de informar sobre os diversos feitos portugueses no Oriente. Assim, compreendemos a razão pela qual o cronista não deixa de mencionar os homens que contribuíram para a conquista de momentos importantes da presença/influência portuguesa.

Dado o sucedido, o Sultão Mahmud envia recado ao governador português, informando que pretendia soltar os dezoito portugueses que se encontravam em cativeiro. Com isto, os prisioneiros foram libertos e no reencontro houve, segundo o autor, lágrimas de alegria.

Afonso de Albuquerque prometeu vingança ao tomar conhecimento dos males que os malaios haviam cometido, iniciando os conflitos pela conquista de Malaca em julho de 1511. Com isso, o governador português ordenou que um "muçulmano" fosse encarregue de informar ao sultão que, caso este lhe enviasse mais um recado, o mandaria enforcar "*polos pés até que moira*".¹⁰⁵

O cronista português descreve com detalhe os eventos ocorridos durante a conquista, descrevendo os escassos capitães e fidalgos "*já muy enfadados da guerra e muy duvidosos de lhe parecer que se podia tomar a cidade, que era muy grande e com muyta gente muy gerreira*"¹⁰⁶. Correia transmite, através do seu *olhar*, a luta dolorosa que resultou na morte de diversos soldados portugueses, bem como na vulnerabilidade à derrota.

No que toca à questão da dúvida sobre a conquista de Malaca, Correia cita diversas frases, ou seja, razões e obrigações apresentadas pelo governador Afonso de Albuquerque aos seus fidalgos. O governador recorda como os mesmos eram vassallos naturais de Portugal, sendo, portanto, leais portugueses que deveriam morrer pelo serviço de Deus e do Rei, ou seja, D. Manuel. Além disso, relata como o governador comunicou aos seus capitães o seguinte: "*Senhores, o que comigo tenho assentado he trabalharmos por tomar esta cidade e tomada n'ella fazer fortaleza*"¹⁰⁷.

¹⁰⁵ Gaspar Correia, "*Lendas da Índia*", ed. RJ Lima Felner, 1860, Tomo II, p. 226.

¹⁰⁶ Idem. p. 231.

¹⁰⁷ Idem. p. 235.

Novamente, analisamos a relevância da fé cristã, uma vez que os portugueses tinham como missão combater e morrer em nome de Deus e do monarca português.

Após o comunicado aos seus homens, Albuquerque ordenou que os navios se juntassem à cidade, aguardando o “sinal”. Correia descreve como a cidade foi colocada “*em grande alvoroço, e gritos, e brados, fogindo com os filhos e fatinho às costas, que nem acertavão por onde hião*”¹⁰⁸. A análise do relato do autor é relevante, uma vez que compreendemos o medo que as pessoas transmitiam, pois estavam tão assustadas que nem sabiam por onde fugir.

Correia ainda descreve o tempo de duração da conquista, ou seja, até o amanhecer. Observamos como os portugueses desejavam lutar durante a noite e descansar durante o dia, uma vez que, de acordo com o autor, os inimigos atacavam durante o anoitecer.

Como consequência da guerra contra os malaios, observamos que diversos soldados foram golpeados, o que deixou Afonso de Albuquerque enraivecido. No entanto, Correia menciona como o governador português evitou retomar à batalha até que os seus homens se encontrassem rijos. Gaspar Correia demonstra a sua admiração por Albuquerque, pois descreve-o como um homem justo cujo objetivo era proteger os seus. No entanto, a execução da conquista de Malaca custou vinte e oito mortos, além de diversos feridos.

O sucedido infortúnio não foi em vão, pois, os portugueses manifestaram vitória sobre a conquista de Malaca. Como resultado, o sultão retirou-se do espaço malaio, onde o governador produziu a repartição de trabalho, composta por mais de setecentos homens, além das vigias entre os capitães e as suas famílias. Assim, a fortaleza foi erguida ao longo do rio e da praia.

Segundo o autor “*abrio os alicerces da torre de vinte pés de largo, e os alicerces da fortaleza toda em roqua de doze pés, que fez quadrada, e nos cantos torres quadradas sobradadas no andar do muro, o qual foy alevantando pola banda*

¹⁰⁸ Idem. p. 236.

do outeiro, que os berços varejavão o outeiro”¹⁰⁹. O governador tinha trezentos homens na obra, o que significa que o trabalho era “*grande em desfazer as mesquitas*”¹¹⁰. Na sua narrativa sobre Malaca, Tomé Pires menciona a destruição das mesquitas, bem como o processo de construção da fortaleza denominada *Famosa*.

Correia explica como a fortaleza foi construída e como os trabalhadores começaram a adoecer e a morrer de febre e cansaço devido ao trabalho árduo. De acordo com o autor, a população de Malaca não comia mais do que arroz com manteiga, uma vez que, quando encontravam uma galinha, ela valia trinta cruzados¹¹¹, enquanto um ovo valia dois. Aqui, temos a oportunidade de conhecer um pouco da gastronomia consumida na região, bem como o valor monetário, o cruzado, e o valor de cada alimento.

Analizamos como as doenças mencionadas surgiram devido ao clima, uma vez que todos os dias ocorriam trovoadas pela manhã. A água era ríspida e o sol quente, o que contribuiu para a doença que atrasou a obra, posto que “*a obra cessou per alguns dias per caso d’ estes malles, que passante de hum mês se nom fez nada nas paredes*”¹¹².

É importante salientar como o autor descreve o estado do tempo no Sudeste Asiático, pois, antes da chegada de Albuquerque a Malaca, o mesmo surgiu numa ilha que existia anterior ao território malaio, devido ao vento das trovoadas na região. A armada portuguesa, de acordo com o autor, percorreu toda a praia “*abandeyrada e apaesada*”.¹¹³ Tomé Pires, em *Suma Oriental*, também relata o clima nas regiões do Sudeste Asiático, ou seja, a temporada das monções, o que demonstra uma certa veracidade dos factos relatados pelos dois autores em relação ao clima.

¹⁰⁹ Gaspar Correia, “*Lendas da Índia*”, ed. RJ Lima Felner, 1860, Tomo II, p. 251.

¹¹⁰ Segundo Tomé Pires na *Suma Oriental*, o Rei de Malaca havia mandado construir uma mesquita no lugar onde a fortaleza portuguesa tomaria lugar. Aqui conseguimos analisar, como a mesquita foi destruída pelos portugueses, o que deu à luz a construção da fortaleza, que denominaram “A Famosa”.

¹¹¹ Valor monetário utilizado pelos portugueses durante o reinado de D. Manuel I.

¹¹² Gaspar Correia, “*Lendas da Índia*”, ed. RJ Lima Felner, 1860, Tomo II, p. 252.

¹¹³ Idem. p. 219.



Figura 6 - Desenho da fortaleza de Malaca. ¹¹⁴

Analizamos como Albuquerque tinha como objetivo causar o menor dano possível à cidade, pois pretendia conquistá-la e construir nela uma fortaleza.

A figura 6 apresenta o desenho da fortaleza portuguesa localizada na cidade de Malaca, que, de acordo com o cronista, Afonso de Albuquerque esteve presente em todas as etapas da construção da mesma. Além disso, cita como o governador ordenou a aceleração da obra, tendo em vista que o sultão, Mahmud Shah pretendia incendiá-la, bem como a possível traição do Utemutaraja que desejava ser futuro Rei de Malaca, isto que será mais bem analisado ao longo do capítulo.

A torre era retangular e cada sobrado tinha quatro janelas. Os cantos eram cobertos com pasta de chumbo, e estanho que havia em abundância na cidade. O autor ainda descreve como existiam varandas no exterior das janelas da torre e, no

¹¹⁴ Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, ed. RJ Lima Felner, 1860, Tomo II, p. 251.

interior, foram construídas casas para que pudessem residir cerca de cem homens. Nas torres de chumbo, residiam o feitor e os oficiais. Na parte superior da porta, foi colocada uma pedra que continha o escudo das quinas e uma cruz de Cristo estampada. No coruchéu da torre, havia uma bandeira erguida conforme o padrão das quinas e uma cruz de Cristo no topo. O *olhar* de Gaspar Correia revela os detalhes da construção da fortaleza e a necessidade de retratar a nação portuguesa com a fé cristã, uma vez que não apenas a bandeira portuguesa está presente, como também características religiosas, como a cruz de Cristo.

Na figura seguinte (7), são apresentados alguns dos detalhes mencionados pelo autor em relação ao seu relato sobre a construção da fortaleza. Esta imagem, representa a torre em estado de ruína, onde é possível notar a presença do coruchéu da torre. Embora não sejam visíveis outros detalhes como as quinas, é possível observar, ainda que discretamente, o emblema do escudo português.



Figura 7 - Ruína da fortaleza portuguesa em Malaca denominada por “A Famosa”. ¹¹⁵

Correia relata como Albuquerque criou a moeda portuguesa de Malaca. Havia uma moeda feita em calaim, nome nativo dado ao estanho, e outra de ouro, que valia mil e quarenta reais na época. Nela, é possível observar a figura do Rei português

¹¹⁵ Disponível online https://stringfixer.com/pt/Fortress_of_Malacca [Consult. 2022-08-23].

com a coroa, a espada na mão, e as letras “*Esta conquistada e ganhada*”.¹¹⁶ Do outro lado, o escudo das quinas e “*Gloria pera sempre memoria*”¹¹⁷.

A moeda de prata, que valia setecentos e vinte reais, também foi mencionada. De um lado, encontravam-se as quinas sem coroa, de outro as letras “*Espera em Deos pera mais*”.¹¹⁸

Ao apresentar as moedas, que duraram até a cronologia de Lopo Soares¹¹⁹, o governador comparou-as às de Portugal. As ruas de Malaca anunciavam como D. Manuel estabeleceu a produção de moedas de ouro, prata e calaim.

A imagem apresentada na Figura 8 apresenta uma das moedas de Malaca durante o reinado de D. Manuel. O emblema do monarca representado pela esfera, era utilizado como referência e símbolo das conquistas universais de Portugal. Ainda encontramos a cruz de Cristo, e as letras “Espe”, provavelmente da frase “*Espera em Deos pera mais*”, o que demonstra, mais uma vez, a relevância de Cristo e da religião cristã no século XVI.



Figura 8 - Moeda de Malaca durante reinado de D. Manuel.¹²⁰

¹¹⁶ Gaspar Correia, “*Lendas da Índia*”, ed. RJ Lima Felner, 1860, Tomo II, p. 260.

¹¹⁷ Ibidem. p. 260.

¹¹⁸ Ibidem. p. 260.

¹¹⁹ Lopo Soares de Albergaria, nomeado por D. Manuel I como governador da Índia em 1515, sucedendo assim Afonso de Albuquerque.

¹²⁰ Imagem disponível *online*

<https://www.coinarchives.com/w/results.php?results=100&search=malacca> [Consult. 11/02/2023].

Utemutaraja¹²¹, figura mencionada anteriormente no presente capítulo, era um muçulmano de suma importância na cidade de Malaca. Ao longo dos cinquenta anos em que residiu na cidade malaia, alcançou a estatura de segunda pessoa mais importante no reino.

Afonso de Albuquerque desejava que o Utemutaraja ocupasse o comando de Portugal, talvez como um exemplo da expansão da Fé cristã, como já foi mencionado anteriormente. O muçulmano tinha receio de que o governador lhe desejasse a morte, uma vez que era demonizado pelos crimes e tiranos que havia cometido. Desse modo, o homem de idade foi o primeiro a solicitar o apoio do governador português, uma vez que apenas desejava assentar-se na idade em que se encontrava.

É relatado que Albuquerque discutiu a intenção do Utemutaraja, uma vez que este havia enviado cartas ao sultão Mahmud relatando haver se aproximado dos portugueses com o intuito de matar o governador e os seus companheiros, para, assim, entregar a fortaleza ao sultão malaio.

Albuquerque tomou conhecimento da traição e concluiu que *“nom havia de perdoar senão com sangue e fogo”*¹²². Como tal, determinou-se a fazer justiça, decapitando, assim, os infiéis. A presente análise centra-se na violência com que os portugueses executavam aqueles que consideravam traidores, ou seja, inimigos.

A região de Maluco é mencionada brevemente, sendo descrita como a terra onde nasceu o cravo. António D' Abreu foi designado para a expedição do território com Francisco Serrão e Simão Afonso, em três navios carregados com mercadorias de grande valor em Maluco. Numa das frotas seguia Francisco Rodrigues, que para além de piloto, era cartógrafo, ilustrando os mapas que se apresentam na obra *Suma Oriental* editada por Armando Cortesão.

Numa carta dirigida ao Rei datada de 20 de agosto de 1512, Afonso de Albuquerque relata o seguinte: *“(...) a nao çabaya e a nao samta catharina e a caravela latina sam carregadas de mercadorias aas ilhas do cravo carregar de cravo:*

¹²¹ Também denominado Timutaraja, chefe das gentes de Java.

¹²² Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, ed. RJ Lima Felner, 1860, Tomo II, p. 260.

vay nelas por capita moor amtonio d abreu, sota capitam francisco serrão, vay na caravela latina symam afomso (...) partiram no mês de novembro, dous meses e meo antes que eu partisse; levam dous pilotos da terra e tres portugueses, he hum gomçalo d oliveira e o outro luis botim e o outro framcisco rrodriguez, homem mamcebo que quaa amdava, de muy boom saber, e sabe fazer padrões; hiam bem furnecidos de mantimentos e d artelharia, e em todos tres navios semto e vintomeens bramcos e vimte espravos pera a bomba, com muitas bamdeiras (...) praza a nosso senhor que os qeira levar e trazer a salvamento, e com fundamento d irem á ilha de bamdam, ilha das maças e noz nozcada, e dy irem espalmar a hum cabo que se chama ambam, de hũa ilha gramde que está quatro dias de caminho das ilhas do cravo; (...).¹²³ No entanto, os portugueses não chegaram às ilhas do cravinho na primeira viagem, e é provável que nem estivesse previsto, permanecendo nas Molucas do sul e regressando a Malaca, como Fernão Lopes de Castanheda relata: *“E ao outro dia fez volta para Malaca, onde achou Antonio d’Abreu q chegara de descobrir Maluco, a que não chegou por culpa dos tempos lhe terçarẽ mal, & ele cõ Simão Afonso não pode mais chegar que as ilhas Damboyno q sam perto das de Maluco (...) depois de ho esperar muyto tẽpo se tornou pera a ilha de Banda, que he hũa ilha grande em que ha as arvores que dão a noz nozcada & a maçã (...) & nesta ilha achou tambẽ algũ cravo. E carregado de noz & de maçã, se tornou a Malaca”*¹²⁴.

Segundo Sollewijn Gelpke¹²⁵, os navios partiram de Malaca em novembro de 1511, liderados pelo capitão Francisco Serrão. A embarcação naufragou na ilha de Ternate, e, de acordo com José Manuel Garcia, o Rei local sentiu-se tão honrado com a presença de Abreu que o nomeou como seu genro.

Serrão escreveu a Magalhães com excelentes referências das Molucas, nas quais se destacam o cravo-da-índia, a noz-moscada e os maces. Ainda, segundo

¹²³ Ed. Pato, R. A. de B., “*Cartas de Affonso de Albuquerque*” (Tomo I), 1884, p. 68.

¹²⁴ Fernão lopes Castanheda, “História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses”, Coimbra, 1552, Liv. 3, pp. 175-176.

¹²⁵ Sollewijn Gelpke, J.H.F., “Afonso de Albuquerque’s pre-Portuguese Javanese map, partially reconstructed from Francisco Rodrigues book”, p. 84.

Garcia, a ilha Molucas “as descobrira António de Abreu por mandado de Afonso de Albuquerque, governador que naquele tempo era das Índias por el-rei de Portugal; do que o mesmo Fernão de Magalhães fora testemunha, e tendo a certeza onde aquelas ilhas jaziam”¹²⁶.

Segundo Duarte Barbosa, é provável que Fernão Magalhães estivesse presente na expedição de António de Abreu e de Francisco Serrão às Molucas. Além disso, descreve como “O cravo nasce nas ilhas chamadas Malucas e delas o levam a Malaca, e, dali, a Calecut no Malabar. Vale em Calecut cada bahar de 500 a 600 fanões, e, sendo bem limpo e escolhido, até 700; e pagam-se direitos 18 fanões por bahar. Em Maluco onde nasce, vende-se de um até dois ducados o bahar, segundo a quantidade de compradores que vão por ele, e, em Malaca de dez até catorze, segundo as encomendas que há”.¹²⁷

É possível, através desta análise, entender o valor do cravo, uma vez que, diversos autores do século XVI denominam as ilhas das Molucas como a “Ilha do Cravo”. A região é mencionada de novo em 1528, quando Jorge de Cabral enviou Gonçalo Gomes D’Azevedo numa expedição para socorrer a fortaleza portuguesa na ilha.

Igualmente, analisamos como Malaca é o entreposto principal, que demonstra a veracidade dos factos mencionados por Gaspar Correia.

Os acontecimentos descritos por Gaspar Correia, correspondem com diversos dados fornecidos por Afonso de Albuquerque, Fernão Lopes de Castanheda e Duarte Barbosa, o que nos leva a concluir a veracidade dos feitos nas ilhas Molucas.

Em relação à região do Sião, Correia escreve que Afonso de Albuquerque pretendia estabelecer uma boa paz, uma vez que o Reino continha grande riqueza,

¹²⁶ José Manuel Garcia – “A Viagem de Fernão de Magalhães e os Portugueses”, Editorial Presença, Lisboa, 2007, p. 267.

¹²⁷ Duarte Barbosa, “Livro em que dá relação do que viu e ouviu no Oriente” (Introdução e notas de Augusto Reis Machado), Lisboa, [1516], 1966, p. 230.

assim como Maluco. Como tal, Albuquerque envia Duarte Fernandes¹²⁸ para a primeira expedição ao Reino siamês para estabelecer ligações com Rama Thibodi II.

Gaspar Correia descreve Fernandes como um homem bem-disposto e *“muyto entendido pera o que comprisse”*¹²⁹, o que sugere que a personalidade de Duarte Fernandes possa ter sido um dos fatores que ajudaram Albuquerque a escolhê-lo para uma eventual ligação comercial e amigável com as gentes do Sião.

Rama Thibodi II recebeu os portugueses com grande satisfação e ordenou: *“bem aposentar, e dar muyta abastança de comeres, e mostrar hum alifante branco que tinha”*¹³⁰. O elefante é visto como um símbolo de riqueza e poder, o que é facilmente entendido nas narrativas do século XVI. Atualmente, no Palácio Real da Tailândia, os membros da família real desfrutam de elefantes, sendo que cada membro elege um para os representar.

O Rei de Campar estava em união com uma filha do sultão de Malaca. Ao ouvir os feitos extraordinários dos portugueses na região malaia, ficou receoso, uma vez que era genro do sultão. Assim, expressou o seu desejo de paz e amizade com os portugueses, de modo a ser “servidor”, ou seja, prestável para com Portugal.

O Rei de Jaó também tinha como objetivo estabelecer as pazes, provavelmente, através do envio de um recado, pois, como já foi analisado, o modo de comunicação, baseava-se no envio dos mesmos.

Desta forma, é possível notar que a conquista dos portugueses sobre Malaca, aliada às conexões estabelecidas com nações como Molucas e o Reino do Sião, trouxe não somente paz, mas também novos tratos comerciais e amigáveis entre os diversos territórios do Sudeste Asiático no século XVI.

Duarte Coelho realiza uma nova expedição ao Reino do Sião em 1518, com o objetivo de estabelecer um acordo de amizade e comércio, que seria a primeira convecção celebrada pelo Sião sob a influência ocidental. Fernão Mendes Pinto

¹²⁸ Primeiro português a estabelecer relações diplomáticas no Sião, atualmente conhecido como Tailândia.

¹²⁹ Gaspar Correia, *“Lendas da Índia”*, ed. RJ Lima Felner, 1860, Tomo II, p. 262.

¹³⁰ Idem., p. 263.

apresentará uma descrição mais detalhada deste acontecimento no capítulo seguinte.

Analisamos como Afonso de Albuquerque regressou à Índia devido à monção, deixando alguns portugueses responsáveis pela cidade de Malaca, como Ruy de Brito, capitão da fortaleza, Rui de Araújo, feitor e alcaide, além de ser o responsável pelo rendimento da cidade, assegurando a segurança das gentes de Malaca com bom capitão e boa gente.

Após esta breve análise, é possível notar que, ao contrário de Tomé Pires, Gaspar Correia descreve com clareza todos os eventos ocorridos pelos portugueses em Malaca, onde aplica a característica “heroica” sobre os diversos feitos. Tomé Pires centra-se na geografia comercial, bem como na descrição das pessoas, dos espaços culturais e sociais. Correia, ao escrever os feitos dos portugueses em Malaca, demonstra um *olhar* sobre os diversos aventureiros que contribuíram para a construção de um império. Isso deu-se na recolha de informação de diversos relatos presenciados pelos governadores, verificando por si a veracidade dos factos, as circunstâncias locais e tudo o que era mais importante para sua obra *Lendas da Índia*.

4. Capítulo IV – Fernão Mendes Pinto e a Peregrinação

A partir dos conceitos apresentados nos capítulos anteriores, será realizada uma análise a Fernão Mendes Pinto, bem como o seu relato sobre a presença/influência portuguesa no Sudeste Asiático no século XVI.

Mendes pinto apresenta-nos um terceiro olhar, através da sua obra *Peregrinação*, que segue uma cronologia diferente da de Tomé Pires e Gaspar Correia, uma vez que Mendes Pinto escreveu a sua obra na segunda metade do século XVI.

Para este capítulo, foi lida e analisada a edição de Adolfo Casais Monteiro publicada pela Casa da Moeda, em Lisboa, no ano de 1983.

4.1. Fernão Mendes Pinto o autor.

A biografia de Fernão Mendes Pinto, assim como a dos autores mencionados anteriormente, é bastante limitada. De acordo com fontes, nasceu em Montemor-o-Velho no início do século XVI e faleceu em Almada em 1583.

Acompanhou a viagem de Pedro de Faria a Malaca, de onde fez o seu ponto de partida para as aventuras que sucederam ao longo de vinte e um anos.

Diogo Barbosa Machado, em 1747, escreveu, na sua *Bibliotheca Lusitana*, o seguinte sobre a biografia de Fernão Mendes Pinto:

“Fernando Mendes Pinto naceo em a Villa de Monte mór o velho do Bispado de Coimbra em a Provincia da Beira de Pays honrados, mas muito pobres. Quando contava a tenra idade de doze annos partio da sua Patria acompanhado de hum tio, e chegando a Lisboa a 21 de Dezembro de 1521, como desejasse fortuna mais prospera para o sobrinho o acomodou em a caza de huma Senhora Illustre, onde depois de assistir nella pelo espaço de anno e meyo com louvavel procedimento foy obrigado para salvar a vida, retirarse clandestinamente da dita caza. Embarcado em huma caravella, que de Lisboa partia para Setúbal, foy prizioneiro por hum Cossário Francez, que depois de meter a fundo a embarcação, o tratou e aos seus

companheiros com grande incivilidade, sendo este successo o fatal prologo das várias infelicidades que padeceo pelo espaço de sua vida. Restituído à liberdade voltou a Setúbal, e depois de servir quasi dous annos o lugar de Moço da Camara do Duque de Aveiro, o Senhor D. Jorge, filho natural d EIRey D. João II. considerando que aquella occupaçaõ. lhe não promettia os mayores augmentos se resolveo a buscar fortuna mais propicia em parte muito remota da sua Patria, qual era a Índia Oriental, para onde se embarcou a 11 de Março de 1537, em huma Armada de cinco naos, de que era Capitão mór D Pedro da Sylva filho do Conde Almirante D. Vasco da Gama. Havendo discorrido pela Ethiopia, Arábia Feliz, China, Tartaria, Sião, Pegú, Macassar, Samarra, Martava., e todo o Archipelago Oriental, em cuja dilatada peregrinação que elle descreveo com igual juizo, que verdade, consumio a larga diuturnidade de vinte e hum annos, em que padeceo lastimosos, e incríveis infortúnios, sendo cativo treze vezes, vendido dezescete e quase tragado das ondas por diversas occasioens não sendo tão fataes tribulaçoens, e horrorosos perigos, bastantes obstáculos para que não observasse com judicioso exame por ser dotado de agudo engenho, e felicíssima memoria, os costumes, e cerimoniaes de Naçoens tão várias, a potencia dos seus Princepes, e a situação de tantos Reynos e Províncias (...).¹³¹ A análise realizada por Barbosa Machado apresenta dados relevantes sobre o Homem, Fernão Mendes Pinto.

Alguns dos países que se destacam na *Peregrinação* são Malaca, Sião, Molucas, Sunda, China e Japão. No entanto, para este trabalho, apenas são de grande interesse as regiões do Sudeste Asiático, como Malaca, Sião e Sunda.

Como apontam Amélia Polónia e Rosa Capelão,¹³² a *Peregrinação* foi publicada pela primeira vez em Lisboa, trinta e um anos após a morte do autor, em 1614. Michael Smithies¹³³ menciona na sua obra crítica de “*Peregrinação*”, duas razões relativas à demora da publicação final do livro em português. A primeira

¹³¹ Diogo Barbosa Machado, “Bibliotheca Lusitana”, Lisboa, 1747, tomo II, pp. 38-41.

¹³² Amélia Polónia e Rosa Capelão, “A *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto e as suas experiências do Oriente”, In: Portugal – Goa: Os Orientes e os Ocidentales, Universidade do Porto, 2019, p. 19.

¹³³ Rebecca D. Catz (ed.) The travels of Mendes Pinto. In: Michael Smithies, *The Siam of Mendes Pinto's Travels*. Journal of the Siam Society Vol. 85, Parts I & II, 1997. P. 59.

atribui-se ao poder da Inquisição e à natureza do texto, ou seja, um ataque irónico à perseguição religiosa e à intolerância. A segunda, devido à estrutura do texto, que estava repleto de frases incoerentes e sem pontuação.

Segundo Catz¹³⁴, a “*Peregrinação*” de Fernão Mendes Pinto tinha como objetivo obter um retrato autobiográfico de uma viagem pela Ásia durante o século XVI, esta que teve início em 1537 e terminou vinte e um anos depois, em 1558. Mendes Pinto iniciou a sua *Peregrinação* por volta de 1536, descrevendo informações e raros detalhes geográficos relativos aos países que visitou. O autor destaca as viagens *maravilhosas*, e aventuras que povoaram o imaginário de um grande número de leitores ao longo dos séculos XVII e XVIII.

A obra foi traduzida e publicada em diversas edições, bem como em diversos idiomas, como inglês, japonês, mandarim, castelhano e alemão.

Dado o conhecimento da obra *Peregrinação* de 1614, a transcrição de Adolfo Casais Monteiro foi lida e analisada para o presente estudo. A edição de Casais Monteiro, publicada em 1983 pela Casa da Moeda de Lisboa, apresenta-se como “o *texto primitivo, inteiramente conforme à primeira edição (1614)*”.¹³⁵

Fernão Mendes Pinto, assim como Tomé Pires e Gaspar Correia, viajou para o Oriente durante o século XVI, período Quinhentista. A *Peregrinação* é, portanto, uma obra de literatura de viagem, ou seja, uma crónica de viagem fundamentada em factos reais das viagens que Mendes Pinto realizou pela Ásia.

O autor mencionou três funções que o levaram a escrever a obra: autobiográfica, moral e religiosa, as quais podem ser analisadas, uma vez que conhecemos o Homem Fernão Mendes Pinto, bem como as aventuras descritas na obra que contribuíram para a construção do império português, bem como a importância da religião cristã.

Mendes Pinto viveu na cidade de Ayutthaya, no Sião, o que o torna numa referência de grande relevância, uma vez que nos lembramos de como Portugal e o

¹³⁴ Rebbeca D. Catz. “*Fernão Mendes Pinto and his Peregrinação*”. Vol 74. No. 3, P. 501.

¹³⁵ Fernão Mendes Pinto “*Peregrinação*”, ed. Adolfo Casais Monteiro, 1983, capa. Sempre que se citar Fernão Mendes Pinto, referimo-nos a esta edição.

Sião, atualmente conhecido pela Tailândia, demonstram uma relação de amizade que perdura para além dos quinhentos anos. Como tal, serão apresentadas as diversas regiões do Sudeste Asiático, dando especial ênfase aos períodos de presença/influência portuguesa no Reino do Sião.

Ao contrário de Tomé Pires e Gaspar Correia, a *Peregrinação* apresenta oito capítulos que tratam do que é atualmente denominado por Tailândia.

4.2. O Olhar de Fernão Mendes Pinto sobre a presença/influência portuguesa no Sudeste Asiático do Século XVI.

Ao contrário de Tomé Pires e Gaspar Correia, Fernão Mendes Pinto escreveu sobre a presença/influência portuguesa no Sudeste Asiático na segunda metade do século XVI. Como tal, na *Peregrinação*, é possível notar uma perspetiva diferente em relação aos espaços em estudo.

Na sua obra, Fernão Mendes Pinto descreve a experiência de viagem como um discurso sobre o Oriente, utilizado como ferramenta para estudar as imagens culturais dos espaços geográficos visitados. A tradição portuguesa da literatura de viagem aprendeu a importância de presenciar muitas das descobertas durante a expansão marítima do século XVI.

A *Peregrinação* visa analisar a identidade pessoal, bem como o *olhar* do *Outro* e a imagem do Oriente, apresentando ao leitor europeu o conceito espacial e cultural das civilizações orientais, neste caso, os espaços geográficos, sociais e culturais no Sudeste Asiático do século XVI.

Na sua obra, Fernão Mendes Pinto menciona a diversidade de rotas marítimas na região oriental, bem como o número de embarcações atracadas nos portos e a riqueza dos mercados locais. No entanto, ao invés de tratar as relações comerciais com a mesma especificidade que Tomé Pires fez, o diálogo na *Peregrinação* trata da imagem, que é uma representação do *Outro*, ou seja, o reconhecimento de diferentes práticas culturais, e a experiência da viagem ou de uma presença estrangeira no imaginário do autor.

Como analisado em diversos capítulos anteriores, o século XVI foi um período importante devido à produção de obras originais, que descrevem novos mundo, ao longo das viagens realizadas por diversos aventureiros portugueses. A *Peregrinação* é, portanto, uma narrativa de viagens que descreve os diversos locais visitados.

Dada a veracidade histórica da obra de Fernão Mendes Pinto, Aníbal Pinto de Castro¹³⁶ menciona que o autor viveu intensamente descrevendo, de modo a criar a impressão de que se está diante de uma descrição elaborada a partir de factos reais e plausíveis. Fernão Mendes Pinto apresenta através do seu *olhar*, uma visão do mundo, das civilizações e da vida quotidiana asiática em meados do século XVI, uma vez que, para os portugueses, o mundo oriental era uma novidade de natureza diferente e excêntrica. Esses fatores são importantes para as riquezas naturais, o clima, a arquitetura, os costumes, a religião, e os diversos juízos de valor.

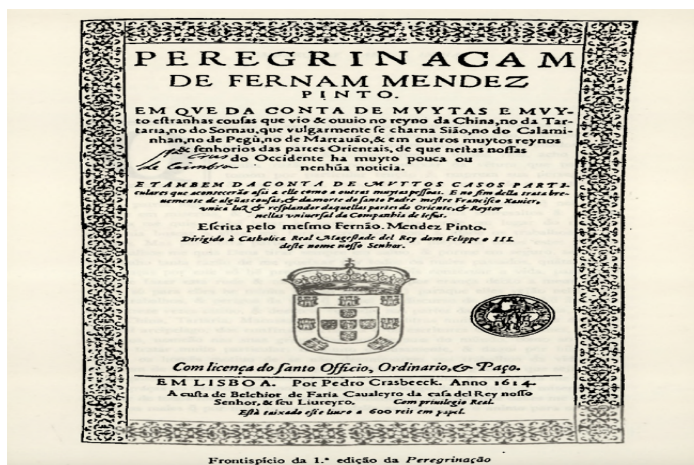


Figura 9 - Frontispício da primeira edição da obra *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, Pedro Craesbeeck, 1614.¹³⁷

No frontispício da primeira edição (figura 9), é apresentado o conteúdo pragmático da obra: “*Peregrinacãm de Fernam Mendez Pinto. Em que se da conta de muytas e muyto estranhas cousas que vio & ouvio no reyno da China, no da*

¹³⁶ Aníbal Pinto de Castro. “De Montemor-o-Velho às ilhas do Japão: a Peregrinação de Fernão Mendes Pinto e o encontro de culturas”. Coimbra: Comissão de Coordenação da Região Centro, 1993.

¹³⁷ Retirado da obra Fernão Mendes Pinto, “*Peregrinação*”, ed. Adolfo Casais Monteiro, 1983.

Tartaria, no do Sornau, que vulgarmente se chama Sião, no do Calaminhan, no de Pegù, no de Martauão, & em outros muytos reynos & senhorios das partes Orientais, de que nestas nossas do Ocidente ha muyto pouca ou nenhũa noticia. E também da conta de muytos casos particulares que acontecerão assi a elle como a outras muytas pessoas. E no fim dela trata brevemente de algmuas cousas & da morte do Santo Padre mestre Francisco Xavier, unica luz & resplendor daquellas partes do Oriente & Reytor nellas universal da Companhia de Iesus. Segundo Amélia Polónia e Rosa Capelão, “a *Peregrinação* é, de facto, um relato de sobrevivência, exemplo máximo de adaptação e superação de todas as adversidades e infortúnios, onde o seu autor e a sua personagem axial dão mostras de um conhecimento pragmático e utilitário, fruto de uma experiência adquirida e vivida em todos aqueles territórios, desconhecidos, estranhos, exóticos, e com frequência, incompreensíveis”¹³⁸. José Manuel Garcia menciona a *Peregrinação* como uma obra literária “com um carácter autobiográfico e refletindo de forma directa as experiências de um português que andou por muito tempo em inúmeras terras longínquas, essa obra soube reunir todos os géneros literários então existentes, desde a crónica ao relato de naufrágios, cercos e batalhas, passando pela descritiva de terras e gentes (Geografia e Antropologia), a epistolografia, a roteirística e até as prosas doutriniais, a crítica social e o panegírico, sem esquecer o recurso à cartografia”¹³⁹.

É importante salientar que Eduardo Prado Coelho¹⁴⁰ enumerou os pontos de vista adquiridos sobre a obra de Fernão Mendes Pinto. Em primeiro lugar, é uma obra de carácter picaresca, onde há uma visão ingénua dos acontecimentos e uma crítica involuntária. O autor usa o exotismo para criticar a sociedade, apresentando a utopia política, social e religiosa. Há uma conceção de Deus que está acima da diversidade de religiões e rituais, assim como uma riqueza psicológica das figuras

¹³⁸ Amélia Polónia e Rosa Capelão, “A *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto e as suas experiências do Oriente”, 2019, p. 23.

¹³⁹ José Manuel Garcia, “Apresentação de PINTO, Fernão Mendes – *Peregrinação* (ed. fac-similada da ed. de Lisboa: Por Pedro Crasbeeck, 1614”, 1995, p. 8.

¹⁴⁰ Eduardo Prado Coelho, Prefácio à obra Fernão Mendes Pinto – *Peregrinação*, 2001, pp. 12-13.

dos textos. Além disso, percebemos que a descrição é realizada de um ponto de vista utilitário, pois os elementos descritivos são parte de uma operação prática muito específica cujos objetivos são definidos. Ainda é possível notar a menção ao exagero, ou seja, à mentira, que apresenta um sentido teatral das situações.

No mapa apresentado na Figura 10, é possível observar as viagens realizadas por Fernão Mendes Pinto ao longo da sua obra *Peregrinação*.

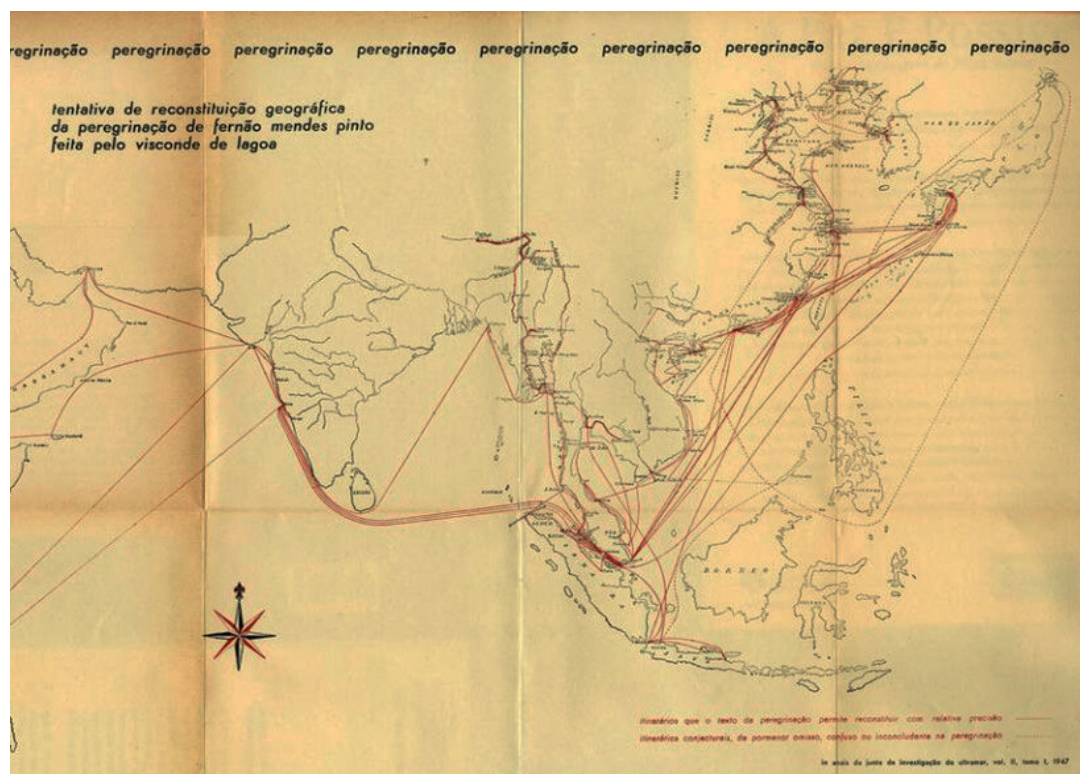


Figura 10 - Mapa das viagens de Fernão Mendes Pinto. ¹⁴¹

Embora existam diversos caminhos, as regiões do Sudeste Asiático que o autor menciona são Malaca, *Peedir*, *Panaaiu* (região de Sumatra), *Achem*, *Aru*, *Siaca*, *Pão*, *Patane* e *Sião*.

A presença/influência portuguesa nas regiões do Sudeste Asiático teve início em 1539, sob o comando do capitão-mor Pedro de Faria. O autor escreve como

¹⁴¹ Disponível online <https://www.meer.com/pt/119-fernao-mendes-pinto> [Consult. 24/02/2023]

*“Passados vinte e três dias depois q chegamos a esta cidade, (...) me fuy, por conselho de hum padre meu amigo, offerecer a hum fidalgo honrado por nome Pero Faria, que então estava provido de Capitão de Malaca”*¹⁴².

É importante salientar que Pedro de Faria, foi capitão-mor de Malaca entre 1528 - 1529 e 1539 - 1542, ou seja, uma cronologia que se diferencia da de Pires e Correia em *Suma Oriental* e *Lendas da Índia*.

De acordo com Mendes Pinto, Faria partiu de Goa¹⁴³ no dia treze de abril e chegou a Malaca, durante a monção, no dia cinco de junho de 1539. As aventuras e desventuras descritas por Mendes Pinto, começam quando o autor narra a visita de um embaixador do Rei dos Batas a Malaca, e os acontecimentos que surgiram, *“veyo hum del Rey dos Batas, que habita na ilha Çamatra da parte do Oceano”*¹⁴⁴.

O Rei *Angeessiry Timorraja*, enviou, junto com um presente, uma carta ao capitão-mor de Malaca, solicitando a sua amizade. Como tal, ofereceu produtos como ouro, pimenta, cânfora, Águila e beijoim em troca de outras mercadorias. Aqui, é possível analisar o tipo de produto oriundo das ilhas de Sumatra, bem como o desejo de estabelecer ligações com os portugueses.

O autor menciona como Faria ordenou o embaixador dos Batas *“agasalhar o mais honradamente que então foy possível (...) dispidio bem despachado, e satisfeito do que viera buscar, porque lhe deu ainda algumas coisas além das que lhe pidira, como forao cem panellas de pólvora, rocas, bombas de fogo, com que se partio tão contente desta fortaleza”*¹⁴⁵. Dessa forma, o embaixador em lágrimas, prometeu, em nome do seu Rei, conceder vitória contra o opressor de *Achem*. Além disso, pediu *“que meu rei nunca tenha outro rei se não este grande português, que agora é senhore de Malaca”*¹⁴⁶.

¹⁴² Fernão Mendes Pinto, *“Peregrinação”*, ed. Adolfo Casais Monteiro, 1983, p.38.

¹⁴³ Cidade na Índia, antiga colônia portuguesa.

¹⁴⁴ Fernão Mendes Pinto, *“Peregrinação”* ed. Adolfo Casais Monteiro, 1983, p.39.

¹⁴⁵ Idem., p.43.

¹⁴⁶ Idem., p.44.

É importante notar a perspectiva do *Outro*, em relação aos portugueses, que são vistos como homens extraordinários devido aos feitos cometidos em territórios do Sudeste Asiático, como a conquista de Malaca em 1511.

Analisamos a descrição do clima e da natureza nas diferentes regiões, como, por exemplo, a região de *Peedir* com “*arvoredo do mato muyto grande quantidade de cobras e de bichos de tão admiráveis grandezas e feições*”¹⁴⁷.

São descritos os animais que se encontravam pelo caminho, como cobras de capelo “*da grossura da coxa de hum homem (...) com as cabeças do tamanho de huã vitella*”¹⁴⁸. Os mosquitos atanzavam os homens, pois não havia individuo que não estivesse “banhado” de sangue.

Mendes Pinto utiliza o exagero ao comparar as dimensões dos animais (cobras), bem como a adjetivação utilizada para descreve o modo em que os mosquitos os deixavam. A intenção do autor, talvez, fosse a de transmitir a novidade, recorrendo à adjetivação exagerada de características que, na época, eram desconhecidas pelos portugueses, como a natureza e o clima tropical.

Como já foi mencionado em *Suma Oriental* e *Lendas da Índia*, em *Peregrinação* também é possível observar a existência de tempestades que, por sua vez, causaram grandes destruições e custaram vidas aos portugueses. O autor demonstra essa característica ao narrar um episódio ocorrido durante a sua viagem com o objetivo de alcançar o reino de Aru, em 1539. Na obra, observamos como uma tempestade a Noroeste (comum na ilha de Sumatra), causou destruição e “*de vinte e oito pessoas que nella hiamos, as vinte e três se afogarão (...) e os cinco que escapamos somente pela misericórdia de nosso Senhor*”¹⁴⁹. O autor apresenta-nos, através do seu *olhar*, a gravidade do clima tropical nas regiões do Sudeste Asiático.

Após a tempestade, Mendes Pinto descreve como os sobreviventes aguardavam por um “milagre”, o que demonstra a relevância da religião cristã

¹⁴⁷ Ibidem.

¹⁴⁸ Idem., p.45.

¹⁴⁹ Fernão Mendes Pinto, “*Peregrinação*” ed. Adolfo Casais Monteiro, 1983, p.68.

naquela época. O autor descreve como os cinco homens sobreviventes escaparam à morte graças à misericórdia de nosso Senhor.

Em *Arissumhee*,¹⁵⁰ dois dos marinheiros que acompanhavam o autor, foram atacados por dois lagartos, descritos como gigantescos e que, em pouco tempo, fizeram “*delles em quatro pedaços, ficando toda a agoa cheya de sangue e assi os levarão ao fundo*”¹⁵¹. Novamente, analisamos a presença da natureza, bem como o exagero relativamente aos lagartos, e ainda o Anti-herói, quando o autor descreve a sua emoção repleta de terror sobre o sucedido. Aqui, estamos perante à falta de coragem por parte do homem pois transmite o medo. Ao invés de dominar a natureza, espera ser socorrido por um “milagre” que os salve.

Este milagre pode ser observado quando Mendes Pinto e o seu companheiro, viram homens numa “barcaça”, suplicando em lágrimas que os levassem de volta a Malaca, pois eram cristãos naturais da cidade. Como resposta, receberam “*se tendes algum dinheyro escondido dardesnolo, e então usaremos com vosco dessa proximidade que vossas lagrimas nos pedem, porque doutra maneyra não tendes remedio*”¹⁵². Como resultado, o autor descreve como permaneceram em cativo, sangrando sem piedade, o que por sua vez, resultou na morte do seu companheiro. A emoção é, mais uma vez, apresentada, como o medo e a violência que o autor vivenciou.

Mendes Pinto encontrou um mercador muçulmano, o qual concordou em comprá-lo por mil e quatrocentos reais, retornando-o, assim, de volta a Malaca. O autor descreve como foi muito bem tratado diante do poder do seu novo amo, oferecendo-nos, aqui, um primeiro momento de relação entre cristão e muçulmano no século XVI, como uma forma de aceitação da pluralidade das religiões existentes. Analisamos ainda como Fernão Mendes Pinto viajou, sobretudo a pé ou em barcos de diversos tipos, o que implica a travessia de um grande espaço, seja terrestre,

¹⁵⁰ Entidade geográfica mencionada. Rio em Sumatra.

¹⁵¹ Fernão Mendes Pinto, “*Peregrinação*” ed. Adolfo Casais Monteiro, 1983, p.70.

¹⁵² Fernão Mendes Pinto, “*Peregrinação*” ed. Adolfo Casais Monteiro, 1983, p.71.

marítimo ou fluvial. Há uma variedade de formas de *olhar* que, por circunstâncias ou acidentes, resultaram na alteração da rota.

É relevante salientar como Fernão Mendes Pinto nos deu a oportunidade de conhecer o Reino siamês durante sua estadia em Ayutthaya, uma vez que oito dos seus duzentos e vinte e seis capítulos descrevem o Sião.

O autor descreve como chegou a Chiammay, a participação dos portugueses na guerra da região em 1545, e ainda descreve como o Rei do Sião atravessou diversos locais até chegar a Chiammay, ou Singuapamor, como as pessoas locais a chamavam.

As gentes são descritas pelo autor como nobres, ricas, algumas delas brancas e outras mais escuras. A região, era alagadiça, cheia de lagartos e cobras, e estava bem protegida por muros, com casas baluartes¹⁵³ à moda portuguesa, todas construídas com tijolo e taipa. Além disso, havia rios de água doce, terra fértil e era rica em alimentos, como carne. As áreas altas tinham arvoredo de madeira de Angelim, que permitia a construção de diversos transportes navegáveis. Em termos de produtos, a região era rica em minas de prata, ferro, aço, chumbo, estanho, salitre, enxofre, seda, beijoim, lacre, anil, roupas de algodão, rubis, marfim e ouro.

Nesta análise, encontramos diversas características relevantes, como a arquitetura, que era influenciada pela cultura portuguesa, a descrição do espaço geográfico do território siamês, e a aparência das suas gentes, bem como o tipo de produtos existentes na região, o que mais uma vez, demonstra a relevância das rotas comerciais nos textos narrativos do século XVI.

Ao retratar a terra de Chiammay¹⁵⁴, esta usufruía de um rio, e *“Tem em roda sessenta jãos, de tres legoas cada jão, ao longo do qual ha muytas minas de prata, cobre, estanho e chumbo, de que continuamente se tira muyta quantidade destes metais”*¹⁵⁵. O autor aponta ainda como, *“este reyno como se pode ver no mapa, tem*

¹⁵³ Construção em espécie de fortim onde as muralhas formam ângulo.

¹⁵⁴ Chiang Mai, cidade localizada no noroeste da Tailândia.

¹⁵⁵ Fernão Mendes Pinto, *“Peregrinação”* ed. Adolfo Casais Monteiro, 1983, p.114.

por sua graduação quasi setecentas lagoas de costa, e cento e sessenta na largura do sertão.”¹⁵⁶

Segundo Michael Pearson¹⁵⁷ a Lagoa de Chiammay, foi mencionada inicialmente por João de Barros na sua obra *Décadas da Ásia*, na qual é apresentada de forma semelhante à de Mendes Pinto. Apesar de, atualmente, não existir uma Lagoa com as descrições mencionadas por ambos os autores, seria demasiada coincidência se os dois recorressem ao imaginário para relatar a existência da mesma.

Na figura (11) apresentamos um mapa elaborado pelo cartógrafo italiano, Giacomo Gastaldi,¹⁵⁸ que foi retirado da obra de Ramusio. A Lagoa de Chiammay é destaca por Fernão Mendes Pinto, assim como João de Barros nos seus textos narrativos do século XVI.



Figura 11 - Desenho de Giacomo Gastaldi. ¹⁵⁹

¹⁵⁶ Idem. p.583.

¹⁵⁷ Michael Pearson, “Lake Chiamay: Asia’s mythical mother of rivers”, 2018, P. 43.

¹⁵⁸ Giacomo Gastaldi, também conhecido por Jacopo, foi um cartógrafo italiano, cuja sua atenção foi inteiramente dedicada ao desenho de mapas que representavam pontos virais no contexto histórico do século XVI.

¹⁵⁹ Retirado da segunda edição da obra *Delle Navigazioni et Viaggi* de Giovanni Battista Ramusio, Vol.I.,1554, disponível na National Library Board, Singapura.

Além dos Reinos do Sião mencionados anteriormente, havia ainda duas mil e seiscentas povoações, semelhantes a cidades e vilas, denominadas por Pro dum. Os habitantes são caracterizados como pessoas fracas, uma vez que não dispunham de armas defensivas, o que demonstra a importância das armas de fogo naquela época.

O autor faz uma comparação, entre o *nós* e o *outro*, sendo que os portugueses eram considerados guerreiros devido à riqueza de armas defensivas, enquanto as gentes de Pro dum eram fracas devido à ausência delas.

A religião é abordada de diversas maneiras ao longo da obra. Por exemplo, na ilha de Palimbão, existia uma comunidade muçulmana, uma das quais aceitou “comprar” o autor numa das suas aventuras relatadas anteriormente. Prechau Saleu era o nome do Rei do Sião, que em português significa membro do Santo Deus.

Desta forma, é possível analisar que a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto se encontra repleta de referências ao divino, uma vez que apresenta uma variedade de citações a missões a rituais religiosos, como os pedidos de clemência e misericórdia divina. O título da obra *Peregrinação*, por si só, sugere uma referência à leitura religiosa, embora possam existir outras razões para o seu significado.

Em relação aos costumes dos locais visitados, o autor menciona como, ao chegar à povoação de Batorrendão, em Achem, que, em português, significa “pedra frita”, encontrou a residência do Rei. Nessa mesma passagem, descreve como se encontrou com uma senhora de idade acompanhada de gente nobre. Apresenta-nos a forma como a senhora acenou e lhe disse que a sua vinda era muito agradável. Ao entrar na residência do Rei, apoiou o joelho no chão, oferecendo-lhe um presente e uma carta, onde o monarca o recebeu com “*bom gasalho e mostras de muyta alegria*”¹⁶⁰. Podemos analisar aqui, o modo como o autor descreve o *olhar* por meio do detalhe e pela exatidão dos eventos, como o caso dos diferentes comportamentos do *Outro*.

¹⁶⁰ Fernão Mendes Pinto, “*Peregrinação*” ed. Adolfo Casais Monteiro, 198., p. 65.

No reino de Lambee¹⁶¹, havia uma povoação de casas de palha, conhecida como Siaca, e a metrópole do império do Sião era a cidade de Ayutthaya, também conhecida por Odiaa¹⁶².

No relato de Mendes Pinto, encontramos as tradições e os juízos de valores quando o Rei do Sião, ao retornar à cidade de Odiaa, descobriu que a sua Rainha havia cometido adultério. Como consequência, a Rainha executa o Rei com “peçonha”.

É importante salientar que a peçonha é um tipo de veneno que surge de animais peçonhentos. Estes animais apresentam glândulas nas quais o veneno é transmitido diretamente através de dentes, ferrões ou agulhões, como o caso de serpentes, aranhas e escorpiões. O clima tropical, que se destaca pelas tempestades de chuva, como as regiões do Sudeste Asiático, é exemplar para a existência de animais peçonhentos.

O autor relata a triste morte do Rei e algumas das coisas notáveis que realizou ao longo da sua vida. O povo chorou, o que demonstra o seu caráter bondoso. É descrito como caridoso em dar esmolas, grandioso e liberal em fazer favores, piadoso e brando para com todos, e, sobretudo, muito inteiro em fazer justiça e castigar os delinquentes. É retratado como o melhor rei mais notável que já existiu.

Fernão Mendes Pinto regista ainda os eventos ocorridos entre os anos de 1540 e 1545, como, por exemplo, o envio do embaixador Francisco de Crasto para resgatar Domingos de Seixas e outros dezasseis portugueses que se encontravam presos no Sião. O Rei não apenas recebeu Crasto, como também libertou os homens portugueses em cativo. Este é um dos exemplos que Mendes Pinto utiliza para ilustrar a relação amigável entre os portugueses e os siameses no século XVI.

Mendes Pinto, ainda em relação ao Reino do Sião, relata diversos momentos de presença/influência portuguesa nos diversos reinos do espaço compreendido por

¹⁶¹ Objecto geográfico interpretado em Sumatra.

¹⁶² Cidade (metrópole) que fazia parte do Reino do Sião.

Tailândia. De acordo com Rita Bernardes de Carvalho,¹⁶³ o Sião foi fundado em 1350 por Rama Thibodi I (1350-1369) e teve como capital Ayutthaya, que fica no norte de Lopburi, ao sul de Phrapradaen, a Este Nakornnayok e a Oeste Suphanburi.

A instalação dos primeiros portugueses no Sião ocorreu devido à predisposição siamesa em receber os estrangeiros no Reino. Essa predisposição é consequência do aumento do clima de conflitos e de guerras que surgiram no século XVI no Sudeste Asiático.

Como já foi mencionado nos capítulos anteriores, os portugueses chegaram ao Sião devido às expedições enviadas por Afonso de Albuquerque após a conquista de Malaca em 1511. Os primeiros portugueses a chegarem às terras siamesas foram Duarte Fernandes, seguido de António de Miranda de Azevedo em 1512, e, mais tarde, Francisco Castro, em 1540.

Ao narrar sobre o Sião, o autor cita como encontraram Tomé Lobo¹⁶⁴ que habitava no reino do Pão. Lobo concordou em viajar com o autor até o reino de Patane,¹⁶⁵ descrito como uma terra perigosa. O autor descreve como passou pelo território com uma carta e um presente para o Rei, de modo a libertar cinco portugueses que estavam presos no Reino do Sião.

Segundo Fernão Mendes Pinto, o Rei de Patane recebeu bem os portugueses. Após vinte e seis dias em Patane, chega o capitão António de Faria de Sousa, enviado por Pedro de Faria para realizar negócios com o Rei, uma vez que este mantinha antigas relações diplomáticas com Malaca, além de expressar gratidão pelo tratamento respeitoso dispensado aos portugueses.

Mendes Pinto descreve que na costa malaia havia um grande Rei chamado Prechau Saleu Imperador de todo o Sornau, província composta por treze reinos, comumente denominados por Sião. A região de Ayutthaya foi atacada aos dezanove dias de junho de 1548, o que resultou na destruição de todos os castelos da cidade

¹⁶³ Rita Bernardes De Carvalho, “La présence portugaise à Ayutthaya (Siam) aux XVI et XVII siècles. Ecole Pratique des Hautes Etudes IV Section Sciences Historiques et Philologiques”, Paris, 2006, pp. 45-67.

¹⁶⁴ Comissário de Pedro de Faria que residia no reino do Pão.

¹⁶⁵ Região no Sião, local importante de comércio para os portugueses.

durante a guerra contra o Rei Burmês. Este evento ocorreu novamente no século XVIII, cujos vestígios continuam presentes na cidade.

São mencionados os produtos transportados para as diversas regiões visitadas, como, por exemplo, o reino de Aru. O autor narra como um embaixador do Rei solicitou ajuda dos portugueses para o fornecimento de munições de pólvora, de modo a terem condições defensivas contra o Rei de Achem. Fernão Mendes Pinto desembarcou em Aru trazendo consigo uma carta do português Pedro de Faria, bem como pólvora e munições, o que deixou o Rei de Aru bastante satisfeito.

Mendes Pinto descreve como o Rei de Aru lhe mostrou o pouco que tinha para se defender dos Achês, como, por exemplo, cinco mil homens, quarenta espingardas, vinte seis elefantes, quarenta cavalos e quarenta lanças. O autor descreve de forma rápida a percepção da facilidade de domínio sobre a terra, o que nos demonstra como os portugueses forneciam armas e munições para diferentes regiões do Sudeste Asiático, como Aru, que, como podemos observar, possuía poucas armas para se defender.

O autor descreve como um diamante do reino de Aru foi entregue a Pedro de Faria, expressando o seguinte sentimento: *“dize-lhe, que o mais que entendo que lhe devo pelo amor que mostrou no socorro das munições que mandou por ty, deixo para lho levar por mim quando com mais descanso do que agora tenho me vir livre destes inimigos.”*¹⁶⁶ Aqui o autor apresenta um pouco sobre as trocas comerciais, especificamente ofertas trocadas entre nações.

Mendes Pinto descreve ainda os conflitos entre os reinos de Aru e Achem, descrevendo como o Rei de Aru morre, *“lhe tirarão as tripas, e salgado o meterão em hũa arca, e o levarão ao Achem, o qual o mandou publicamente e cõ grandes cerimónias de justiça serrar em pedaços, e cozer nũa caldeyra de breu e azeite”*¹⁶⁷. A adjetivação adotada pelo autor, transmite com clareza a forma violenta da execução “pública” do Rei.

¹⁶⁶ Fernão Mendes Pinto, *“Peregrinação”* ed. Adolfo Casais Monteiro, 1983, p. 67.

¹⁶⁷ Idem., p. 80.

A *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto não apresenta uma unidade temporal, mas sim um tempo desestruturado, uma vez que não há uma linearidade espacial, ou seja, um percurso contínuo e um itinerário definido. Analisamos uma distorção nos eventos, uma vez que o viajante se aventura em ambientes perigosos e sacrificiais, enfrentando medos e grandes obstáculos.

Infelizmente, não encontramos uma viagem bem planeada com um objetivo específico. É uma obra que desperta o interesse do leitor, uma vez que Mendes Pinto demonstrou capacidade de observar e refletir sobre o que captava os seus sentidos e, dessa forma, transmitiu o que pensava e sentia.

Como leitores, somos desafiados a imaginar tudo o que ele nos apresenta durante as suas aventuras e desventuras. Os conceitos apresentados satisfazem a curiosidade do leitor, que procura respostas verosímeis sobre como ocorreu e como aconteceu determinado evento ou sucesso político, comercial ou religioso. Dessa forma, transmitem-se sensações que podem ser compartilhadas com o leitor, descrevendo os sentimentos e emoções.

No decorrer das últimas décadas, surgiram diversas outras obras de viagem que se assemelham à *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, como o poema “Viajar! Perder Países!”¹⁶⁸ de Fernando Pessoa. Aqui, é possível analisar o *outro* constante, o que, por sua vez, resulta na fragmentação do *eu*, uma vez que não basta apenas a observação, mas também é necessário remeter à experiência, o que Mendes Pinto fez ao longo da sua obra.

Podemos concluir como Fernão Mendes Pinto não foi apenas um aventureiro português corajoso que contribuiu para a construção do império português no século XVI. Mendes Pinto foi o autor de uma obra reconhecida como obra-prima da literatura mundial que influenciou não apenas o contexto histórico de presença/influência portuguesa em espaços extraeuropeus, como também a literatura, nomeadamente a de viagens, que construíram e continuam a construir a nação portuguesa.

¹⁶⁸ Poema de Fernando Pessoa <http://arquivopessoa.net/textos/2195> [Consult. em 2023-02-05].

5. Capítulo V – Do Comum e do Diferente em Tomé Pires, Gaspar Correia e Fernão Mendes Pinto: Vestígios de Permanência.

5.1. Dos Espaços Físicos

Ao longo do presente estudo, foi possível analisar, através dos capítulos anteriores, como os três autores em questão, Tomé Pires, Gaspar Correia e Fernão Mendes Pinto, apresentam três visões distintas, ou seja, uma tripla de *olhares* divergentes sobre o Sudeste Asiático no século XVI.

Em primeiro lugar, é importante salientar a diferença periódica, uma vez que Tomé Pires esteve presente no Sudeste Asiático, em Malaca, por volta de 1512, data que ocorreu logo após a conquista portuguesa sobre a cidade em 1511.

Relativamente a Gaspar Correia, não há evidências que nos indiquem que esteve presente nas regiões do Sudeste Asiático, como Malaca, Sumatra e Sião, mas foi escrivão do governador Afonso de Albuquerque que conquistou a cidade malaia na data mencionada. A informação de Correia baseia-se em governadores que se destacaram nas regiões em que escreveu, pois como descreve certos eventos, certamente, é oriunda de fontes de grande conhecimento.

No que diz respeito a Fernão Mendes Pinto, analisamos como este esteve de facto presente no Sudeste Asiático no século XVI, mas apenas depois, ou seja, a partir de 1536, quando acompanhou o capitão-mor Pedro de Faria nas suas viagens.

Apresentamos em anexo, tabelas comparativas que demonstram as diversas referências ou, melhor, os três *olhares* descritos pelos autores em questão. Observamos que Tomé Pires descreve as comunidades e os costumes com mais clareza do que os outros, bem como as diversas regiões onde se realizavam negócios, sem deixar de mencionar os tipos de mercadorias produzidas e comercializadas em cada espaço geográfico¹⁶⁹. Pires ainda apresenta vários detalhes sobre o comércio que se realizava em cada região, o que nos permitiu

¹⁶⁹ Anexos III e IV – Tabela comparativa (referências aos costumes e comércio de produtos)

conhecer diversos produtos que se trocavam e eram comercializados entre os territórios, como por exemplo, sinabafos, aço, gengibre, pimenta, mirabolanos, cobre, estanho, chumbo e seda.

Embora diferente, Correia também relata as mercadorias encontradas e alcançadas pelos portugueses, como o cobre, o vermelhão, o coral, os tecidos coloridos, o estoraque em líquido, as águas rosadas e o dinheiro. Este último 'item' é descrito pelos três autores, uma vez que Pires menciona a forma monetária utilizada em determinadas regiões, como a "cança", Correia, o calaim usado em Malaca,¹⁷⁰ e Mendes Pinto, o cruzado como "a nossa moeda".

Fernão Mendes Pinto, por outro lado, menciona a riqueza dos mercados locais, mas não detalha as relações comerciais, optando por dialogar com o reconhecimento de práticas culturais e a experiência de viagem no imaginário do autor. Mendes Pinto reflete, de forma indireta, as experiências vividas por um português que viajou por longos períodos em terras distantes.

Em termos de estilo narrativo, Pires utiliza expressões como "mouro" para se referir às pessoas de religião muçulmana, "homem de peleja" para descrever indivíduos lutadores, e adjetivações como "capados", negro, nédio e pagão para descrever o físico das pessoas de cada região. Além disso, Pires usa com frequência a palavra "gentios", ou seja, não cristãos, o que demonstra que a religião era, de certa forma, relevante, uma vez que cada Rei ou pessoa de relevância que descreve, menciona constantemente se era mouro (muçulmano) ou pagão. Assim, analisamos a religião¹⁷¹ como um elemento comum, uma vez que ela é mencionada com a mesma especificidade e relevância em *Lendas da Índia*, de Gaspar Correia, e em *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto.

É importante lembrar como Correia demonstrava o espírito cristão português, ao aventurar-se em regiões do Oriente com o objetivo de controlar o comércio, combatendo os muçulmanos, de modo a unir os povos sob a Fé cristã.

¹⁷⁰ Anexo VIII – Referência à moeda (tabela comparativa)

¹⁷¹ Anexo V – Referência à religião (tabela comparativa)

Fernão Mendes Pinto demonstra o mesmo tipo de situação ao mencionar o termo “muçulmano”, muitas vezes representado como um inimigo. Vejamos, por exemplo, as seguintes passagens: “Os Mouros do lunco, entrando logo na nossa embarcação, acabaraõ inda de matar hus seis ou sete moços que no conucs acharaõ feridos, sem a nenhum quererem dar vida”¹⁷², e “porque esse Mouro que vos outros dizeis se gabaua publicamente a quem o queria ouuir, que da geração destes homês de Malaca tinha mortos por algúas vezes hua grande soma”¹⁷³. Deste modo, é possível notar que os três *olhares* transmitem o mérito da religião no século XVI.

São descritos os costumes e juízos de valor de cada espaço geográfico. Em *Suma Oriental*, Pires aborda as tradições relacionadas ao casamento, ao adultério e à forma como o Rei era cumprimentado. Mendes Pinto também relata o adultério especialmente quando narra o episódio entre os monarcas do Reino do Sião. Correia, por outro lado, escreve sobre o dia a dia das regiões, como a gastronomia, que era consumida em Malaca.

É possível analisar a bondade do Rei do Sião em relação aos portugueses a partir da chegada de Duarte Fernandes, que foi o primeiro português a estabelecer ligações com o Sião. Logo, não é de estranhar que Portugal e o Sião sempre tiveram uma boa relação e um tratado de relações amigáveis que ainda persiste.

Muitas das figuras são mencionadas, como Diogo Lopes de Sequeira. Pires e Correia mencionam como Sequeira se retirou de Malaca devido à traição dos malaios na cidade. Rui de Araújo, tal como o sultão Mahmud Shah, é retratado por ambos os autores, demonstrando a possibilidade de que os seus feitos sejam reais. Já Afonso de Albuquerque é retratado pela tripla, apresentado os seus feitos pelo Oriente.

Ambos, Pires e Correia, apresentam informações semelhantes sobre como os portugueses chegaram a Malaca e à fortaleza¹⁷⁴ denominada a *Famosa*, bem como a sua construção. As mesquitas construídas no local onde a fortaleza dos

¹⁷² Fernão Mendes Pinto, “*Peregrinação*” ed. Adolfo Casais Monteiro, 1983, p. 101.

¹⁷³ Idem. P. 103

¹⁷⁴ Anexo IX – Referência à construção da fortaleza “A Famosa” (tabela comparativa).

portugueses foi construída, após a conquista da cidade são descritas pelos dois. Esta informação é coerente entre ambos, onde Correia é o autor que melhor descreve o sucedido ao narrar como os portugueses destruíram as mesquitas para construir a fortaleza portuguesa.

Os três autores referem o estado do tempo,¹⁷⁵ o período da monção, que causou uma série de destruições e alterou as rotas. É possível observar a ansiedade dos autores ao presenciarem os eventos climáticos que relatam.

Na tabela seguinte analisamos os espaços geográficos compartilhados pelos três autores retratados neste trabalho.

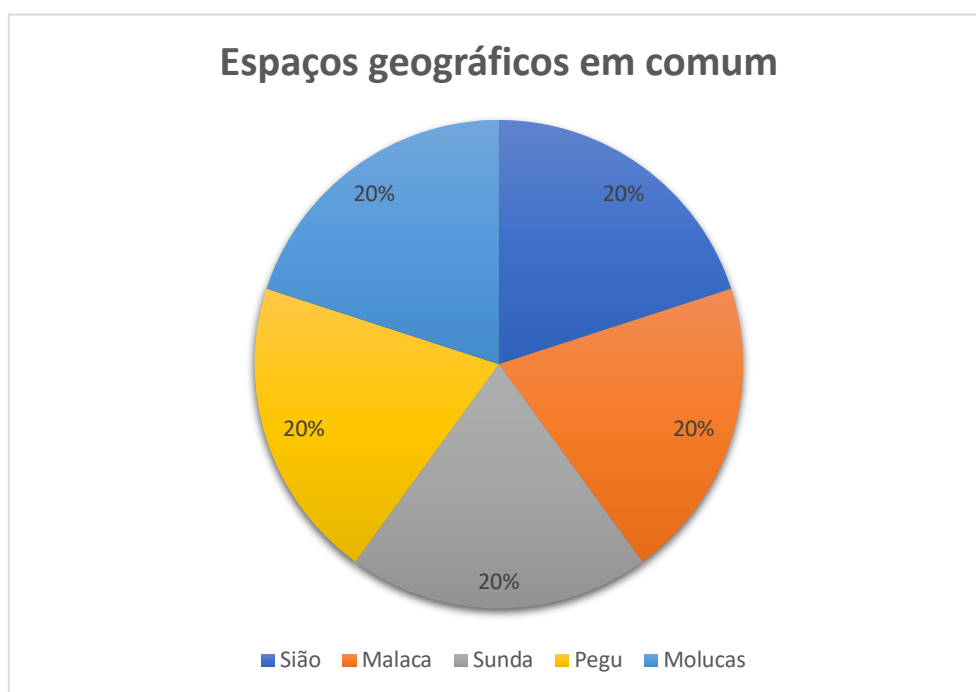


Figura 12 - Tabela realizada pela autora da dissertação.

Apesar de cada autor citar mais regiões do Sudeste Asiático, os cinco lugares mencionados pelos três em comum são o Sião, Malaca, Sunda, Pegu e as ilhas Molucas. Desta forma, é possível notar como as mesmas são compartilhadas e

¹⁷⁵ Anexo VI – Referência ao estado de tempo (tabela comparativa).

destacadas pelos três, o que, por sua vez, oferece uma visão diferente de cada região, uma vez que são relatos produzidos em cronologias diferentes.

Ao narrarem sobre os cinco espaços, a tripla transmite ao leitor diversas características, tais como as pessoas, os costumes e a religião, além de descrever não somente o espaço social, mas também o físico.

Tomé Pires, ao relatar Malaca, menciona as regiões que se relacionavam com o território malaio, bem como o tipo de produto produzido e comercializado dispersamente. Malaca usufruía de bens como cânfora de burney, pimenta, macias, noz-moscada, sândalos, seda, porcelana, cobre, estanho, chumbo e enrola.

Gaspar Correia refere-se apenas às regiões que se relacionavam entre si, como, por exemplo, Malaca, Cochin, Pegu e Cambaya. No entanto, foca a sua atenção nos feitos realizados pelos portugueses nos territórios do Sudeste Asiático, como Malaca. A história da fundação de Malaca narrada por Pires, menciona a existência de mesquitas, o que é corroborado por Correia que relata como, após a conquista portuguesa da cidade de Malaca, os portugueses resolveram dismantelar as mesquitas e construir uma fortaleza portuguesa conhecida como *A Famosa*.

Relativamente à chegada dos portugueses a Malaca, Pires escreve que Afonso de Albuquerque chegou à região no início do mês de julho de 1511. Já Gaspar Correia informa que o governador chegou à região em junho de 1511. Embora os meses sejam distintos, analisamos como o ano é idêntico.

Os dois autores mencionam o sultão Mahmud Shah, mas, enquanto Pires descreve como ele chegou a ser um monarca, Correia retrata os eventos ocorridos entre ele e os portugueses. Fernão Mendes Pinto menciona a chegada de Pedro Faria a Malaca em 1539. Assim, é possível observar uma cronologia distinta da apresentada por Pires e Correia. No entanto, devemos analisar, comumente, os períodos de presença/influência portuguesa na região malaia, bem como a presença de muçulmanos na região.

Tomé Pires descreve, relativamente ao Pegu, a estatura física das pessoas¹⁷⁶, a forma de vestir e o estilo de cabelo. Mais, revela como o Pegu mantinha relações comerciais com a região de Malaca, que era rica em arroz, assim como o Sião. Gaspar Correia retrata as mercadorias que tinham como destino Pegu, como o cobre, o azougue, o vermelhão, o coral e as águas rosadas. Fernão Mendes Pinto, apesar de mencionar Pegu na sua obra, não retrata o espaço físico da mesma forma que os outros dois autores o fazem, centrando-se apenas na descrição de outras características em territórios como Malaca, Sião e ilhas Molucas.

No que toca ao Sião, Tomé Pires descreve o espaço físico da região, as gentes que lá habitavam, realizando uma comparação entre os siameses e as pessoas de Pegu. Relativamente ao tipo de produto oriundo do Sião, menciona bens como arroz, sal, peixe salgado, legumes, laca, benjoim, pau do Brasil, chumbo, estanho, prata, ouro, marfim, anéis de rubis e diamantes. Fernão Mendes Pinto cita como o Sião era rico em minas de prata, ferro, aço, chumbo, estanho, salitre, enxofre, seda, beijoim, lacre, anil, algodão, rubis, marfim e ouro. Podemos, portanto, analisar alguns dos produtos que os dois autores têm em comum. Enquanto Mendes Pinto descreve a região como alagadiça, rica em lagartos e cobras, com casas baluartes, além da existência de rios de água doce e terra fértil, Tomé Pires relata como o Sião não permitia transações comerciais em Malaca, assim como não permitia muçulmanos.

Além das expedições enviadas por Afonso de Albuquerque, Duarte Fernandes e Duarte Coelho são destacados como figuras que estabeleceram ligações com o Reino. De acordo com Gaspar Correia, Afonso de Albuquerque enviou Duarte Fernandes para a primeira expedição ao Sião para estabelecer uma boa paz, uma vez que o Reino siamês continha grande riqueza, assim como Maluco. Duarte Coelho é também descrito por Fernão Mendes Pinto, quando o embaixador chega ao Reino do Sião resultando na primeira convecção do país siamês com Portugal.

¹⁷⁶ Anexo I & II – Referência às gentes (papel desempenhado pelos homens e mulheres).

Tomé Pires refere a Sunda como Bornéu. A ilha era rica e populosa, onde o autor destaca dezanove reinos e onze terras. As ilhas Molucas, situadas próximas às ilhas da Sunda, são relatadas de forma semelhante por Gaspar Correia e Fernão Mendes Pinto, onde ambos referem que António D'Abreu foi o enviado para a expedição da "ilha do cravinho" em 1511.

Apesar de diferenças, há, contudo, denominadores em comum entre os autores sobre alguns espaços geográficos. Os elementos que se relacionam reforçam a veracidade dos feitos e a presença/influência portuguesa no Sudeste Asiático no século XVI.

5.2 Das Gentes e Costumes.

Tomé Pires, Gaspar Correia e Fernão Mendes Pinto, escreveram obras sobre a presença/influência e permanência portuguesa no espaço Sudeste Asiático no século XVI. Ao analisar as diversas características transmitidas pelos três *olhares* que divergem, pois frequentam espaços físicos e cronologias distintas, é importante considerar a identidade pessoal, a visão do Outro e do Nós, bem como a imagem do Sudeste Asiático, que se revela em *Suma Oriental*, *Lendas da Índia* e *Peregrinação*, apresentando, assim, ao leitor europeu, o exotismo espacial e cultural das civilizações orientais.

A relação com o Oriente, especificamente com o Sudeste Asiático, levou à instalação de economias e territórios comerciais sofisticados onde os portugueses eram novos, o que requeria uma relação de parceria e negociação com os outros, ou seja, com os povos da cultura de acolhimento ou já estabelecidos na região. Dessa forma, é possível notar, nas três obras, elementos que se assemelham aos diversos períodos de presença/influência portuguesa em espaços novos, que usufruíam de uma cultura exótica.

Além de fornecer uma análise minuciosa da complexa história política anterior à chegada dos portugueses em diversos territórios do Sudeste Asiático, Tomé Pires apresenta ainda notícias científicas em diversas áreas, como a geografia dos

territórios dependentes de Malaca, os recursos em pessoas e em mercadorias, bem como a organização do sistema político, o funcionalismo público, as práticas sociais e de justiça, as comunidades mercantis estrangeiras, e a situação linguística e religiosa.

De acordo com Rui Manuel Loureiro, a *Suma Oriental* “constitui uma fonte histórica de extraordinário valor a múltiplos níveis [...] em primeiro lugar, como obra revolucionária no contexto da história da geografia europeia, pois impõe um momento de total ruptura no processo de conhecimento europeu de muitas regiões da Ásia [...] Depois, como documento insubstituível na construção da história do Sudeste Asiático, já que apresenta um circunstanciado panorama político e económico desta vasta região asiática [...] a *Suma Oriental* vale como vastíssimo repositório de informações etnográficas, muitas delas inéditas e obtidas em primeira mão, sobre muitos povos orientais, mormente sobre as populações que habitavam [...] como testemunho de um momento privilegiado na história das relações da Europa com a Ásia e sobretudo com a Insulíndia”¹⁷⁷.

Analisámos as pessoas e os costumes que habitavam as diferentes populações. Segundo a *Suma Oriental*, Pires descreve as etnias que habitavam áreas como Bengala, ou seja, negros, nédios e gentios, com corpos delgados e castrados. Os habitantes de Pegu eram fortes e bons trabalhadores, tendo os dentes negros devido ao consumo de bétel usufruindo um estilo de roupa comparado a mitras. As mulheres eram mais claras do que os homens, atraentes e usavam o cabelo com um estilo chinês, demonstrando o profundo conhecimento que o autor tinha sobre a cultura chinesa.

As pessoas do Sião eram inteligentes, homens grandes, reservados, modestos, e com roupas semelhantes às gentes de Pegu e do Camboja. A língua de Pegu era parecida com a do Sião, e em Burma era costume calçar botas e amputar os narizes dos prisioneiros, tradição que começou no Camboja. O autor também

¹⁷⁷ Rui Manuel Loureiro, “O Sudeste Asiático na *Suma Oriental* de Tomé Pires”, 2002, p. 121.

menciona a existência de casamentos mistos, como, por exemplo, o *Tomunguo* das Filipinas, que era casado com uma mulher de Malaca.

Na cidade malaia, as pessoas não podiam casar sem antes informar o *Bemdara*. Se houvesse adultério, o homem teria o direito de assassinar a esposa e o amante. O homem malaio é descrito como ciumento, demonstrando os diferentes juízos de valor, uma vez que era livre para usufruir de duas esposas e ter quantas amantes desejasse. Pires também descreve como se devia cumprimentar o Rei. A maioria deles são descritos como poderosos, sem deixar de mencionar a religião de cada um, quer seja muçulmana ou pagão. Dessa forma, percebemos como Tomé Pires contribuiu para o reconhecimento da cultura do outro, demonstrando o exotismo de cada região relatada através do seu *olhar*.

A crónica discursiva de Gaspar Correia, permitiu-nos identificar elementos relacionados com aos diversos acontecimentos em que participou, registando e descrevendo as civilizações que o rodeavam.

As obras do século XVI estão relacionadas à concepção providencialista do povo português, uma vez que Deus era o responsável pelos destinos de uma nação, o que explicava os diversos êxitos e fracassos. No entanto, apresenta as diferenças encontradas no Sudeste Asiático, como os costumes sociais, políticos e religiosos dos povos, bem como os diferentes modos de comércio.

António Coimbra Martins menciona como “*O Autor das Lendas tem génio. Ora de romancista, era (e sobretudo) de homem de teatro. Psicólogo, define as personagens pela ação e pelas palavras, adequando estas perfeitamente ao carácter de cada personagem, e à situação em que ela se encontra. Explica motivos dos sentimentos e ressentimentos.*”¹⁷⁸ Correia destaca-se pelo seu interesse em escrever apenas sobre os feitos dos portugueses, e não sobre as pessoas e os costumes, como os outros autores o fazem. Mas é importante salientar detalhes como os tipos de embarcações usadas pelas populações locais, as técnicas de combate, os seus

¹⁷⁸ Cf. A. Coimbra Martins, “Correia, Castanheda e as “Diferenças” da Índia”, Coimbra, Coimbra Editora, 1983, p. 14.

costumes e usos, os líderes mais temidos, como o Xabândar e o Utemutaraja em Malaca, bem como a forma como os portugueses trocavam mercadorias com outras nações. Tudo demonstrado como um documento histórico da realidade distante de Portugal.

Gaspar Correia apresenta ainda desenhos de governadores, como Afonso de Albuquerque, e das fortalezas conquistadas e ocupadas pelos portugueses, referindo-se a detalhes como a construção da *Famosa*, transmitindo, através do seu *olhar*, momentos de presença/influência sobre as regiões do Sudeste Asiático, como Malaca, Sião e ilhas Molucas.

A *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto é, por si, uma síntese da expansão portuguesa no Oriente, onde o autor vai “[...] *relatando as estranhas coisas que viu e ouviu...[nas] partes orientais, de que nestas do Ocidente há muito pouca notícia*”¹⁷⁹, como descreve no frontispício da sua primeira edição da *Peregrinação*.

Mendes Pinto escreveu a sua obra para apresentar ao mundo ocidental os novos mundos, retratando, através das suas aventuras, diversas características relativas às pessoas e costumes de cada região. A sua trajetória no Oriente foi marcada por experiências contraditórias, tendo exercido diversas funções, como embaixador, comerciante, soldado, mercenário, além de ter sido escravo ao longo das suas viagens.

O carácter individual da personagem central, António de Faria, é caracterizado pelo seu lado picaresco, ou seja, anti-herói, que, por diversas vezes, é destacado ao longo da obra. A expressão do narrador indica que Fernão Mendes Pinto projetava partes do seu Eu na figura de António de Faria, identificando-se, dessa forma, com ele.

Muitos autores exploraram a veracidade histórica da obra de Mendes Pinto, e resultados demonstram que viveu muito do que descreve. Assim, é importante salientar que a forma como o leitor percebe a realidade e a imagem que tem dela é influenciada por fatores pessoais e culturais. Fernão Mendes Pinto conta a sua

¹⁷⁹ Maria Luísa de Castro Soares, “A Imagem do Oriente, a Identidade Pessoal, a Visão do Nós e do Outro, na *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto”, v.59, n.1, pp.115-133, 2019.

própria história e descreve sobre o estrangeiro para estudar a cultura dos lugares visitados enquanto constrói uma imagem de Portugal.

O mundo oriental, para os portugueses, é diferente, desconhecido, desafiador e exótico. A visão é dividida em dois extremos: a visão positiva, que se refere aos povos amigos (como os reis do Aru e Sião), bem como ao povo local e alguns comerciantes, e a visão negativa, que se refere aos inimigos. Estes são, muitas vezes, mercadores e reis não aliados, particularmente os muçulmanos ou os povos de origem islã. Analisamos como os portugueses usufruíam de uma atitude negativa relativamente aos muçulmanos, uma vez que são frequentemente referidos, onde o autor recorre a uma adjetivação negativa para descrevê-los.

Desta forma, é possível concluir que não há uma atitude etnocêntrica na perspetiva civilizacional do *outro*. Contudo, a perspetiva relativamente aos muçulmanos não aliados, ou aos que reinavam ou governavam no Oriente, é fortemente influenciada pelo espírito de cruzada, uma vez que são vistos como um inimigo.

Dada a diversidade de perspetivas e de formas de abordar a expansão portuguesa em territórios do Sudeste Asiático, nenhum dos autores poderá ser considerado melhor ou pior em relação aos relatos que chegaram até nós. O estilo de cada autor é único na historiografia portuguesa, embora possamos concluir que, apesar dos três autores mencionarem as pessoas e os costumes das regiões do Sudeste Asiático em questão, Tomé Pires é o que mais se destaca na descrição detalhada não só do espaço físico, mas também das gentes e dos costumes de cada local. Gaspar Correia e Fernão Mendes Pinto também o fazem, mas não da mesma forma.

A análise realizada neste capítulo permitiu uma compreensão mais aprofundada de como as pessoas e as tradições viviam no Sudeste Asiático no século XVI. Algumas dessas tradições foram herdadas de outras nações, como a China e o Japão, e, posteriormente, de países europeus, como Portugal, Holanda e Espanha. Estas últimas que ainda permanecem em territórios como Malaca, Sião e ilhas Molucas.

5.3. Vestígios de Permanência

Os países ocidentais continuam presentes no território Sudeste Asiático, como Malaca e o Sião (Tailândia). Dessa forma, a partir dos conceitos de memória e de "Presença/influência Portuguesa no Sudeste Asiático do Século XVI", ainda é possível visitar alguns vestígios que remontam ao século XVI, tal como mencionado no quarto capítulo referente à *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, oferecendo-nos informações sobre a presença/influência portuguesa no Sião.

De acordo com o historiador francês Jacques Le Goff, o conceito de memória é crucial, pois *“a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.”*¹⁸⁰ A análise dos *olhares* de Pires, Correia e Mendes Pinto toca no conceito de memória, o que, por sua vez, resulta nos “vestígios de permanência” que ainda existem no século XXI, desde a primeira viagem dos portugueses ao Sudeste Asiático no século XVI.

Os europeus iniciaram os primeiros contactos com o Sião durante Ramathibodi II, sendo os portugueses os primeiros a estabelecerem uma ligação diplomática em 1511. A relação é decorrente da conquista de Malaca, realizada por Afonso de Albuquerque, que transformou o território no principal entreposto comercial do Sudeste Asiático.

Como já foi mencionado, Duarte Fernandes foi o primeiro a ser enviado para apresentar a Ramathibodi II (e Sião), a possibilidade de harmonia entre os dois reinos *“entrevendo a relação comercial entre ambos os portos, apenas possível após tomada da Malaca pelos portugueses ao seu sultão insurreto”*.¹⁸¹

A atração inicial dos portugueses pelo Sião, foi devido *“ao movimento permanente de navios que se produzia entre Ayuthia e o seu porto no rio Chao*

¹⁸⁰ Jacques Le Goff. Documento/monumento. In: História e memória. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana F. Borges. 4. ed. Campinas-SP: Unicamp, 1996, P. 423.

¹⁸¹ Susana Isabel Marcelino Guerra Domingos. *“Portugal e Tailândia: Do fim da extraterritorialidade à entrada de Portugal na CEE (1925-1986)”*, 2011, P. 180.

Phraya, se revelar como um parceiro comercial de grande peso estratégico para a confluência das rotas asiáticas”,¹⁸² o que demonstra a relevância da posição geográfica de Ayutthaya.

A segunda embaixada foi realizada por Simão Miranda de Azevedo e a terceira e última por Duarte Coelho em 1518, que resultou na primeira convenção celebrada pelo Sião com um país ocidental, em particular Portugal.

Ao longo de dez quilómetros do centro da cidade de Ayutthaya, ainda é possível encontrar o espaço português denominado “Bang Portugete”, ou seja, “Portuguese Village” (หมู่บ้านโปรตุเกส), traduzido para português, Vila Portuguesa, onde a comunidade lusitana morava na parte oeste do rio *Chao Phraya* no século XVI. A figura (13), foi fotografada pela autora da presente dissertação, em outubro de dois mil e vinte e um, para demonstrar o quanto ela se encontra.



Figura 13 - *Bang Portugete*. Fotografia tirada pela autora da dissertação

Em “Bang Portugete”, foi erguida a Igreja de São Pedro, a primeira na comunidade portuguesa de Ayutthaya. Na obra de Fernão Mendes Pinto, é mencionado que o rei lhes concedeu permissão para construir igrejas em honra ao “Deos Portuguez”, como forma de agradecimento pelo apoio durante as diversas

¹⁸² Idem. P181

batalhas, *“Ihes deu licença que pudessem em qualquer lugar do seu reyno fazer igrejas em nome do Deos Portuguez fosse adorado”*.¹⁸³

As figuras (14 e 15), capturadas pela autora da presente dissertação, mostram o que resta da igreja que ainda está em ruínas, o que, como analisado, demonstra a existência de igrejas dominicanas no Sudeste Asiático como forma de expandir a fé cristã.



Figura 14 - Igreja Dominicana de São Pedro, fotografia da autora da dissertação

¹⁸³ Fernão Mendes Pinto, *“Peregrinação”* ed. Adolfo Casais Monteiro, 1983, p. 566.

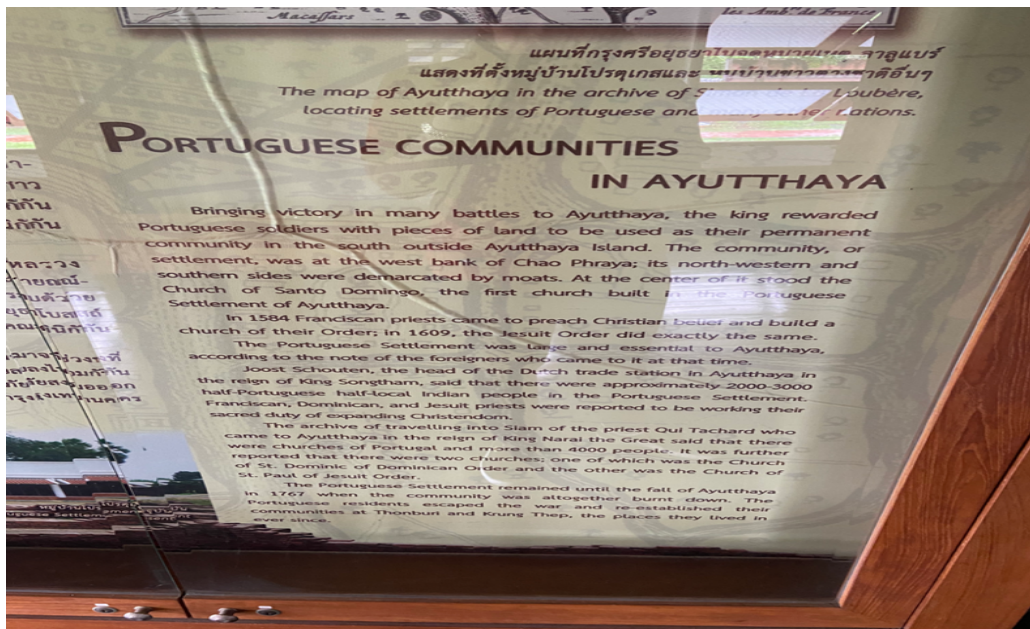


Figura 15 – Placa de informação relativa à presença/influência de comunidades portuguesas em Ayutthaya.

Em "Bang Portugete", estão presentes escavações arqueológicas realizadas no interior da igreja, conduzidas pelo Departamento de Belas-Artes da Tailândia, que tiveram início em 1984. Nas figuras (16, 17 e 18), são encontradas ossadas e mais de duzentos enterros portugueses, provavelmente de padres e de pessoas locais que se converteram ao cristianismo.

De acordo com a análise realizada neste estudo, as crônicas do século XVI tinham como objetivo apresentar ao leitor novas perspectivas do mundo e enfatizar a relevância de expandir a fé cristã em diversas regiões orientais, como o Sudeste Asiático.



Figura 16 – Escavações arqueológicas em “Bang Portugete”.



Figura 17 – Idem.



Figura 18 – Idem.

A figura em questão (19) demonstra a existência de ligações entre os portugueses e a Tailândia, desde 1984, quando a princesa Galyani Vathana inaugurou as escavações arqueológicas no espaço português denominado "Bang Portugete". A imagem permanece no museu da Igreja dominicana de S. Pedro, em Ayutthaya, bem como uma placa (figura 20) que fornece dados sobre o evento.



Figura 19 - Imagem da Princesa Galyani Vathana presente na inauguração da escavação arqueológica em *Bang Portuguet*, fotografia da autora da dissertação.



Figura 20 - Placa relativa às escavações arqueológicas em *Bang Portuguet*, fotografia da autora da dissertação.

Como já foi mencionado nos capítulos anteriores, Afonso de Albuquerque trouxe para Portugal novos territórios Sudeste Asiáticos, graças à conquista de Malaca, em 1511. Os portugueses foram os primeiros a chegar ao território siamês, sendo António Miranda de Azevedo e Manuel Fragoso enviados para Ayutthaya para estabelecerem ligações com o Reino. Na obra *Peregrinação*, encontramos que “*chegou húa fusta de Malaca, de que vinha por Capitão hum Antonio de Faria de Sousa, o qual, por mandado de Pero de Faria, vinha a fazer aly certo negocio com el Rey, & assentar com elle de nouo as pazes antiguas que tinha com Malaca, & agradecer-lhe o bom tratamento que no seu reyno fazia aos Portugueses, & outras cousas a este modo de boa amizade, importantes ao tempo*”¹⁸⁴, o que demonstra, mais uma vez, a relação entre o Sião e os portugueses naquela época.

O Sião, conforme no capítulo anterior sobre Fernão Mendes Pinto e a sua obra *Peregrinação*, era caracterizado pela “*grandeza, abastança, riqueza & feritlidade q vy neste reyno de Sião*”¹⁸⁵. Ayutthaya, a capital do Reino siamês, anteriormente conhecida como Odiaa, era um dos principais portos comerciais da Ásia, “*Este reyno, como se pode ver no mapa, tem por sua graduação quasi sentecentas lagoas de costa & cento & sessenta na largura do sertão. A mayor parte dele he de terras baixas em q há muitas capinas lavradas, & rios de agoa doce, & por isso he muito fértil, & abastada de mantimentos & de carnes*”.¹⁸⁶

Na obra de Mendes Pinto, é possível encontrar a afirmação de que “*não ha anno que não naueguè de mil júcos para cima*”¹⁸⁷, o que nos demonstra que a antiga capital tailandesa era um dos principais portos de mercadorias asiáticas, o que atraiu os portugueses para o território.

As Figuras 21 e 22 demostram a veracidade dos feitos, uma vez que as placas informativas se encontram atualmente no museu da Igreja dominicana de S. Pedro.

¹⁸⁴ Fernão Mendes Pinto, “*Peregrinação*” ed. Adolfo Casais Monteiro, 1983, p. 99.

¹⁸⁵ Fernão Mendes Pinto, “*Peregrinação*” ed. Adolfo Casais Monteiro, 1983, p. 583.

¹⁸⁶ Idem.

¹⁸⁷ Fernão Mendes Pinto, “*Peregrinação*” ed. Adolfo Casais Monteiro, 1983, p. 584.

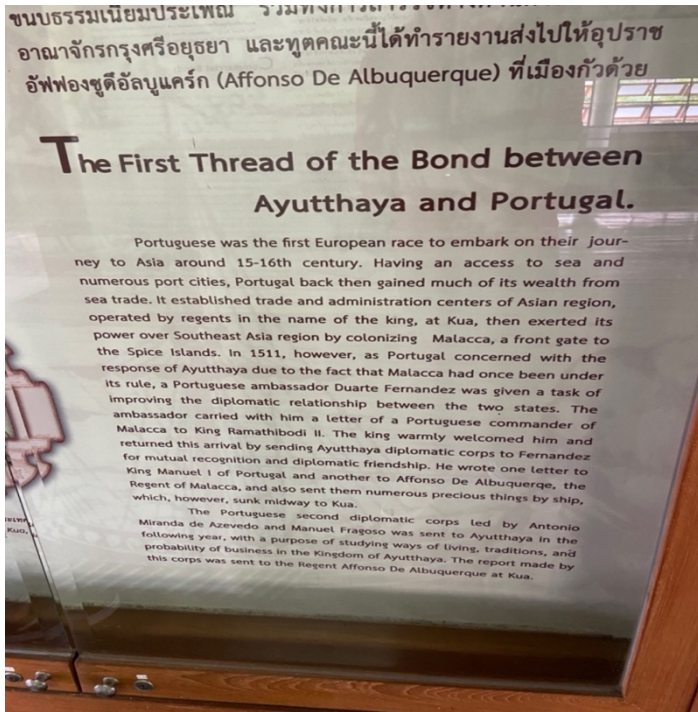


Figura 21 – Placa de informação relativa aos primeiros contactos entre Portugal e Tailândia.

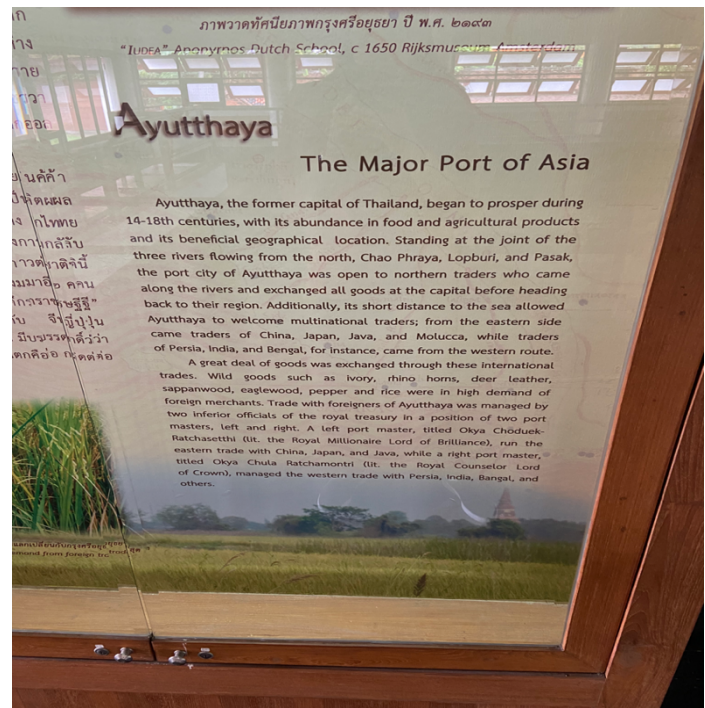


Figura 22- Informação relativa a Ayutthaya.

O comércio foi uma das principais razões para a imigração portuguesa em Ayutthaya, mas não a única. As relações luso-siamesas foram interrompidas pela invasão dos burmeses ao Reino do Sião. Na primeira invasão, que ocorreu em 1548, como relatado por Fernão Mendes Pinto, a maioria dos soldados em combate eram portugueses. Após a assinatura do acordo de amizade e comércio entre Portugal e o Sião, os portugueses foram uma enorme fonte de armas, o que beneficiou imenso os siameses.

Do mesmo modo, o historiador C.R. Boxer¹⁸⁸ cita como a capital siamesa era considerada larga e pouco protegida. Embora existissem armas de fogo, os siameses não tinham conhecimento sobre elas.

¹⁸⁸ C. R. Boxer, Portuguese and Spanish Projects for the Conquest of Southeast Asia, 1580-1600, 1969, P.128.

A placa inferior (figura 23), que se apresenta no museu da igreja dominicana S. Pedro, corrobora a veracidade das fontes sobre a relação militar entre Portugal e Ayutthaya no século XVI.

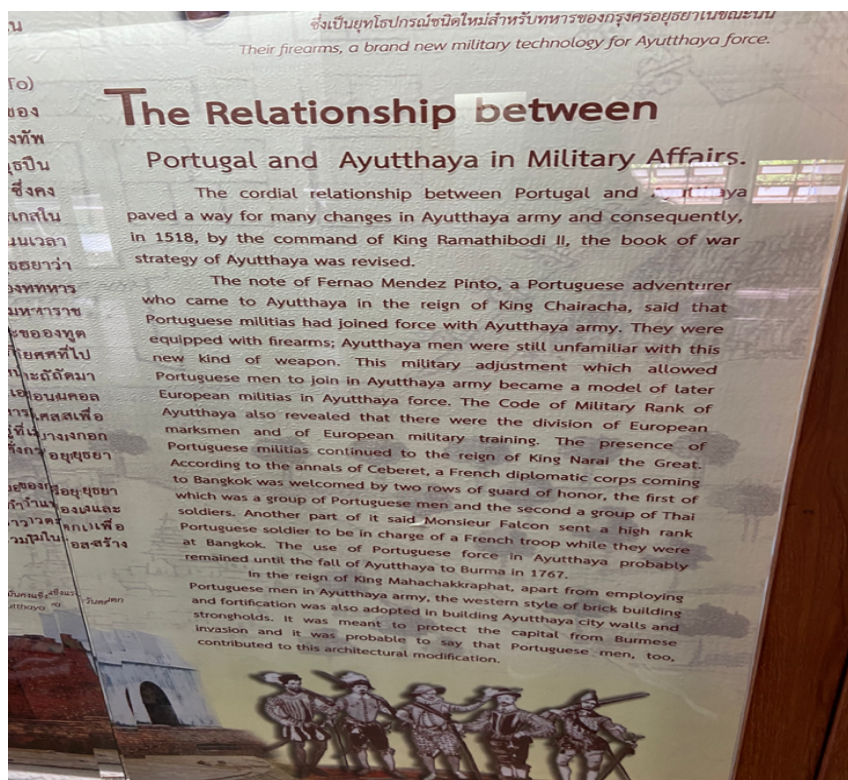


Figura 23 - Informação relativa às relações militares entre Portugal e Ayutthaya.

De acordo com o historiador japonês, Yoneo Ishii¹⁸⁹, cerca de cento e vinte portugueses serviam ao Rei Phrachai em 1538, com o objetivo de ensinar o uso de armas de fogo aos soldados siameses. Dessa forma, os portugueses integraram-se ao exército siamês, tornando-se, assim, extremamente importantes em termos militares. Os soldados portugueses lideraram a parte mais vulnerável da cidade, o que demonstra a confiança depositada pelo Rei. Fernão Mendes Pinto, que esteve

¹⁸⁹ Yoneo Ishii, "Religious Patterns and Economic Change in Siam in the Sixteenth and Seventeenth Centuries", 1993, p. 184-185.

na cidade siamesa durante o reinado do Rei Chairacha, é testemunha do posicionamento estratégico entre o Sião, Pegu e Brama (atual Myanmar). Na obra *Peregrinação*, o autor descreve como os portugueses se juntaram às forças armadas de Ayutthaya (Odiaa), uma vez que os soldados do Sião, como já mencionado, não usufruíam conhecimento sobre elas.

Ao longo dos capítulos desta dissertação, identificámos elementos de influência portuguesa durante a construção das muralhas e fortificação da cidade para proteger a mesma da invasão burmesa, que resultou na sua destruição no século XVIII.

De acordo com fontes externas, a comunidade portuguesa era vasta e indispensável para a região, presumindo cerca de 4000 portugueses em Ayutthaya. A comunidade permaneceu até a sua destruição em 1767 (século XVIII), o que levou as pessoas para as regiões de Thonburi e Krung Thep.

As Figuras seguintes (24 - 27) apresentam indícios dos bombardeamentos causados pela guerra burmesa-siamesa no século XVIII, onde soldados portugueses estavam em combate como resultado das ligações estabelecidas pelos embaixadores portugueses no século XVI.



Figura 24 - Parque Histórico em Ayutthaya, fotografia da autora da dissertação.



Figura 25 - Vestígios de bombardeamentos da guerra burmesa-siamesa, século XVIII onde portugueses combateram, fotografia da autora da dissertação.



Figura 26 - Idem.



Figura 27 - Idem.

Ainda é possível notar vestígios de danos causados por bombardeamentos, como é o caso dos monumentos encardidos, o que, de certa forma, corrobora com os feitos relatados por historiadores e autores, como é o caso de Fernão Mendes Pinto. O autor de *Peregrinação* menciona que a morte do rei do Sião, fruto do adultério da sua rainha, deu inicio a diversas discórdias como a guerra contra Pegu e Brama (Myanmar), *“A morte daquelle bom Rey de Sião, & o adultério daqlla mà Raynha sua molher, de q atrás dey larga cõta foraõ a raiz & o principio de tantas discórdias, & de tãtas & taõ cruéis guerras quãtas ouue nestes dous reinos de Pegu & de Sião, as quais duraraõ três annos & meyo cõ tanto custo, assi de sangue como de fazêda, como se tem visto no q ategora tenho cotado, cujo fim foy ficar o Chaumigrê Rey do Bramá senhor absoluto do reyno de Péguu”*¹⁹⁰ Analisámos a existência de guerras entre os reinos, nas quais os portugueses se envolveram, cujo custo de vida foi de duzentos e oitenta soldados *“A qual empresa,*

¹⁹⁰ Fernão Mendes Pinto, *“Peregrinação”* ed. Adolfo Casais Monteiro, 1983, p. 617.

segundo me depois disseraõ, nos custou a nós da nossa parte duzentos & oitêta Portugueses”.¹⁹¹

As comunidades portuguesas permaneceram em Ayutthaya durante um longo período, adotando a cultura e a tradição portuguesa.

A língua portuguesa tornou-se a língua de comunicação, entre Ayutthaya e os outros países ocidentais, quando se envolviam em questões comerciais e diplomáticas. Na língua tailandesa, existem expressões que têm forte influência portuguesa, como, por exemplo, คริสตัง (*khritsatang*) cristão; ปัง (*pang*) pão; ซบู่ (*sabu*) sabão; e กะละแม (*kalamae*) caramelo¹⁹². Ayutthaya usufrui ainda de influência portuguesa em termos gastronómicos, pois muitos dos doces ainda podem ser encontrados nos dias de hoje, como por exemplo, os frutos secos que deram origem ao bolo Farang Kudichin, trouxos das caldas, ovos moles e fios de ovo, como é possível observar nas figuras posteriores (figuras 28 e 29), o que fortifica a permanência da cultura e tradição.



Figura 28 - Idem.



Figura 29 - Fios de ovo portugueses num supermercado local em Pathum Thani, Tailândia, fotografia da autora da dissertação.

¹⁹¹ Fernão Mendes Pinto, “*Peregrinação*” ed. Adolfo Casais Monteiro, 1983, p. 617.

¹⁹² Disponível online em <https://www.portuguese.asia/post/thai-words-of-portuguese-origin> [Consult. 11/02/2022]

Maria Guyomar de Pinha era descendente de um pai português e uma mãe siamesa. No século XVIII, introduziu a gastronomia portuguesa na cozinha tailandesa, através das sobremesas com açúcar e gemas de ovo, fruto da chegada de Afonso de Albuquerque a Malaca em 1511, o que, posteriormente, abriu as portas para o Reino do Sião.

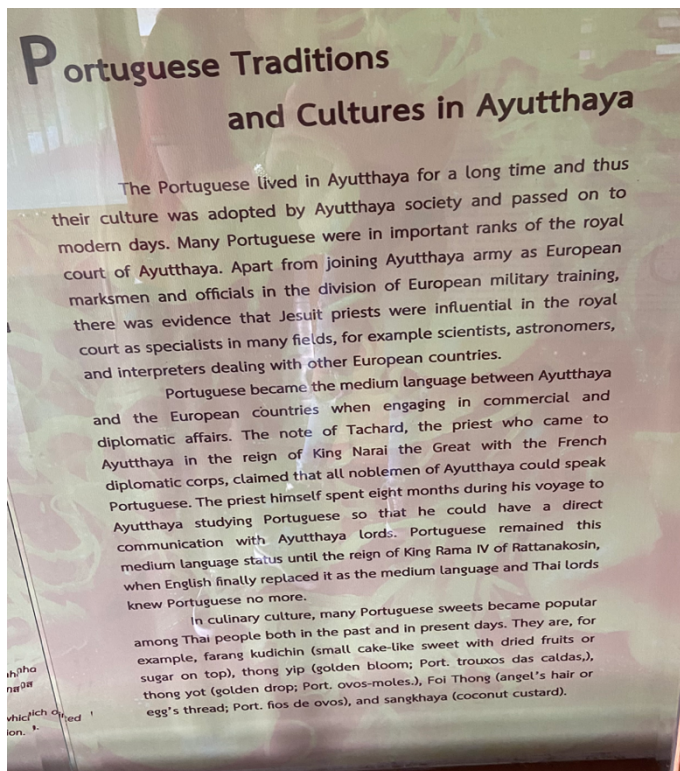


Figura 30 - Informação relativa às tradições portuguesas deixadas pelos portugueses no século XVI, Museu em *Bang Portuget*, fotografia da autora da dissertação.



Figura 31 – Idem.

Os olhares de Tomé Pires em *Suma Oriental*, Gaspar Correia em *Lendas da Índia* e Fernão Mendes Pinto em *Peregrinação* tiveram um grande impacto no contexto histórico do século XVI. Contudo, esse impacto ainda está presente em espaços como Malaca e Ayutthaya. É importante salientar a relação amigável entre Portugal e a Tailândia (Sião) desde a chegada dos portugueses no início do século XVI.

De acordo com diversos documentos, foram realizadas diversas visitas pelos monarcas tailandeses, sendo a primeira delas em 1897, por Chulalongkorn, “após a chegada e troca de cumprimentos protocolares, Chulalongkorn seria então acompanhado numa carruagem aberta com escolta militar, juntamente com a sua comitiva. Previsto estava a deslocação ao Palácio das Necessidades, para uma visita a D. Carlos, seguida de uma passagem pela cidadela de Cascais apresentar os seus respetos à Rainha. Pela noite, um banquete de gala em honra de Chulalongkorn, e no dia seguinte, um passeio por Sintra e por Cascais, terminando com uma revista militar no Hipódromo de Belém ou a algum quartel da guarnição da capital. Pela noite, um jantar de gala no palácio da Cidadela, e à noite fogo e iluminações.”¹⁹³

Nos arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, há fotografias que registam a presença do monarca Bhumibol, no ano de 1960, em Lisboa. O Rei Bhumibol e a Rainha Sirikit visitaram a capital portuguesa nos dias 22 e 25 de agosto do mesmo ano, onde foram recebidos nos Paços do Concelho, em Lisboa.



Figura 32 - Visita do Rei Bhumibol e da rainha Sirikit da Tailândia a Lisboa em 1960, retirado de Antigos Relatos da Tailândia, Câmara Municipal de Lisboa, 1983.¹⁹⁴

¹⁹³ Susana Isabel Marcelino Guerra Domingos. *Portugal e Tailândia: Do fim da extraterritorialidade à entrada de Portugal na CEE (1925-1986)*, 2011. P. 310.

¹⁹⁴ Imagem retirada da obra de Dr. Joaquim de Campos, *Early Portuguese Accounts of Thailand (Antigos Relatos da Tailândia)*, CML, 1983.



Figura 33 - Receção nos Paços do Concelho em Lisboa retirado de Antigos Relatos da Tailândia, Câmara Municipal de Lisboa, 1983.¹⁹⁵



Figura 34 - Receção nos Paços do Concelho em Lisboa retirado de Antigos Relatos da Tailândia, Câmara Municipal de Lisboa, 1983.¹⁹⁶

A receção lisboeta aos soberanos tailandeses foi tão boa que *“toda a população teria ficado encantada com a presença de Bhumibol e Sirikit em Lisboa, e*

¹⁹⁵ Ibidem.

¹⁹⁶ Ibidem.

*todos os momentos em público passados na capital haviam constituído um reforçar da tradicional e mútua consideração entre ambos os povos. Pelo sucesso da visita, as qualidades de Bhumibol como rei, e o charme e personalidade da sua rainha, faziam da visita outro marco culminante da história das relações entre os dois países*¹⁹⁷.

A imagem em questão está exposta na embaixada da Tailândia em Lisboa, e retrata os 505 anos de amizade entre as duas nações, que completam 513 anos em 2024.



Figura 35 - Moldura dos mais de quinhentos anos de amizade entre a Tailândia e Portugal, Embaixada da Tailândia em Lisboa, fotografia da autora da dissertação.

¹⁹⁷ Susana Isabel Marcelino Guerra Domingos. *Portugal e Tailândia: Do fim da extraterritorialidade à entrada de Portugal na CEE (1925-1986)*, 2011, P. 333.

Em reconhecimento à longa amizade entre Portugal e a Tailândia, a rainha Maha Chakri Sirindhorn ofereceu em 2012 (século XXI) o pavilhão denominado "Sala Thai" (figura 36), que está no Jardim de Belém em Lisboa. Este monumento representa as fortes relações diplomáticas entre ambos os países.



Figura 36 - *Sala Thai* no Jardim de Belém em Lisboa oferecido pela princesa Maha Chakri Sirindhorn¹⁹⁸

¹⁹⁸ Imagem disponível *online* em <https://descubralisboa.com/pavilhao-tailandes-no-jardim-de-belem/> [Consultado a 11-02-2022].

O conceito de memória encontra-se presente, desde o século XVI, até ao século XXI.

Através do *olhar* de Fernão Mendes Pinto nas suas aventuras e desventuras pelo Reino siamês, ficámos a conhecer as conexões portuguesas não apenas na Tailândia, mas também em outros países do Sudeste Asiático, o que nos ajuda a refletir sobre como as primeiras ligações estabelecidas entre portugueses e siameses, em 1511, persistem até aos dias atuais.

Após mais de quinhentos anos desde a celebração dos primeiros contatos entre a Tailândia e Portugal, a presente dissertação tem como objetivo analisar os diversos momentos de presença/influência dos portugueses no Sudeste Asiático, sob os *olhares* de Tomé Pires, Gaspar Correia e Fernão Mendes Pinto. Além disso, apresenta alguns elementos fundamentais para a reconstrução da história, entre as duas nações, bem como o conceito de memória através dos diversos vestígios de permanência apresentados nos capítulos que abrangem desde o século XVI até ao século XXI.

Conclusão

No início do projeto de dissertação, foi proposto, inicialmente, encontrar uma resposta para o seguinte problema de investigação: “Quais os *olhares* sobre a presença portuguesa no Sudeste Asiático do século XVI?”.

É de conhecimento geral que os portugueses contribuíram nas diversas explorações marítimas, o que, por sua vez, resultou na descoberta de novas terras a nível mundial. No entanto, não há muitos documentos que comprovem, de forma mais aprofundada, todos os locais pelos quais os mesmos passaram deixando para trás a sua influência, cuja memória do passado ainda está presente em diversos territórios do Sudeste Asiático.

Como portuguesa emigrante na Tailândia, foi possível analisar o impacto da influência portuguesa, o que permitiu a investigação do problema proposto, originando, desta forma, o tema para o presente trabalho:

“A Influência Portuguesa no Sudeste Asiático: *Olhares* Portugueses de Tomé Pires, Gaspar Correia e Fernão Mendes Pinto sobre o Sudeste Asiático no Século XVI”.

Assim, o objetivo desta dissertação, foi analisar como os três autores em questão produziram narrativas que abordam três *olhares* divergentes, sobre os diversos caminhos percorridos pelos portugueses no Sudeste Asiático no século XVI. Para tal, foram analisadas as obras *Suma Oriental* de Tomé Pires, *Lendas da Índia* de Gaspar Correia e *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto.

Ao finalizarmos o nosso estudo, concluímos que, como já foi demonstrado nos capítulos anteriores, há similitude e divergência nos discursos dos três autores, estes que procuram transmitir os seus *olhares* relativamente à existência da influência da cultura portuguesa no Sudeste Asiático.

Em anexo, apresentam-se tabelas comparativas que demonstram diversas referências como o papel desempenhado pelos homens e pelas mulheres de cada

região, os costumes, o comércio/produtos, a religião, o estado de tempo, a forma monetária e a fortaleza denominada “A Famosa”.

Como é possível analisar, as similitudes advêm pelo do facto de os três se debruçarem sobre o Oriente, especificamente sobre as regiões do Sudeste Asiático. Os autores relatam as experiências que tiveram e ouviram, revelando conhecimento sobre o Oriente e as regiões em destaque. As narrativas surgem para melhor compreender os diversos momentos de presença portuguesa, no contexto histórico de diversas áreas do Sudeste Asiático, como Malaca, o Reino do Sião e as ilhas Molucas.

Podemos, contudo, igualmente concluir que existe diversidade entre os três *olhares*, pois Tomé Pires, ao dedicar a sua obra ao Rei. D. Manuel, relata sobre diversos caminhos atravessados pelos portugueses, detalhando as mercadorias trocadas entre regiões, bem como os costumes e as gentes dos diversos locais. A sua escrita pode ser entendida como um género de guia para quem desejasse explorar e percorrer as terras mencionadas, estas cujo papel principal era o comércio. Assim, é possível chegar à conclusão que a obra *Suma Oriental* de Tomé Pires esboça uma geografia económica, onde a religião e a vocação de cada reino são também desenhadas recorrendo a uma análise socioprofissional de cada região.

À semelhança da obra *O Livro das Coisas do Oriente*, de Duarte Barbosa, a *Suma Oriental* introduziu novos territórios ao Mundo. A contribuição de Tomé Pires através da sua obra, impactou de tal forma, que ainda hoje inúmeros estudiosos se debruçam sobre ela. Pires ao contrário de muitos outros cronistas do século XVI, incluindo Gaspar Correia, presenciou muito do que narra celebrizando-se ainda como o primeiro embaixador enviado à China, marcando, como tal, presença em diversos territórios do Oriente, acabando por reconhecer o papel que a Ásia representava em termos comerciais. Assim, Tomé Pires optou por escrever o seu relato, com o intuito de remeter o mesmo ao monarca D. Manuel, Rei de Portugal até ao reinado de D. João II, em 1521.

Tomé Pires centra-se em diversas regiões do Sudeste Asiático, como Bengala, que resultou na abertura de novas rotas comerciais em área como Arração,

Pegu, Sião, Birmânia, Camboja, Champal, Cochim-China, Malaca, Bruma, Java, Molucas, Bornéu, Filipinas, Sunda e Sumatra. Assim, o antigo boticário português divulga o seu *olhar* sobre os diversos espaços, centrando-se nas inúmeras mercadorias intercambiadas, o tipo de produto comercializado, além de retratar os espaços físicos das regiões, bem como as suas gentes e comportamentos. Tomé Pires oferece-nos a oportunidade de conhecer o *outro*, ou seja, os territórios do Sudeste Asiático, as suas populações e os seus costumes, bem como os seus hábitos, a forma de vestir e a aparência física.

Pires escreveu a maior parte da sua obra, em Malaca, para apresentar ao mundo novas rotas comerciais que expandiram o grande império marítimo português. A *Suma Oriental* destaca-se como um dos mais importantes tratados geográficos portugueses do século XVI, o que influenciou a escolha da obra para a realização deste trabalho.

O discurso de Gaspar Correia, é diferente devido à sua situação profissional. É importante salientar que Correia acompanhou diversos governadores portugueses, tais como Afonso de Albuquerque e Jorge Cabral, obtendo toda a sua informação sobre territórios do Sudeste Asiático, através de fontes secundárias, cuja credibilidade se deve à sua presença no Oriente (Goa), e ao facto de ter participado em períodos relevantes da História ultramarina numa época em que havia como principal fonte de informação João de Barros. É de suma importância lembrar a experiência de Correia como escrivão do governador Afonso de Albuquerque durante três anos, período em que este último conquistou a cidade de Malaca por meio de expedições e missões diplomáticas ao Reino do Sião e ilhas Molucas.

O Livro Segundo de *Lendas da Índia*, é considerado um grande contribuidor para a história da expansão, uma vez que apresenta uma variedade de descrições, tais como os confrontos locais entre os portugueses e as populações de cada território, a construção de fortalezas e as negociações comerciais.

É importante salientar que Gaspar Correia menciona, na sua obra, que não pretende fazer de *Lendas da Índia* um tratado geográfico, assim como Tomé Pires o fez em *Suma Oriental*, e Duarte Barbosa o fez em *Livro das Coisas do Oriente*. No

entanto, não deixa de mencionar alguns dos locais do Sudeste Asiático, que foram fruto de uma extensa pesquisa, que inclui testemunhos, tanto orais quanto escritos. A intenção de Correia era descrever com clareza os diversos momentos de presença portuguesa em locais como Malaca, Sião, Pegu e ilhas Molucas, mencionando algumas das rotas comerciais e os produtos alimentares

Gaspar Correia, assim como Pires, cita figuras como Diogo Lopes de Sequeira, Afonso de Albuquerque e o sultão Mahmud Shah, que governou Malaca durante o sultanado português em 1511. Em contraste, enquanto Pires retrata os espaços culturais e sociais com grande riqueza de detalhes, Correia centra-se na narração dos feitos dos portugueses, utilizando o *maravilhoso* como exemplo dos actos “*heroicos*” cometidos pelos portugueses em terras do Oriente.

A obra *Lendas da Índia* apresenta-nos o *Outro* sob a perspetiva do autor, que tinha como objetivo desafogar a imagem do português como valente e corajoso, pelos feitos realizados em territórios do Sudeste Asiático, como Malaca. Gaspar Correia analisa Afonso de Albuquerque como um herói nacional, pois, de certa forma, foi graças ao governador, por quem Correia tinha grande admiração, que os portugueses desfrutaram de inúmeras conquistas.

Tomé Pires, na sua obra, permite-nos compreender um pouco mais sobre a história de Malaca e da sua fundação, enquanto Correia prossegue com a narrativa, focando-se na cidade malaia após a chegada e a conquista portuguesa. Portanto, é possível concluir que as duas obras se encontram relacionadas, de forma que Gaspar Correia continua o que Tomé Pires termina em relação a certas regiões.

Fernão Mendes Pinto teve uma experiência temporal diferente de Tomé Pires e Gaspar Correia, pois o relato de Mendes Pinto foi escrito na segunda metade do século XVI, portanto, teve experiências testemunhadas e relatadas numa cronologia mais tardia. O autor regista, assim, o que observou e procura interpretá-lo. A experiência pessoal é apresentada como uma garantia da veracidade dos factos apresentados, demonstrando a necessidade dos portugueses para com o *outro*, bem como a necessidade de cooperação e de alianças com o *outro*, como o Reino do Sião, ligações essas que persistem até ao presente.

A obra *Peregrinação*, que pertence ao género de crónica de viagem, apresenta diversos momentos da presença portuguesa nos espaços do Sudeste Asiático, com base em factos da sua viagem pela Ásia. O autor descreve as experiências de viagem como um discurso sobre o Oriente, servindo como instrumento de estudo da imagem cultural dos espaços geográficos visitados pelo mesmo. É uma obra que aborda a identidade pessoal (função autobiográfica), a visão do *Outro* e a imagem do Oriente, apresentando-nos o conceito espacial e cultural das civilizações orientais do Sudeste Asiático no século XVI. Fernão Mendes Pinto, apresenta, através do seu *olhar*, uma imagem do *Outro*, ou seja, as civilizações e a vida quotidiana asiática, que, para os portugueses, era uma novidade.

Mendes Pinto apresenta, ao contrário de outros autores, uma descrição das pessoas, dos costumes e da religião, dando atenção à natureza, ao clima e às riquezas naturais de cada local visitado. É importante salientar que tanto Gaspar Correia como Fernão Mendes Pinto, compartilham o facto de serem autores de obras onde os portugueses destacam a função heroica, enquanto *Peregrinação* é um relato de sobrevivência, fruto de uma experiência adquirida e vivida em todos os lugares desconhecidos, estranhos e exóticos, embora se denote a mentira no sentido teatral das situações. Porém, enquanto Correia descreve os feitos “gloriosos” dos portugueses, Mendes Pinto apresenta uma narração de Anti-herói.

António José Saraiva¹⁹⁹ descreve no seu Prefácio à *Peregrinação* que “a personagem Fernão Mendes Pinto apresenta-se, deliberadamente, como um anti-herói de um romance autobiográfico, e como uma figura curiosa que tem a franqueza de nos declarar que a sua única peregrinação é a de fazer fortuna e conta-nos as suas necessidades, misérias, fugas e os seus ataques de medo: “as carnes tremiam-me”, diz frequentemente. Para salvar a rica vida é capaz não só de fugir, mas até de se arrastar no pó, de caluniar o amigo, de beijar os pés do assassino” e “O herói na *Peregrinação* é tanto bobo como miserável e parece ser um “irmão” de Sancho Pança

¹⁹⁹ António José Saraiva, Prefácio à “*Peregrinação*”, Lisboa, Sá da Costa, 1961.

*sem sombra de orgulho, de brio e de preconceito. A noção de “Honra” é completamente desconhecida para ele, o que contrasta com os heróis de Camões*²⁰⁰. Fernão Mendes Pinto narra uma personagem picaresca que cria uma realidade exótica, revelando e criticando os usos e costumes da sua cronologia.

A religião é, também, um conceito de grande relevância relatado pelos três autores, o que nos leva à conclusão de que a Fé Cristã era uma característica extremamente relevante no século XVI, uma vez que os objetivos das obras não eram apenas fornecer informações sobre as novas rotas comerciais para a construção do império português, mas também expandir a cristandade pelas regiões asiáticas.

Ao longo do trabalho, encontramos adjetivos como gentios, pagãos, cristãos, Deus, Cristo, muçulmanos, mouros, que nos ajudam a concluir a relevância da expansão, não somente comercial, mas também, religiosa.

As análises realizadas foram uma fonte de inspiração ao longo do presente estudo. Para tal, realizou-se uma visita à cidade tailandesa de Ayutthaya, onde ainda é possível visitar a Vila Portuguesa, ou melhor “*Bang Portuguet*”.

Como já foi mencionado, Fernão Mendes Pinto esteve nas regiões do Sudeste Asiático durante vinte e um anos. Na sua obra, *Peregrinação*, tratou de eventos vividos no Reino do Sião em oito dos seus duzentos e vinte seis capítulos. Apesar de se terem passado cinco séculos, ainda é possível, visitar a cidade de Ayutthaya, atualmente reconhecida pelo Património Mundial da UNESCO, e observar marcas, ou melhor, vestígios de permanência deixados pelos portugueses no século XVI.

Em outubro do ano de dois mil e vinte e um, realizou-se uma visita à cidade em questão, inspirada nos *olhares* divergentes dos três autores em questão, Tomé Pires, Gaspar Correia e Fernão Mendes Pinto, com o objetivo de explorar os diversos “vestígios de permanência” deixados pelos portugueses em consequência dos vários feitos realizados desde a sua primeira chegada a Malaca, em 1511.

Em primeiro lugar, é importante relembrar que a antiga capital da Tailândia (Sião) era um dos principais portos de comércio na Ásia. Uma região rica em

²⁰⁰ António José Saraiva, Prefácio à “*Peregrinação*”, Lisboa, Sá da Costa, 1961.

produtos agrícolas, cuja localização geográfica era benéfica, uma vez que está situada ao longo dos rios Chao Phraya, Lipburi e Pasak, o que a tornou numa região relevante em termos comerciais, atraindo, assim, inúmeros países ocidentais como Portugal.

Como já foi discutido nos capítulos anteriores, através dos *olhares* de Tomé Pires, Gaspar Correia e Fernão Mendes Pinto, Portugal estabeleceu comércio com o Oriente, o que resultou na aquisição de um grande poder no Sudeste Asiático. Em 1511, conquistaram Malaca, mas estavam preocupados com a resposta do Sião, uma vez que a cidade malaia havia sido anteriormente governada pelo Reino siamês. Malaca, antes da chegada dos portugueses *“havia sido um estado vassalo do rei siamês. Mas em 1489, Mahmud Shah, o sultão malaio, recusa enviar o pagamento do tributo a Ayuthia, confrontando este regime e estabelecendo uma nova ordem geopolítica na região. É assim que, em 1509, este mesmo sultão faz prisioneiros os integrantes da embaixada portuguesa chefiada por Diogo Lopes de Sequeira, enviado por Afonso de Albuquerque a Malaca, correspondendo ao interesse suscitado por este porto junto do governo da Índia portuguesa”*²⁰¹ Desse modo, Duarte Fernandes teve como objetivo melhorar a relação diplomática entre as duas nações, o que resultou na criação de uma comunidade de portugueses no Reino. Como consequência, foram elaborados tratados de amizade e comércio entre os portugueses e as gentes do Sião.

Conforme mencionado por Gaspar Correia e Fernão Mendes Pinto, Duarte Coelho manteve contato comercial com o reino de Ayutthaya em 1516, com o intuito de construir estações comerciais na antiga capital, bem como em Marit, Tanaosi, Nakhon Sithammarat e Pattani. Os portugueses expandiram as crenças cristãs e iniciaram o comércio de armas e munições na cidade. Como consequência, muitos portugueses tornaram-se missionários e venceram diversas batalhas, o que, resultou na oferta de terras aos portugueses por parte do Rei do Sião.

²⁰¹ Susana Isabel Marcelino Guerra Domingos, *Portugal no Sião: Origens e renúncia da extraterritorialidade (1820-1925)*, 2007, P.12.

As três obras funcionam como uma espécie de encaixe, uma vez que Tomé Pires relata regiões, ou melhor, reinos, focando a sua atenção na geografia mercantil. Gaspar Correia, por sua vez, foca na conquista e ocupação dos portugueses na cidade malaia, fornecendo-nos um pouco de informação sobre o Reino do Sião, que é melhor descrito por Fernão Mendes Pinto. É importante salientar e relembrar que Mendes Pinto residiu grande parte da sua vida em Ayutthaya, o que não é de admirar que oito capítulos da sua obra *Peregrinação* estejam relacionados ao Reino atualmente conhecido como Tailândia. Com isso, podemos concluir que a História dos Descobrimentos portugueses abrange uma dimensão muito mais ampla do que se compreende, pois, muito dos lugares que visitamos atualmente foram, no passado, fortemente influenciados pela presença portuguesa.

Antes de chegar à Tailândia, não tinha noção da presença portuguesa e das relações amigáveis que existiam e ainda existem entre as duas nações. O presente estudo decorreu de uma mera observação da arquitetura, da gastronomia e de algumas palavras tailandesas que se assemelham às portuguesas. Uma curiosidade que abriu o caminho para uma grande quantidade de informação sobre a presença portuguesa não somente na Tailândia, mas também em outras regiões como Malaca (Malásia), e outros países do Sudeste Asiático como, Indonésia, Camboja, Mianmar, Birmânia e Filipinas.

Foi considerado um privilégio realizar o presente estudo, explorando fontes que remontam ao século XVI, e aproveitando a oportunidade de residir num dos territórios do Sudeste Asiático, onde a influência da minha nação ainda se encontra fortemente presente.

Escrevia o nosso poeta, Fernando Pessoa, *“Valeu a pena? Tudo a vale a pena se a alma não é pequena. Quem quer passar além do Bojador, tem que passar além da dor”*²⁰². Assim, procederam os nossos aventureiros no século XVI, deixando obras que nos ajudaram na realização do presente trabalho.

²⁰² Fernando Pessoa, s.d. “Mensagem”, Lisboa, 1934.

Finalizo com a primeira e segunda estrofe do primeiro canto da obra *Lusíadas* de Luís de Camões, pois é crucial manter a *chama* acesa e, juntos, continuarmos a “cantar” sobre todos os feitos realizados pelos portugueses, feitos que herdaram e que ainda são influenciados pela cultura da nação que é Portugal.

*“1 As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram;*

*2 E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando:
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.”²⁰³*

²⁰³ Luís de Camões, “Os Lusíadas”, canto primeiro, primeira e segunda estrofe.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes primárias:

- CORREIA, Gaspar. *Lendas da Índia* [em linha]. Rodrigo José de Lima Felner (dir.). Livro Primeiro, Tomo I, Parte I, Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1858. Disponível em http://purl.pt/12121/4/var-2325/var-2325_item4/index.html [Consult. 2021-11-30].
- CORREIA, Gaspar. *Lendas da Índia* [em linha]. Rodrigo José de Lima Felner (dir.). Livro Primeiro, Tomo I, Parte II, Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1859. Disponível em http://purl.pt/12121/4/var-2328/var-2328_item2/index.html [Consult. 2021-11-30].
- CORREIA, Gaspar. *Lendas da Índia* [em linha]. Rodrigo José de Lima Felner (dir.). Livro Segundo, Tomo II, Parte I, Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1860. Disponível em http://purl.pt/12121/4/var-2326/var-2326_item3/var-2326_PDF/var-2326_PDF_01-B-R0300/var-2326_0000_capa-cap_a_t01-B-R0300.pdf [Consult. 2021-11-30].
- CORREIA, Gaspar. *Lendas da Índia* [em linha]. Rodrigo José de Lima Felner (dir.). Livro Segundo, Tomo II, Parte II, Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1861. Disponível em http://purl.pt/12121/4/var-2329/var-2329_item2/index.html [Consult. 2021-11-30].
- CORREIA, Gaspar. *Lendas da Índia* [em linha]. Rodrigo José de Lima Felner (dir.). Livro Terceiro, Tomo III, Parte I, Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1862. Disponível em http://purl.pt/12121/4/var-2327/var-2327_item4/index.html [Consult. 2021-11-30].
- CORREIA, Gaspar. *Lendas da Índia* [em linha]. Rodrigo José de Lima Felner (dir.). Livro Terceiro, Tomo III, Parte II, Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1863. Disponível em http://purl.pt/12121/4/var-2330/var-2330_item4/index.html [Consult. 2021-11-30].
- CORREIA, Gaspar. *Lendas da Índia* [em linha]. Rodrigo José de Lima Felner (dir.). Livro Quarto, Tomo IV, Parte I, Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1864. Disponível em http://books.google.pt/books?id=UoZTAAAcAAJ&printsec=frontcover&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false [Consult. 2022-04-01].

- CORREIA, Gaspar. *Lendas da Índia* [em linha]. Rodrigo José de Lima Felner (dir.). Livro Quarto, Tomo IV, Parte II, Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1866. Disponível em http://books.google.pt/books?id=YIZTAAAcAAJ&printsec=frontcover&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false [Consult. 2022-04-01].
- CORTESÃO, Armando (ed.). *The Suma Oriental of Tomé Pires. An Account of the East, from the Red Sea to Japan, Written in Malacca and India in 1512-1515, and the Book of Francisco Rodrigues, Pilot-Major of the Armada that Discovered Banda and the Moluccas. Rutter of a Voyage in the Red Sea, Nautical Rules, Almanack and Maps, Written and Drawn in the East Before 1515*. Edited by Armando Cortesão. 2 vols. Londres: Hakluyt Society. 1944
- CORTESÃO, Armando (ed.). *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*. 2.a ed. Leitura e notas de Armando Cortesão. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis. 1978
- PINTO, Fernão Mendes. *1509-1583. Peregrinação/Fernão Mendes Pinto; Transcrição de Adolfo Casais Monteiro*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda - 778, Lisboa, 1983.

Fontes secundárias:

- AVELAR, Ana Paula, *Da afirmação do poder nalguns textos da expansão portuguesa do século XVI: A escrita e sua difusão como processo de legitimação*, pp. 145-156, 2000, Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/4250/1/Ana%20Paula%20Avelar.pdf> [Consult. 2022-04-01].
- AVELAR, Ana Paula, *Fernão Lopes de Castanheda, Gaspar Correia e Diogo Couto: vivências e contingências na modelação da escrita de uma História da Ásia e dos seus actores*, pp. 44-54. Disponível em: [https://run.unl.pt/bitstream/10362/96362/1/Ana Paula Avelar Fern o Lopes de Castanheda Gaspar Correia e Diogo do Couto.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/96362/1/Ana%20Paula%20Avelar%20Fern%C3%A3o%20Lopes%20de%20Castanheda%20Gaspar%20Correia%20e%20Diogo%20do%20Couto.pdf) [Consult. 2022-04-01].
- AVELAR, Ana Paula, *Visões do Oriente, Formas de Sentir no Portugal de Quinhentos*, Lisboa, Edições Colibri, 2003.
- BANHA DE ANDRADE, A.A. *Gaspar Correia, o 1.º historiador português do Oriente*. Instituto de Investigação Científica Tropical, Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, Lisboa, 1985.

- BARBOSA, Duarte, *Livro em que dá relação do que viu e ouviu no Oriente* (Introdução e notas de Augusto Reis Machado). Agência Geral das Colónias: Lisboa, 1966.
- BAPTISTA, Maria Manuel Pinto Soares. *A Emergência do Discurso Cronístico em Gaspar Correia e Diogo do Couto – Indícios de um (Des)governo português na Índia quinhentista*. Universidade Aberta de Portugal. Lisboa. 2014. Disponível em: https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/3442/1/TMEPM_ManuelaBaptista.pdf [Consult. 2022-04-01].
- BELL, Audrey. *Gaspar Corrêa*, Oxford University Press, 1st edition, 1924.
- BOXER, C. R. *Portuguese and Spanish Projects for the Conquest of Southeast Asia 1580-1600*. Asian Studies. Indiana University. 1969
- Boxer, C. R. *Portuguese Timor: A Rough Island Story: 1515-1960*. History Today, v. 10, n. 5, p. 349–355, May 1960
- BOXER, C. R. *Golden Goa, 1510-1954*. History, v. 4, n. 11, p. 754– 763, 1954.
- CAMÕES, Luiz Vaz de; *Os Lusíadas*, trad. Francisco Niebro. Segunda edição, Âncora – 366, ISBN 978-972-780-282-1, Lisboa, 2019.
- CAMPOS, Joaquim de. *Antigos Relatos da Tailândia*. Câmara Municipal de Lisboa. 1983. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/344173.pdf> [Consult. 2022-04-12].
- CARVALHO, Rita Bernardes de. *La présence portugaise à Ayutthaya (Siam) aux XVI et XVII siècles*. Paris. 2006. Disponível em: <http://patricklepetit.jalbum.net/AYUTTHAYA/LIBRARY/Presence%20portugaise%20.pdf> [Consult. 2022-07-14].
- CARVALHO, Maria João Loução de. *Gaspar Correia e dois perfis de governador: Lope Soares de Albergaria e Diogo Lopes de Sequeira. Em busca de uma causalidade*. Universidade Aberta de Lisboa. 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.2/1484> [Consult. 2022-08-28]
- CASTANHEDA, Fernão Lopes. *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, ed. João de Barreira e João Alves, 8 Vol., Coimbra, 1552-1561. Disponível em: <https://purl.pt/15294> [Consult. 2023-02-04]
- CASTRO, Aníbal Pinto de. *De Montemor-o-Velho às ilhas do Japão: a Peregrinação de Fernão Mendes Pinto e o encontro de culturas*. Coimbra: Comissão de Coordenação da Região Centro, 1993.
- CATZ, Rebecca. *Fernão Mendes Pinto and his Peregrinação*. Vol 74. No. 3. Special Issue Devote to Luso-Brazilian Language, Literature, and Culture. Pp. 501-507.

- American Association of Teachers of Spanish and Portuguese. 1991. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/344173.pdf> [Consult. 2022-06-12].
- COELHO, Eduardo Prado, *Peregrinação*, Relógio D'Água, 2001.
 - CORREIA, Gaspar. *Lendas da Índia*. M. Lopes de Almeida (int. e rev.) Col. «Tesouros da Literatura e da História». 4 vols., Lello & Irmão Editores, Porto, 1975.
 - DOMINGOS, Susana Isabel Marcelino Guerra. *Portugal e Tailândia: Do fim da extraterritorialidade à entrada de Portugal na CEE (1925-1986)*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011.
 - DOMINGOS, Susana Isabel Marcelino Guerra. *Portugal no Sião: Origens e renúncia da extraterritorialidade (1820-1925)*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007.
 - DOMINGUES, Vera Mónica Gaspar. *Cultura e Património Urbanístico da Influência Portuguesa na Ásia 1503-1663*. Universidade de Coimbra, 2017.
 - EARLE, T.F; VILLIERS, John, Albuquerque: Caesar of the East. Selected Texts by Afonso de Albuquerque and His Son, Aris & Philips Hispanic Classics, Liverpool University Press, 1990. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctv16zjibh> [Consult. 2022-04-13]
 - FIFIELD, R. H. *Southeast Asia as a Regional Concept*. *Southeast Asian Journal of Social Science*, 11(2), 1–14, 1983. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24490794> [Consult. 2022-12-05].
 - GARCIA, José Manuel, *Apresentação de PINTO, Fernão Mendes – Peregrinação, p. 13 (ed. fac-similada da ed. de Lisboa: Por Pedro Crasbeeck, 1614)*, Maia: Casstoliva, 1995.
 - GARCIA, José Manuel, *A Viagem de Fernão de Magalhães e os Portugueses*, Editorial Presença, Lisboa, 2007.
 - LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: “*História e Memória*”. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana F. Borges. 4. ed. Campinas-SP: Unicamp, 1996.
 - GRISWOLD, A.B., *The Heritage of Sukhodaya, In: The Buddhas of Sukhodaya*, Archives of the Chinese Art Society of America, Vol. 7, pp 5-41, 1953. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/20066952.pdf> [Consult. 2023-02-07]
 - GUIBAN, Pierre, *Vestígios do Sonho Português no Sudeste Asiático*. Universidade

Federal do Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/291599698_VESTIGIOS_DO_SONHO_POR_TUGUES_NO_SUDESTE_ASIATICO [Consult. 2022-06-25]

- HALL, Kenneth R. *European Southeast Asia Encounters with Islamic Expansionism, circa 1500-1700: Comparative Case Studies of Banten, Ayutthaya, and Banjarmasin in the Wider Indian Ocean Context*. *Journal of World History*, 25(2/3), 229–262, 2014. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/43818481> [Consult. 2022-12-05].
- HILL, L. *SOUTH-EAST ASIA. Newsletter (Museum Ethnographers Group)*, 15, 86–97. 1984. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40838721> [Consult. 2022-08-14].
- ISHII, Yoneo. *Religious Patterns and Economic Change in Siam in the Sixteenth and Seventeenth Centuries in Southeast Asia in the Early Modern Era – Trade, Power and Belief*, Universidade Cornell, Ithaca e Londres, 1993, P. 184-185.
- JESUS, Roger Lee de, *Afonso de Albuquerque e a Primeira Expedição Portuguesa ao Mar Vermelho (1513)*, Revista de Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa. 2013.
- KHAN, Cheah Boon, *Ming China's Support for Sultan Mahmud of Melaka and Its Hostility towards the Portuguese after the Fall of Melaka in 1511*, Published by: Malaysian Branch of the Royal Asiatic Society, *Journal of the Malaysian Branch of the Royal Asiatic Society*, December 2012, Vol. 85, No. 2 (303) (December 2012), Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24894191> [Consult. 2023-02-04]
- LOBATO, Manuel. “Melaka is like a cropping field” Trade Management in the Strait of Melaka during the Sultanate and the Portuguese Period” *Journal of Asian History*, Vol. 46, no. 2 (2012), pp.225-251. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41933622> [Consult. 2022-07-14]
- LOCKARD, Craig A. *Southeast Asia in World History*, Oxford University Press, New York, 2009, 256 pages (ISBN 978-0-19-53381-9)
- LOUREIRO, Rui Manuel, *O Manuscrito de Lisboa da Suma Oriental de Tomé Pires (Contribuição para uma edição crítica)*. Macau: Instituto Português do Oriente, 1996.
- LOUREIRO, Rui Manuel, *O Sudeste Asiático na Suma Oriental de Tomé Pires*”, *Revista de Cultura (Macau)*, n.o 4, 2002, pp. 106-123
- LOUREIRO, Rui Manuel, *Tomé Pires: boticário, tratadista e embaixador In Portugal-China, Col. Estudos e Documentos*, 23-35. Lisboa, Portugal: CEPCEP - CNC, 2013.
- MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana*, tomo II, Lisboa, 1747, pp. 38-41.

- NATÁRIO, Maria Celeste; EPIFÂNIO, Renato; MALATO, Maria Luisa, *Portugal – Goa: Os Orientes e os Ocidentales*, Universidade do Porto, 2019 Disponível em: <https://www.up.pt/press/books/978-989-8969-35-4> [Consult. 2022-09-03]
- NAWANI, Smarika. *The Portuguese in Archipelago Southeast Asia (1511-1666)*. Indian History Congress. Proceedings of the Indian History Congress, vol. 74, pp. 703-708, 2013. Disponível em: www.jstor.org/stable/44158873 [Consult. 2022-04-26].
- NILAKANTA SASTRI, K.A. *History of Sri Vijaya (Sir William Meyers Lectures, 1946-47)*, 1949, p. 27
- OLIVEIRA, Francisco Roque de. *Os Portugueses e a Ásia Marítima, C. 1500 – C. 1640: Contributo para uma leitura global da primeira expansão europeia no oriente. 2ª parte: O Estado Português da Índia, Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, vol. VII, núm. 152, 2003. Disponível em: www.jstor.org/stable/44158873 [Consult. 2022-04-24].
- PATO, R. A. de B, *Cartas de Affonso de Albuquerque* (Tomo I). Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1884.
- PEARSON, Michael. *Lake Chiamay: Asia's mythical mother of rivers*. The Globe, Journal of the Australian and New Zealand Map Society. 83:43 – 62, 2018.
- PESSOA, Fernando. *Cancioneiro*. Lisboa:Multilar (Coleção «Obras de Fernando Pessoa. Poesia», 5). 1990.
- POLÓNIA, Amelia; Capelão, Rosa. *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto e as suas experiências do Oriente*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Instituto de Filosofia, 2019.
- PTAK, R. *The Transportation of Sandalwood from Timor to China*. In: PTAK, R. (Ed.). *Portuguese Asia: Aspect in History and Economic History, Sixteenth and Seventeenth Centuries*. Stuttgart: Steiner Verlag Wiesbaden GMBH, 1987. p. 89–109.
- PTAK, R. *Reconsidering Melaka and Central Guangdong: Portugal's and Fujian's Impact on Southeast Asian Trade Early Sixteenth Century*. In Peter Borschberg (ed.). *Iberians in the Singapore-Melaka Area (16th to 18th Century)*. Wiesbaden / Lisboa: Harrassowitz Verlag / Fundação Oriente, 2004, pp. 1-21
- RAMUSIO, Giovanni Battista. *Primo Volume della Navigazioni et Viaggi*. Veneza: Gli Heredi di Lucantonio Giunti, 1550.
- REID, Anthony, *The Structures of Cities in Southeast Asia, 15th to 18th centuries*, Journal of Southeast Asian Studies, XI, pte.2, Set. 1980, pp. 235-250.

- SARAIVA, A.J., Prefácio à *Peregrinação*, Lisboa, Sá da Costa, 1961.
- SARAIVA, A.J., Prefácio. In: Fernão Mendes Pinto (1614). Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação e outras obras. Texto crítico, prefácio, notas e estudo de António José Saraiva*, 2.^a ed., Vol. I. Lisboa: Sá da Costa, pp. VII-L, 1981.
- SOARES, Maria Luísa de Castro, *A Imagem do Oriente, a Identidade Pessoal, a Visão do Nós e do Outro, na Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, Revista de Letras, São Paulo, v.59, n.1, p.115-133, jan/jun, 2019. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/pdf/26909023.pdf?refreqid=excelsior%3A06fecd2b3c1018c59a55cfef01e0d0fb&ab_segments=&origin=&initiator=&acceptTC=1 [Consult. 2023-02-25]
- SOLLEWIJN GELPKE J.H.F., *Afonso de Albuquerque pre-Portuguese Javanese map, partially reconstructed from Francisco Rodrigues book., Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde, Published by: Brill*, 1995. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/27864629> [Consult. 2023-02-05]
- SMITH, S. C. A. H. *Tomé Pires*. Salem Press Biographical Encyclopedia, 2020.
- SMITHIES, Michael. *The Siam of Mendes Pinto's Travels*. Journal of the Siam Society Vol. 85, Parts I & II. Disponível em: https://thesiamsociety.org/wp-content/uploads/1997/03/JSS_085_0e_Smithies_SiamOfMendesPintoTravels.pdf (Consult. 2022-06-03)
- TAYLOR, W. Keith, *The Early Kingdoms*, in Nicholas Darling (ed.) The Cambridge History of Southeast Asia, Cambridge University Press, 1999.
- THOMAZ, L. F. F. R. *The Malay Sultanate of Melaka*. In: REID, A. (Ed.). Southeast Asia in the early modern era: trade, power, and belief. [s.l.] Cornell University Press, 1993. p. 69–90.
- MORELAND, W.H. *The Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland* No. 4 pp. 517-533 (17 pages) 1920. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25209656> [Consult. 2022-11-01].

Webgrafia:

- <http://arquivopessoa.net/textos/2195>
- <https://australian.museum/learn/science/human-evolution/the-first-modern-humans-in-southeast-asia/>

- <http://bluenetworks2014.weebly.com/tomeacute-pires-and-the-rise-of-the-portuguese-empire.html>
- <https://www.bangkokriver.com/river-history/>
- <https://www.britannica.com/biography/Gaspar-Correia>
- <https://www.britannica.com/place/Thailand/The-Ayutthayan-period-1351-1767#/media/1/589625/3398>.
- <https://www.coinarchives.com/w/results.php?results=100&search=malacca>
- <https://comedoresdepaisagem.com/fernao-mendes-pinto-portugues-aventuras-asia/>
- <https://datupress.com/2019/04/10/the-ancient-filipino-town-in-malacca/>
- <https://encyclopedia2.thefreedictionary.com/Celates>
- [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$fernao-mendes-pinto](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$fernao-mendes-pinto)
- [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$francisco-de-almeida](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$francisco-de-almeida)
- <https://www.livraria-trindade.pt/pt/produtos/gaspar-correia-lendas-da-india-academia-das-ciencias-de-lisboa-lisboa-18581864>
- <http://livro.dglab.gov.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=6845>.
- <https://www.meer.com/pt/119-fernao-mendes-pinto>
- <https://phte.upf.edu/dhte/portugues/pinto-fernao-mendes/>
- <https://www.portuguese.asia/post/thai-words-of-portuguese-origin>
- https://www.pucau.org/?page_id=87&entry=34
- https://stringfixer.com/pt/Fortress_of_Malacca
- https://stringfixer.com/pt/Gaspar_Correia
- https://stringfixer.com/pt/Portuguese_conquest_of_Malacca
- <https://thriftytraveller.wordpress.com/tag/tome-pires/>

https://www2.ufrb.edu.br/petsocioambientais/images/A_importância_dos_animais_peçonhentos.pdf

ANEXOS

Tabelas Comparativas

ANEXO I: Referência ao papel desempenhado pelos homens.

Locais	Tomé Pires	Gaspar Correia	Fernão Mendes Pinto
Bengala	<p><i>“Ho Rey de bengala he poderoso tem muj Jemte De cavalo/terra em sey Regno cem mijl homês de cavalo peleja com Reis gentios grandes senhorês E moores que ele mas ho Rey de bengalla por caussa de ser mais chegado Ao mar tem mais eixerção De guerra he prevalece sobre eles he mujto dado aas armas”</i> (Cortesão: 220)</p> <p><i>“hos bengalas sam mercadores de grandes fazemdas”</i></p>	-	-

	<p>homes que nevegam em Jumeos” (Cortesão: 219)</p> <p>“tem muita jemte de cavallo/ tera em seu Regno cem mjll homēs de cavallo peleja com Reis gentios grandes senhores”” (Cortesão: 220)</p>		
Arracão	<p>“Rey jemtio mujto poderoso” (Cortesão:227)</p> <p>“mujta jemte de cavalo & mujtos alifantes” (Cortesão:227)</p>	-	-
Pegu	<p>“sam homees de meaaos corpos sam sobre ho groso parrados & boos trabalhadores de gramse forza amdam sempre trosquajados</p>	-	<p>“tudo gente Pegua, que de natureza he fraca, & para muyto menos q toda a outra de que tenho tratado” (Monteiro:600-601)</p>

	<p><i>darredor solapados há mca cabeça e emcima mais creçidos hos cabelos do betelle trazem sempre os dentes negrões trazem sobre as coxas gramde copea de pano bramquo e na cabeça panos bramcos e feicam de mjtra casy”.</i> (Cortesão: 236)</p>		<p><i>“he entre toda aquella gintilidade como Roma entre nos” (Monteiro: 725)</i></p>
<p>Sião</p>	<p><i>“Sam homēes gramdes baços Da trosquja De peeguu” (Cortesão: 237”</i></p> <p><i>“sam no que lhe conpre homees calados falam com modéstia bem emsynada hos momrrados tem grande obediência ao Rey” (Cortesão:</i></p>	<p><i>“bem aposentar, e dar muyta abastança de comeres, e mostrar hum alifante branco que tinha” (Lima Felner: 263)</i></p>	<p><i>“reynos de gentes brancas, de baças, & de outras mais pretas.” (Monteiro: 115)</i></p> <p>Habitantes de Produm, <i>“alem de por natureza serem gente muyto franca, não costumão ter armas defensivas”.</i> (Monteiro: 583)</p>

	238)		
Achem	-	-	Rei recebeu os portugueses com “ <i>bom gasalho e mostras de muyta alegria</i> ” (Monteiro: 65)
Java	<p>“<i>cavaleyrosa guerreira no mar</i>” (Cortesão: 288).</p> <p>“<i>os Jaãos sam homēs De bōos corpos homēes baços robustos</i>” (Cortesão: 288)</p> <p>“<i>sam homēs verdadeiros fazem em sua terra boa companhia aos mercadores os das beiras dos maã</i>” (Cortesão: 289)</p> <p>“<i>capados amdam vestidos ao traje (...) sam homees mujto ciosos</i>”</p>	-	-

	(Cortesão: 301)		
Malaca	“Hos malaios sam homees ciosos ” (Cortesão: 421)	“com muyta gente muy gerreira ” (Lima Felner: 231)	-
Camboja	“Jemte de Camboja he gerreira ” (Cortesão: 247) “andam tosqujadas polas orelhas po jemtaleza ” (Cortesão: 247)	-	-
Champa	“he gemte mujto fraqua no maar todo seu feito he na terra” (Cortesão: 250)	-	-
Sunda	“dizem que a Jemte de çumda he mais valente q há de Jaoa Estes sam boos homees & verdadeiros ” (Cortesão: 296)	-	-
Luçoes	“homêes homrados & boos mereadores ” (Cortesão:377)	-	-

ANEXO II: Referência ao papel desempenhado pelas mulheres.

Locais	Tomé Pires	Gaspar Correia	Fernão Mendes Pinto
Pegu	<p>“As mulheres sam mais bramcas q eles sam asy mesmo Dos corpos delles (homens) sam fremosas mais Desemuoltas trazem o cabelo a guisa da chijna” (Cortesão:236)</p>	-	-
Java	<p>“mulheres (...) beguynas” (Cortesão: 288)</p> <p>“Muitas mulheres Jaoas nam casam E virgees tem casas Nos momtes E alij acabam suas vidas outras despois que perdem hos pmeiros maridos se fazem beguinas as que nom querem</p>	-	-

	<p><i>queimar E destas Dizem q já na Jaoa gramde numero que seram mais de cem mjll mulheres”</i> (Cortesão: 300).</p> <p><i>“mulheres tazem os cabelos por cima de meios da cabeça de maneira de diadema estes servem da guarda das mulheres”</i> (Cortesão: 301)</p>		
Malaca	<p><i>“nunca nem saem fora alguua ora se sam pessoas pa isso saem em amdores cobertos”</i> (Cortesão: 421)</p>	-	-

ANEXO III: Referência aos costumes.

Locais	Tomé Pires	Gaspar Correia	Fernão Mendes Pinto
Bengala	<p><i>“Em bemgala se costumã os capados mais que em outra parte do mundo he grande parte Delles capados... Jemtis homêes”</i> (Cortesão: 219)</p> <p><i>“em bemgalla se usa ho costume de paçêe que quem quer que mata o Rey fica Rey tem E creem que nenhuã nam pode matar o Rey sem consentimento de ds E aquelle fica por Rey E desta maneira Duram hos Reis muj pouco”</i> (Cortesão:219)</p>	-	-
Malaca	<i>“ha em Malaqa</i>	<i>“E há muyto que</i>	-

	<p>quatro xabandares sam ofícios da cidade sam homees re recolhem os capitães dos juncos” (Cortesão: 418)</p> <p>“Se o rey tem filho mais velho de sua mulher casa o de quinze anos ao diamte” (Cortesão: 418)</p> <p>“Nemguem nonpode vistir pano amarelo senom ele sopena de morte e se quer sair he poor outro pano emtam mamda apreguoar a coor” (Cortesão: 419)</p> <p>“Quamdo alguu mamdarim hade morrer por justa</p>	<p>dizer dos costumes da gente, de suas idolatrias, casamentos e heranças, justiças, regimento do povo; o que nom contarey, porque meu propósito he sómente contar os feitos dos portuguezes” (Lima Felner: 222)</p>	
--	---	---	--

	<p> <i>vam a sua casa & dizem asde morrer e o mais cheguado parente ho mata as crisadas ho morto se lava primeiro e faz sua oraçam” (Cortesão: 420)</i></p> <p> “Como sam pessoas homrradas nom casam sem fazer saber primeiro ao bemdara(...) e se he amtre mouros ho homem hade dar a sua molher dez taees & sejs mazes douro (...) & se o marido a quer deixar ficamlhe as ditas arras & os vestidos e pode cada huu casar com quem lhe bem vier e se a molher fez com ho marido</p>		
--	--	--	--

	<p>viajem pollo maar emtam lhe entregua o direito ao marido e se dalij apartam em tall caso acode ho marido com hos dez taees & o ganho delles” (Cortesão: 420)</p> <p>“Se alguu homem faz adultério se o marido pode matar ao adultério & sua molher ambos dentro em casa fica livre se mata huu & outro e nam tem penna e se alguu fogio e o matou fora imdo de casa tem penna de morte somte o pode premder & dhy por diamte nom pode fazer vida com sua molher acusado o outro”</p>		
--	---	--	--

	<p>(Cortesão: 421)</p> <p><i>“Todd mamdarj qmdo vay ver o Rey nom se chega a ele a dez pasadas he allevamta as maaos ambas em cima da cabeça três vezes e emtam beija a terra & falalhe o que qr por terceiras pessoas e ao despedir outro tanto ysto os dias que sabem que o Rey se mostra a elles” (Cortesão: 421)</i></p> <p><i>“Todd mamdarjm qmdo falla com outro nom se asemta em pee por rezam dos asentos salvo se o asemto he jguoaall como</i></p>		
--	--	--	--

	<p><i>bamquo ou casa de huu teor e quamdo acenam a maa esquerda apertada com o dedo polegar estemdido e a maao drita sobre a esquerda asy falam por cortesyã” (Cortesão: 421)</i></p> <p><i>“gentios casam com mouras & mouro com gentia por suas cerimonjas e em seus prazeres & festas sam mujtas vezes tomados do vinho” (Cortesão: 422)</i></p> <p><i>“nom pode nemhuu homem vemder casa nem quymtaa sem licemça do Rey da terra ou do bemdara” (Cortesão: 428)</i></p>		
--	---	--	--

Achem	-	-	<p><i>“Lhe fiz meu acatamento, pndo três vezes o joelho no chão, & assi lhe dey a carta & o presente levava”</i> (Monteiro: 46)</p>
Sião	-	-	<p><i>“[...] e porque sua mulher nestes cinco meses que ele esteve ausente lhe tinha cometido adultério [...] a este tempo que el Rei aqui chegou já era prenha de quatro meses, receosa da razão que se arrecesse, determinou por se salvar do perigo em que estava de matar el Rei seu marido com peçonha & sem fazer mais detenção lha deu logo em uma porcelana de leite, de que não viveu mais que sós</i></p>

			<p><i>cinco días”</i> (Monteiro: 559)</p> <p><i>“Francisco de Crasto lhe deu as graças prostando-se três vezes com a cabeça no chão”</i> (Monteiro: 563)</p> <p><i>“por ser feira solenne, costumaua a fazer muytas esmollas a todos os que lhas pedião, & muytas merces aos seus”. (Monteiro: 563)</i></p> <p><i>“A morte daquelle bom Rey de Sião, & o adultério daqlla mã Raynha sua molher, de q atrás dey larga cõta foraõ a raiz & o principio de tantas discórdias, & de tãtas & taõ cruéis guerras</i></p>
--	--	--	---

			<p><i>quãtas ouue nestes dous reinos de Pegu & de Sião, as quais duraraõ três annos & meyo cõ tanto custo, assi de sangue como de fazêda, como se tem visto no q ategora tenho cotado, cujo fim foy ficar o Chaumigrê Rey do Bramá senhor absoluto do reyno de Péguu”</i> (Monteiro: 617)</p>
Camboja	<p><i>“Tê por costume cortarem os narizes a todo cativo & principalmente aos de camboja q prymeiro ysto usou”</i> (Cortesão: 246)</p> <p><i>“Nesta terra se queimam os senhores por morte do Rey E as</i></p>	-	-

	<p><i>mulheres dos Reis & outras mulheres p morte se seus maridos” (Cortesão: 247)</i></p>		
Java	<p><i>“customase em sumda qmdo ho Rey morre qeymareense suas mulheres & fidallguos seus & asy qmdo qll qr Dhy pa baixo morre ē sua casa tambēm se faz outro tanto E ysto se querem nom po q pa isso as mulheres se jã convertidas por pas a morerē somemte as q De seu moto querem & as q nam sam beguynas seguem apartada vida e nam casam delas/ outras casam três quoatro vezes sam estas poucas estranhas</i></p>		

	<p>na terra”.</p> <p>(Cortesão: 289)</p> <p>“Qmdo o Rey hade sair (...) comdiçam nom saie de casa nenhuu homem omrrado”</p> <p>(Cortesão:301)</p> <p>“se faz a Reveremçia e cortesia Delatria as maaos em cima Da cabeça os seus naturaees/ E huus a outros põem a mao Dereita nos peitos & qmdo falam cruzam as mãos & ysto a jente baixa com os Sres E falam de lomge obra de quaotro cimquo passadas E as mais vezes por terçeiras pessoas porq este he o</p>		
--	--	--	--

	<p><i>cortesaõ costume aos fidalguos falarlhe por terceira pessoas qmdo esta acompanhado as cortesyas do sertão” (Cortesão: 302)</i></p>		
--	--	--	--

ANEXO IV: Referência ao comércio e produtos.

Locais	Tomé Pires	Gaspar Correia	Fernão Mendes Pinto
Bengala	<p>“A terra he mujto abastada de mujtos mamtimentos De carnes peseados arrozes trigo barato” (Cortesão: 219)</p> <p>“Vem De bemgalla a malaca cadano huū Junco E dous as vezes vall cada huū oitenta noventa mjll czdos trazem Roupa branca fyna</p>	-	-

	<p> <i>synabfos de sete sortes chautares De três sortes beatilhas beijramês panos outs Ricos trará atee vinte sortes Delles trazem aço Riquysymos çeões De camas Dantretalhos De todas corês E mujto fermosos paredes De easas como panos Darmar E asy mesmo comservas”</i> </p> <p> (Cortesão: 223- 224)</p> <p> “Em mujta abastança todos os <i>mjrabulanos em comserva gengivres laranjas pepinos cenoyras Raboos limõees azamboãs figuos aboboras</i> </p>		
--	---	--	--

	<p> <i>combalengas E outras mujtas fruitas & destas também também em vinagre trazem mujta copia De vasos De barro pardo mujto cheirosos q se estimam mujto nestas ptes & valem baratos”</i> (Cortesão:224) </p> <p> <i>“pymenta sandallos bramqos synabafos peqnos azougue Vmelham Damasquos cetijs brocados Roupa branca”</i> (Cortesão: 246) </p>		
Arracão	<p> <i>“há três ou quatro sortes de pannos dalguoadam De que vetem os comarquaaos”</i> (Cortesão: 228) </p>	-	-

	<p>“gemte nom mujto domestiq̃a estes trazem os almjzqueres he Rubijs a gramde cidade Dava q̃ he a pimcipall cousa do Regno De Racam & daly vem teer a peguu & de peguu se espalha pa bemgalla Narsijmgua E pa paçee he malaqa” (Cortesão: 228)</p>		
Pegu	<p>“Regno mujto abastado De carnes arozes E cousas de seu comer” (Cortesão: 229).</p> <p>“Ho primeipall he aroz... E beyjoym almjzqr pedra Rubijs prata manteygas zeytes sall çebollas alhos mostarda & cousas</p>	<p>“naos hiao de Meca para Pegu carregadas de riças mercadarias, de muyto cobre, azougue, vermelhao, coral, panos de cores, estoraqelyqe, agoas rosadas, e muyto dinheiro” (Lima Felner: 214)</p>	-

	<p>a estas semelhantes De comer" (Cortesão: 231).</p>		
Sião	<p>"Há em siam aroz em mujta cantidade & mujto sall peixe seq salgado oraquas legumes" (Cortesão: 242)</p> <p>"Iacar nejoy brasill chumbo estanho prata ouro marfil eana fistola trazem vasos de cobre & ouro fundido anees De rubijs & diamantes traze gramde copia De panos baixos syames" (Cortesão: 242)</p>	<p>"bem aposentar, e dar muyta abastança de comeres, e mostrar hum alifante branco que tinha" (Lima Felner: 262)</p> <p>"os junços de Siam, que trazião muyto ouro" (Lima Felner: 284)</p>	<p>"erão tantos os mercadores que vinhão de todas as partes" (Monteiro: 100)</p> <p>"todos os juncos do Sião, & de toda a costa do Malayo q navegavam para a China (...) às vezes vendem bem suas fazendas a troco de ouro, & Calambaa, & marfim, de que em todo este reyno há muyto grande quantidade" (Monteiro: 113)</p> <p>Em Chiammay existem "muytas minas de prata, cobre, estanho & chumbo" (Monteiro:</p>

			<p>114)</p> <p><i>“grandeza, abastança, riqueza & fertilidade q vy neste reyno de Sião” (Monteiro: 583)</i></p> <p><i>“Este reyno, como se pode ver no mapa, tem por sua graduação quasi setecentas lagoas de costa & cento & sessenta na largura do sertão. A mayor parte dele he de terras baixas em q há muitas capinas lavradas, & rios de agoa doce, & por isso he muito fértil, & abastada de mantimentos & de carnes” (Monteiro: 583)</i></p> <p><i>“tem arvoredos</i></p>
--	--	--	---

			<p><i>espessos de muita madeyra de Angelim [...] Tem muitas minas de prata, ferro, aço, chumbo, estanho, salitre & enxofre. Tem também muita seda, aguila, bejoim, lacre, anil, roupas dalgodão, rubis, çafiras, marfim, &ouro, &disto tudo muyto grande quantidade”.</i> (Monteiro: 583)</p> <p><i>“todos os anos se carregão mais de cem jucos para a China, Ainão, Lequios, Camboja & Champa”</i> (Monteiro: 583)</p> <p>Odiaa (Ayutthaya) <i>“não ha anno que não naueguè de mil júcós para cima”</i></p>
--	--	--	---

			<p>(Monteiro: 584)</p> <p><i>“Ha mais neste reyno muita pimenta, gengiure. canella, canfora, pedrahume, canifistula tamannho, & cardamomo cm muyto grande quantidade”</i></p> <p>(Monteiro: 584)</p>
Bornéu	<p><i>“trazem ouro(...) camfora (...) mjrabulanos(...) trazem çera mel aroz”</i> (Cortesão: 375)</p>	-	-
Sunda	<p><i>“tem por principall mercadoria aroz çumda tem também ouro de toque Doyto mates tem mujtos panos a sua guisa”</i> (Cortesão: 290)</p> <p><i>“tem carnes sem</i></p>	-	-

	<p><i>comto porcos cabras carneiros vacas em grande cantidade tem vinhos tem fruytas”</i> (Cortesão: 290)</p>		
Aru	-	-	<p>Armas e munições fornecidas pelos portugueses: “dize-lhe, que o mais que entendo que lhe devo pelo amor que mostrou no socorro das munições que mandou por ty, deixo para lho levar por mim quando com mais descanso do que agora tenho me vir livre destes inimigos” (Monteiro: 67)</p>
Malaca	<p>Mercadoria transportada de Malaca a Bengala: “A primcipall mercadaria q levam pa bemgala he</p>	<p>“Malaca, que tinha mais riqueza que dez venezas” (Lima Felner: 164) “tinhão em Malaca</p>	<p>“cem panellas de pólvora, & rocas, & bombas de fogo, com que se partio tão contente desta fortaleza” (Monteiro:</p>

	<p><i>camfora de burney & pymta. Destas duas grande copia cravo maçãs noz mozcada samdallos seda alJofar grande soma porcelanas gramdês” (Cortesão: 224)</i></p> <p>Mercadoria de Malaca para Pegu: <i>“He a principall cousa porcelanas baixas de sortees E de lauores Vmelhos/ azouge muyto cobre vermelhão Damaseos emrolados eseuros De frores que vem logo de china pa eles” (Cortesão: 231)</i></p> <p>Mercadoria de Malaca para Sião:</p>	<p><i>hum xabândar, que era cabeça de todos os mercadores” (Lima Felner: 220)</i></p>	<p>43)</p>
--	--	---	------------

	<p> <i>“espauos he Espauas que levam em camtidade samdollos brancos pymenta azougue vermelham amfiam azernefe cravo maças noz synabafos gramdes & pequenos he panos qualijis ao eustume De siam chamallotes aguoá rosada aleatifas broeados de eambaya eaurijs bramqos çera camfora de burney”</i> (Cortesão: 242) </p>		
Cochin - china	<p> <i>“ouro pta mujto mais que em champaa calambac nom he tamto como champaa tem porcelanas & baçios delas de gramde vallya”</i> </p>	-	-

	<p>(Cortesão: 250)</p> <p><i>“tem de todas sortes de tafetás mjlhores mores & mais larguos & fynos q em todallas outras ptes qua & nas nossas tem as melhores sedas soltas de cores q qa haa em gramde avomdança & tudo ysto q asy tem he fyno & oerfeito sem falsydade que tem as cousas doutras ptes he também aljôfar & nom mujto”</i> (Cortesão: 250)</p> <p><i>“a cabeça Da mercadoria em cauchy prezada he emxofre”</i> (Cortesão: 250)</p>		
Molucas	<i>“As ilhas de Maluco sam cimço que</i>	<i>“Maluco, terra onde nascia o cravo”</i>	-

	<i>dam cravo</i> (Cortesão: 339).	(Lima Felner: 265)	
Luções	<p><i>“Os burneos vam as terras dos luçoees resgatar ouro”</i> (Cortesão: 377)</p> <p><i>“Tem luçoees em sua terra mujtos mantimentos E çera mell”</i> (Cortesão: 377)</p>	-	-
Sumatra	<p><i>“Tem ouro em mujta cantidade camfora de comer De duas meneiras pimemta seda beijoym lenho aloes de butica tem mell çera breu emxufre algodam mujtas Rotaas (...) aroz bramco & por pillas tem mujtas carnes e pescados (...) tem azeites vinhos”</i> (Cortesão: 380)</p>	-	<p><i>“veyo hum del Rey dos Batas, que habita na ilha Çamatra da parte do Oceano (...) trouxe hū rico presente de paos de aguila & calambaa, & cinco quintais de bejoim de boninas”</i> (Monteiro: 40)</p>
Camboja	<i>“De mujtos</i>	-	-

	<p>mamtimentos c camtidade” (Cortesão: 247)</p> <p>“mujto aroz & bom carnes pescado & vos a sua guisa & tem esta terá ouro tem alacar mujtos dentes dalifantes peixe sego aroz” (Cortesão: 247)</p>		
Champa	<p>“mujto aroz carnes & outos mamtimentos” (Cortesão: 248)</p> <p>“As mercadorias De champaa a primcipall he calambac” (Cortesão: 248)</p> <p>“De champaa tem por mercadaria ouro em sua onesta valya he ouro em pedaços grosos” (Cortesão: 249)</p>	-	-

Java	“Tem pimenta melhor que a de cochim” (Cortesão: 290)	-	-
Campar	“tem ouro tem lenho alões de butica tem mujto breu mell çera tem arroz que abasta hos moradores” (Cortesão: 416)	-	-

ANEXO V: Referência à religião.

Locais	Tomé Pires	Gaspar Correia	Fernão Mendes Pinto
Bengala	“Tem grande nome antre hos mouros ” (Cortesão: 219) O Rei “he mujto Mouro De vomtade há tezemtos anos que os Reis deste Regño se tornaram mouros ” (Cortesão: 220)	-	-
Pegu	“Peeguu he Regno	-	-

	<i>De Jemtios”</i> (Cortesão: 219)		
Malaca	<i>“gentios casam com mours & mouro com gentia”</i> (Cortesão: 422)	<i>“estava um mouro chamado Melagia, mouro principal de Malaca”</i> (Lima Felner: 216) <i>“onde avia muytos mouros muy armados e a gente da terra”</i> (Lima Felner: 228) <i>“Avia em Malaca hum mouro chamado Utemutaraja, o principal homem de Malaca, de nação gentio”</i> (Lima Felner: 253) Referência à religião cristã após tomada de Malaca: <i>“Em cyma da porta pôs huma pedra em que estava o</i>	<i>“mandou um mouro natural dahy de Malaca para os beneficiar”</i> (Monteiro: 44) Reino de Quedà na costa da terra firme de Malaca: <i>“peçote senhor q antes me tomes por teu cativo, que mandarsme matar como a esses que ahy jazem, porque te juro a ley de Christão q o não mereço, & lembrote que sou capitão de Malaca, que te dará por mim quanto dinheyro quiseres”</i> (Monteiro: 57) <i>“eramos Christão naturaes de Malaca”</i> (Monteiro:71)

		<p><i>escudo das quinas, e em cyma do curucho da torre huma grande bandeyra de pasta de cobre, e em cyma a cruz de Christus, e na bandeyra cortadas as quinas”</i> (Lima Felner: 252)</p> <p>Gravura da cruz de cristo nas moedas de Malaca. (Lima Felner: 256)</p>	
Sião	<p><i>“Em syam há mujto poucos mouros”</i> (Cortesão: 238)</p>	-	<p><i>“O Rey se chama por título supremo Prechau Saley, que em nossa lingoagem quer dizer, membro santo de Deos”</i> (Monteiro: 584)</p> <p><i>“Ihes deu licença que pudessem em qualquer lugar do seu reyno fazer</i></p>

			<i>igrejas em nome do Deos Portuguez fosse adorado” (Monteiro: 566)</i>
Cochin - china	<i>“EIRey he Jemtio E toda sua gente nom sam amiguos de mouros” (Cortesão: 250)</i>	-	-
Camboja	<i>“Rey gentio” (Cortesão: 247)</i>	-	-
Champa	<i>“He o Rey Jemtio” (Cortesão: 248)</i> <i>“non tem mouros em seu Regno” (Cortesão: 249)</i>	-	-
Sunda	<i>“He Regnuo De çumda nom comsemte mouros (...) porq hos mouros sam manhosos” (Cortesão: 296)</i>	-	-
Java	<i>“O Rey de eumda he Jemtio” (Cortesão: 288)</i>	-	-
Molucas	<i>“os Rex das ilhas</i>	-	-

	<p><i>sam mouros nam mujto emcarnados na seyta mujtos sam mouros sem sere circumçidados e nam sam mujtos os mouros os Jemtios sam de quoaatro partes as três e mais” (Cortesão: 339)</i></p>		
Borneu	<p><i>“Burney sam mujtas ilhas grandes & pequenas cassy todas sam de Jemtios somente a principall he de mouros” (Cortesão: 375).</i></p>	-	-
Sumatra	<p><i>‘Alguus Reis sam mouros os mais e alguus sam Jemtios” (Cortesão: 380)</i></p>	-	-

ANEXO VI: Referência ao estado do tempo.

Locais	Tomé Pires	Gaspar Correia	Fernão Mendes Pinto
Malaca	-	<p>“O Governador, com muyto trabalho de contrastes de tempos, chegou à cidade de Malaca já em meado junho (...) perigoso por caso das trevoadas” (Lima Felner: 219)</p> <p>“A nossa armada passou ao longo da praya, toda abandeyrada e apauesada” (Lima Felner: 219)</p>	<p>“E porque já neste tempo erao catorze de Março, & a monção de Malaca era já chegada; se partio Pero de Faria para Goa” (Monteiro: 39)</p>
Java	<p>“A viagem da Jaoa hee no pincipio de Janeiro a pimeira moução e tornam de mayo e diamte atee agosto setembro daquele anno” (Cortesão: 438)</p>		

Sumatra	-	-	<p>Menção de tempestades que causavam a destruição de naus: “<i>de vinte e oito pessoas que nella hiamos, as vinte e três se afogarão (...)</i> e os cinco que escapamos somente pela misericórdia de nosso Senhor” (Monteiro: 68)</p> <p>“nos deu hua <i>trovoada</i> de Noreoeste (que são os <i>temporaes</i> que <i>comummente a mór parte do anno cursão nesta ilha Çamatra</i>)” (Monteiro: 68)</p>
---------	---	---	---

ANEXO VII: Referência à moeda.

Locais	Tomé Pires	Gaspar Correia	Fernão Mendes Pinto
Pegu	<i>“A moeda Desta terra he eãça q qr dizer fruseleira” (Cortesão: 229)</i>	-	-
Siao	<i>“Pagam os mercadores estramjeiros em siam De nove dous e os chijs de doze dous ho bahaar he do peso da china nem mais nem menos ho cate de syam do ouro e da prata tem huu cate & meyo de malaqa corre por moeda meuda em toda a terra buzeos dos que corre em peguu e nas grosas ouro e prata valem esta moedas ho preço que se disse em peguu” (Cortesão: 238)</i>		-

Malaca	<p><i>“A moeda de malaqua se fez por calajs” (Cortesão: 428)</i></p>	<p><i>“Em Malaca nom corria nenhuma moeda d'ouro nem de prata, porque todo se compraua, e vendia, as mercadorias humas a troço d'outras, e as miudezas do bazar de comer se comprauão per huma moeda d'estanho, a que chamauão calayns. (Lima Felner: 256)</i></p>	<p>Diversas referências ao “cruzado” como <i>“nossa moeda”</i>.</p> <p>Exemplo no Cap. XXV Do Que Mais Me Socedeeo Com Este Mercador Mouro (Monteiro: 74)</p>
Bengala	<p><i>“Em bemgala vall mais ho ouro a sejsta parte que em Malaqa E a prata he mais barata em Bengala que em malaqa a qujmta parte E as vezes a quarta parte a moeda da prata chamse tanqat pesa meio taell que sam casy seis oytavas vall esta</i></p>		-

	<p><i>moeda em Malaqa vymte calaijs vall em bemgala sete cahon cada cahon vall dezaseis pon cada pon vall oitemta buzëos E vall cada tancat oito mjll E novecentos & setemta buzeos sae ao calaim quoatrocentos & coremta & oyto q he preço por que dam huuâ ga boa E por isto de poderá sabr o que poderá comprar po ellse chamanse os buzeos em bemgala curry” (Cortesão: 225)</i></p>		
--	--	--	--

ANEXO VIII: Referência à fortaleza de Malaca “A Famosa”.

Locais	Tomé Pires	Gaspar Correia	Fernão Mendes Pinto
Malaca	<p><i>“fezerom a famosa fortaleza demtro na sua mezquita grande” (Cortesão: 435)</i></p>	<p><i>“Com parecer de todos, fundou a fortaleza muyto junto ao rio e a praya do mar, em que logo abrio os alicerces pera torre da menagem, que determinou fazer de tanta altura” (Lima Felner: 251)</i></p> <p><i>“Meteo n'este trabalho trezentos homens da terra, que pagaua, e o trabalho era grande em desfazer as mesquitas” (Lima Felner: 251)</i></p>	<p><i>“Simão de Mello, que então, como já disse, era capitão da fortaleza” (Monteiro: 629)</i></p>